

**INSTITUTO DE ECONOMIA - IE
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP**

**A OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA AGRÍCOLA NA BAHIA:
UMA ANÁLISE REGIONALIZADA DA DÉCADA DE 90**

Campinas, agosto de 2003

A OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA AGRÍCOLA NA BAHIA: UMA ANÁLISE REGIONALIZADA DA DÉCADA DE 90

Dissertação apresentada por Vitor de Athayde Couto Filho no curso de mestrado de Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente, sob a orientação da professora Dra. Angela Kageyama.

Banca:

**Profa. Dra. Angela Kegeyama – orientadora
Prof. Dr. Luiz Filgueiras
Prof. Dr. Walter Belik**

AGRADECIMENTOS

Devo, inicialmente, registrar que a realização deste trabalho ocorreu em meio a muitas adversidades e conquistas pessoais e profissionais. Ciente desta situação, Angela, minha orientadora e professora inspiradora, apoiou-me e dedicou-se ao trabalho. A ela agradeço imensamente.

Da mesma maneira, outras pessoas exerceram papéis muito importantes para que eu chegasse ao final do trabalho em tempo, superando as adversidades que surgiram no caminho. Foram fundamentais o amor, o carinho e a atenção de Bel, minha força maior, de Né, principal presença nos meus pensamentos, no coração e no texto, de meu pai, Vitor, eterno e completo orientador e professor, de minha mãe, Graça, a maior e incondicional torcedora, de meus avós, Vasco, “meu guru”, Carmita e Dalva, de meu grande amigo Manolo, de meus apaixonados e apaixonantes irmãos, Cati, Fau, Zé, Ana e Ju, e de meus sinceros e eternos amigos da Bahia e de outras partes deste Brasil Rurbano.

Fundamental também foi o auxílio muito mais que profissional de técnicos e amigos da SEI. Agradeço especialmente a Heloísa, que muito se dedicou e me ajudou com as infinitas tabelas. Também foi indispensável e fraterno o apoio técnico recebido de Ana Mônica, Patrícia, Ana Georgina, Ana Lúcia, Thomaz e Lino.

Agradeço, por fim, aos técnicos da EBDA que me ajudaram na coleta das informações de campo, assim como aos muitos mestres e professores que passaram por minha vida, guiando os meus passos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	ix
1. AGROPECUÁRIA E OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA	1
1.1. Os Impactos do Produtivismo	4
1.2. Produtivismo e Ocupação da Mão-de-obra Agrícola	8
1.3 O Novo Nordeste	9
1.4 O Velho Nordeste	11
1.5 O Caso Baiano	13
2. O TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO	19
2.1. Os Dados do Capítulo 3.....	20
2.2. Os Dados do Capítulo 4.....	22
2.2.1. A MOA original	22
2.2.2. A MOA adaptada.....	30
2.2.3. A utilização das PNAD	31
2.3. O Cálculo das Taxas Anuais de Crescimento.....	32
3. AS RECENTES TRANSFORMAÇÕES DA AGROPECUÁRIA BAIANA.....	33
3.1. Breve Análise do PIB Agropecuário	33
3.2. A Reorganização da Agropecuária Baiana.....	36
3.3. O Segmento Agricultura.....	41
3.4. Caracterizando as Mesorregiões.....	47
3.5. A Agricultura Familiar Baiana	54
4. TENDÊNCIAS PARA A OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA AGRÍCOLA.....	57
4.1. A Ocupação da Mão-de-Obra Agropecuária na Bahia.....	57
4.2. A Ocupação no Segmento Agricultura.....	60
4.2.1. Os dados da MOA original.....	60
4.2.2. Interpretando a MOA adaptada	62
4.2.3. As mudanças nos coeficientes técnicos.....	64
4.3. A Ocupação nas Mesorregiões	66
5. CONCLUSÕES	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
TABELAS E ANEXOS	85

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho busca-se identificar tendências para a ocupação da mão-de-obra agrícola na Bahia, considerando-se o avanço da modernização do setor e, ao mesmo tempo, a permanência de antigos problemas de ordem natural, econômica e social identificados no ambiente rural nordestino e baiano, em particular.

Parte-se, no capítulo 1, de um referencial histórico e conceitual que trata do avanço da modernização agropecuária, ou do modelo produtivista, como é mais usado no texto, e seus possíveis impactos econômicos, ambientais e sociais, especialmente no que diz respeito à ocupação da mão-de-obra. Também são verificados esses mesmos impactos nas áreas não atingidas pelo modelo produtivista, onde prevalecem e se intensificam relações de produção arcaicas, aliadas à falta de infraestrutura básica, de educação, de saúde, de tecnologias modernas, de mercado e de água.

No capítulo seguinte, são apresentadas as informações utilizadas nas análises. Discutem-se as fontes, as limitações dos dados, os métodos empregados no tratamento dos dados, a coleta de campo, o método de sistematização das informações e os cálculos efetuados.

No terceiro capítulo caracteriza-se a agropecuária baiana (lavouras, em especial), destacando suas transformações mais recentes. Analisam-se dados para o Estado da Bahia como um todo e para suas mesorregiões, durante a década de 90, período considerado decisivo no processo de modernização agrícola e de transformação do setor agropecuário baiano.

Tomando-se por base o referencial histórico e conceitual e as recentes transformações do setor no Estado, analisam-se, no quarto capítulo, os dados relativos à ocupação da mão-de-obra, para todo o Estado e suas mesorregiões, buscando-se identificar tendências espacializadas e por produto da agricultura baiana.

Ao final, conclui-se que há uma tendência de estagnação da ocupação da mão-de-obra agrícola na Bahia. Verifica-se também que a tendência não é a mesma para todas as regiões trabalhadas. Cada uma apresenta características e dinâmicas distintas, decorrentes dos diferentes modelos de produção empregados e dos *mix* de culturas estabelecidos.

1. AGROPECUÁRIA E OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA

Em várias partes do mundo, o meio rural experimenta grandes transformações. Esse processo vai da inversão radical do fluxo migratório até a emergência de novas atividades não necessariamente agropecuárias, embora sejam muitas vezes complementares ao setor, conforme Graziano da Silva (1998), Del Grossi (1999), Vilela (1998) e Schneider e Navarro (1998). Os habitantes do meio rural recorrem à pluriatividade¹ (combinação de atividades, principalmente agropecuárias com não-agropecuárias), ou simplesmente às atividades não-agropecuárias.

Essas transformações suscitam um amplo debate no meio científico, em busca de um novo conceito de mundo (ou de espaço) rural. A visão de que o meio rural é o *locus* exclusivo das atividades agropecuárias, enquanto a indústria e os serviços são próprios do meio urbano, está ultrapassada, pelo menos nas áreas mais desenvolvidas. A esse respeito, é também discutível atribuir o exclusivo agrícola ao meio rural atrasado. Em determinadas regiões, como o semi-árido nordestino, as condições adversas e o próprio atraso socioeconômico têm induzido as famílias rurais à prática de atividades diversificadas, inclusive não-agropecuárias. Assim, elas acabam recorrendo a uma verdadeira “estratégia de sobrevivência”, da qual fazem parte as migrações temporárias, bem como a polivalência das ocupações que essas lhes impõem. Eis que inúmeras atividades não-agropecuárias emergem no meio rural atrasado, assim como, por analogia, incha-se o setor terciário (cf. Oliveira, 1975) nas sociedades subdesenvolvidas, não significando, necessariamente, um fenômeno típico de sociedade pós-industrial. Este tema será aprofundado mais adiante.

¹ Conforme Kageyama (1998), a discussão no plano conceitual do que venha a ser o objeto preciso de estudo da pluriatividade é quase interminável. Esse estudo pode ser feito em vários níveis analíticos e o termo “pluriatividade” apresenta significados distintos conforme o nível (ou estágio) de desenvolvimento da economia agrícola familiar e seu contexto. No nível micro, colocam-se dois planos de análise: a unidade familiar, seja no sentido estritamente demográfico do termo, seja enquanto unidade de produção; o indivíduo, em que as qualificações e estratégias profissionais dos membros da família agregam-se, sendo a atividade agrícola já restrita a um papel secundário. Ao mesmo tempo, exerce-se essa segunda atividade num contexto territorial que deve constituir um outro nível analítico, decorrente do vínculo da propriedade rural com outras atividades (em indústrias, comércio e serviços) e em mercados de trabalho locais não muito distantes. Assim, a noção de pluriatividade, tomando-se como referencial a atividade agrícola, não pode ser analisada no âmbito exclusivo da unidade produtiva, já que existem relações mercantis com outros setores econômicos, com os mercados de trabalho e mercados de produtos e insumos. Além disso, é necessário haver um dinamismo no contexto territorial para absorver a mão-de-obra pluriativa ou os produtos oriundos da produção pluriativa.

As mudanças no meio rural levam a outras, mais abrangentes, a exemplo daquelas percebidas no desenvolvimento das políticas agropecuárias em países como Holanda, Alemanha e França. Este último e pequeno país, considerado a maior potência agroindustrial da União Européia e segunda do planeta, vem sendo objeto de uma “nova revolução agrícola”. Foi aprovada recentemente a “nova lei de orientação agrícola”, que rompe com uma filosofia vigente há trinta anos e redefine radicalmente o agricultor, que passa a ser trifuncional. Essa nova regulamentação propõe um “contrato territorial de exploração” e estima que a função dos agricultores, hoje, não é somente econômica, mas também “social e ambiental”. Em outras palavras, os objetivos da política agrícola ultrapassam o incentivo ao aumento da produtividade, ressaltando também outros aspectos: valorização do território, preservação dos recursos naturais e da biodiversidade, melhor gestão do espaço rural, melhor qualidade dos produtos, geração de empregos e melhoria nos rendimentos dos agricultores. O reconhecimento da multifuncionalidade da agricultura levou a uma ampliação do conceito de atividade agrícola, com o objetivo de permitir aos agricultores maior valorização de seus produtos. Entendem-se como agropecuárias, por exemplo, as atividades ligadas à hospedagem para uso turístico ou ao lazer, desde que representem um prolongamento da atividade principal, o que as caracteriza como atividades “acessórias”. (France, 1998)

Uma forma de avaliar essa nova dinâmica é o recurso à análise dos dados que indicam a dinâmica da população total e da população ocupada no meio rural, verificando-se também como ela se distribui entre as atividades. Nos EUA, por exemplo, existem dados recentes que surpreendem os observadores. Segundo o *Bureau of the Census* (apud Cromartie e Beale, 1997), entre abril de 1990 e julho de 1995 os municípios não-metropolitanos dos EUA tiveram a sua população aumentada em 2,6 milhões de residentes, o dobro do crescimento verificado nos anos 80. Entre julho de 1994 e o mesmo mês de 1995, a taxa de crescimento da população não-metropolitana (1,1%) superou a das áreas metropolitanas (0,9%), pela primeira vez desde os anos 70.

Observe-se que, entre 1990 e 1995, 60% do crescimento da população não-metropolitana deveu-se à migração líquida (imigrantes menos emigrantes), contra 25% nas áreas metropolitanas.² A participação restante deve-se ao incremento vegetativo (nascimentos menos óbitos). Pode-se admitir que o principal fator explicativo da evolução das taxas de crescimento da população nas áreas não-metropolitanas seja a intensificação das migrações, no sentido de uma *volta ao campo*.

Para Cromartie e Beale (*op. cit.*, p. 9), “se os atuais padrões migratórios persistirem, os anos 90 podem vir a ser a década de maior crescimento populacional em áreas não-metropolitanas.” Ainda de acordo com aqueles mesmos autores, esse fenômeno explica-se pelo crescimento de atividades não-agropecuárias no meio rural, principalmente das recreativas e as relacionadas com pessoas aposentadas.

Ainda que não apresente a mesma magnitude encontrada nos países desenvolvidos, a pluriatividade e a ocupação em atividades não-agropecuárias no meio rural vêm-se difundindo também nos países em desenvolvimento, e o Brasil não foge à regra, como já é possível observar nos resultados até agora apresentados pelo Projeto Rurbano. Esse projeto, executado pelo Núcleo de Economia Agrícola do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, contempla estudos em vários Estados da federação objetivando conhecer as variadas dinâmicas rurais relacionadas com a ocupação da mão-de-obra e a renda.

Segundo estudo realizado pelo coordenador do referido projeto (Graziano da Silva, 1997a), embasado nos microdados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio - PNAD/IBGE, todas as taxas de crescimento do número de pessoas ocupadas em atividades rurais não-agropecuárias apresentaram-se positivas e bastante superiores às taxas de crescimento da ocupação na agricultura. Dentre as atividades rurais não-agropecuárias, destacam-se aquelas relacionadas com as indústrias e agroindústrias, e com o avanço do processo de urbanização (construção civil, turismo e lazer). Nesse mesmo estudo,

² Segundo Cromartie e Beale (*op. cit.*), os ganhos na migração líquida das áreas metropolitanas resultam do ingresso de estrangeiros, compensando perdas da população que se dirigiu para áreas não-metropolitanas.

analisando valores médios para o País, o autor constata que, em 1990, as rendas médias rurais superavam em quase um terço a das pessoas residentes no meio rural ocupadas em atividades exclusivamente agropecuárias. Em outras palavras, foram as rendas provenientes das atividades rurais não-agropecuárias que puxaram para cima a renda média das pessoas residentes no meio rural brasileiro.

Mas, o que explicaria esse processo de intensas transformações no meio rural? Segundo os pesquisadores do Projeto Rurbano, essas mudanças, que compõem o chamado “novo rural” (Graziano da Silva, 1998, p. 117), têm como principal indutor os impactos nas áreas social, ambiental e até econômica causados pelo modelo de produção agrícola vigente.³ Em outras palavras, são principalmente os impactos oriundos do processo de modernização da agricultura baseado no produtivismo⁴ que têm levado à formação do “novo rural”.

1.1. Os Impactos do Produtivismo

O produtivismo se expandiu com maior intensidade logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando os países mais industrializados (EUA e alguns da Europa) experimentaram um rápido desenvolvimento agrícola baseado na incorporação de inovações tecnológicas e organizacionais, com amplo apoio do Estado. Os EUA tiveram um papel fundamental no processo de difusão desse modelo de produção (e de consumo), com o apoio dos fundos do Plano Marshall para os países devastados pela Guerra.

A modernização agrícola que ocorreu nesses países possibilitou um significativo aumento da oferta de alimentos e matérias-primas, ao tempo em que a demanda interna de cada um dos países tornava-se crescentemente inelástica. Sobre esse assunto, Etxezarreta et al (1989, p.76) afirmam que já nos anos 50 os EUA apresentavam uma tendência excedentária, levando-os a potencializar suas exportações.

³ Deve-se ressaltar que, em menor proporção, o referido processo decorre também de impulsos das próprias atividades não-agropecuárias que se voltam para o meio rural.

⁴ Entende-se por produtivismo o modelo de produção dominante na agricultura que busca crescentes rendimentos físicos por hectare e menores custos, baseando-se na utilização intensiva de insumos químicos, máquinas e equipamentos (alimentados, por sua vez, pelo petróleo), na monocultura e na produção em grande escala de *commodities*.

Na década de 60 confirma-se a supremacia técnica e econômica da agricultura norte-americana, que domina progressivamente os mercados mundiais. Também nessa década inicia-se a propagação do produtivismo nos países do sul. Trata-se da chamada “Revolução Verde”. Esse processo, que se dá com amplo apoio dos Estados nacionais e forte influência das exportações subsidiadas norte-americanas, altera significativamente os padrões de consumo. De acordo com Tubiana (1985, p.107), “o trigo, o pão e o arroz tendem a ocupar o lugar dos cereais tradicionalmente cultivados (milho na América Central ou no Egito, milho e sorgo na África Ocidental); cresce o consumo de carne e de produtos derivados do leite”. Ressalta ainda que, “os hábitos de consumos são modificados até antes que as agriculturas locais estejam em condições de responder às novas demandas” (op. cit, p. 108). Quer dizer, abre-se um mercado para os produtos alimentares norte-americanos e também para a agroindústria fornecedora de insumos, grande parte concentrada nos EUA.

Diante desse quadro, os EUA têm grande interesse na ampliação do comércio mundial, mesmo que precisem recorrer a uma série de medidas de proteção da sua agricultura. Fica estabelecido um modelo de organização de trocas, onde são definidos níveis de preços e divisão do mercado. Os preços estáveis são uma pré-condição para a difusão do modelo de produção-consumo, ou seja, “a adoção das normas de produção, a localização das atividades (...) e a transformação dos hábitos de consumo apóiam-se nas antecipações dos atores econômicos, privados ou públicos, que contam com um abastecimento abundante e praticado com condições previsíveis” (op. cit., p.110, grifo nosso).

Em relação ao mercado mundial, há uma certa partilha dos EUA com o Canadá, França, Argentina e outros países de clima temperado, mas ressalta-se a hegemonia norte-americana, apoiada na força do Estado, nas firmas multinacionais do setor agroalimentar e na eficácia dos modelos técnico e científico.

No início da década de 70, o referido modelo de organização de trocas entra em crise em virtude de uma fase de grande instabilidade dos preços das *commodities* e de dificuldades

crescentes na manutenção dos acordos firmados entre os países exportadores e importadores.

Esses problemas se devem, sobretudo, a dois fatos. Um, refere-se à crise alimentar de alguns países em desenvolvimento, que decorre das expansões da população e da taxa de urbanização e de um crescimento insuficiente da produção agrícola, ou seja, os países são obrigados a importar mais. O outro está relacionado à ampliação da concorrência no mercado internacional por parte dos países desenvolvidos (notadamente os da atual União Européia) e de determinados países em desenvolvimento, como Brasil, Argentina e Tailândia. Quer dizer, como consequência do produtivismo, há uma intensificação da produção agrícola, acompanhada de um crescimento dos excedentes, que levam à adoção de políticas ofensivas de exportação.

Os referidos países em desenvolvimento, que expandem suas exportações visando ao equilíbrio das contas nacionais, provocam contradição e instabilidade no mercado mundial, pois passam a concorrer com os países que protegem seus produtores por meio de transferências permanentes. Em outras palavras, além de acirrare a concorrência, provocam maiores variações de preços e contribuem para a crise do modelo de organização de trocas.

Pode-se então dizer que a crise deve ser entendida como a “crise do sucesso”, já que resulta de uma significativa ampliação da produção e da produtividade em diversos países que adotaram as técnicas produtivistas.

Além da crise do modelo de organização de trocas, Goodman e Redclift (1989) destacam como impactos do produtivismo (1) a crise política estabelecida entre produtores e Estado e (2) os problemas ambientais. Sobre o primeiro ponto, os autores lembram que os Estados dos países desenvolvidos têm que controlar sua produção agrícola, através de cotas, por exemplo, em razão dos custos de manutenção de uma política de subsídios. Por outro lado, os produtores querem exportar mais, já que o modelo possibilita a expansão da

produtividade, entretanto não o fazem sem as garantias oferecidas pelo Estado. Fica estabelecido o impasse.

Em relação ao segundo ponto, Goodman e Redclift (op. cit.) chamam atenção para os efeitos negativos da tecnologia produtivista sobre o meio ambiente e a pressão dos consumidores urbanos, imbuídos pela “cultura verde”, para que se resolva este fato. Uma das soluções propostas (e implementadas) para amenizar esses problemas é a criação de áreas preservadas nas propriedades. Entretanto, além de não resolver de fato a questão ambiental, alimenta o impasse da relação produtor *versus* Estado descrita acima.

Também tratando dos impactos do produtivismo, Bonanno (1989) detém-se nas questões sociais e mostra que as inovações tecnológicas e organizacionais do modelo produtivista provocam o fim da rigidez fordista. Há uma flexibilização da produção e conseqüentemente dos contratos de trabalho, levando, ao mesmo tempo, ao aumento da ocupação temporária, à concentração do trabalho e ao desemprego.

Por outro lado, o autor mostra que, em decorrência da desocupação, as tradicionais famílias de agricultores passam a buscar alternativas de emprego da mão-de-obra, recorrendo à pluriatividade.

Diante de tantos impactos negativos fica a questão: como se mantém vivo o modelo produtivista? Alguns fatos dão sobrevida ao modelo, a exemplo do aumento do consumo europeu, decorrente da “volta” dos países do leste, com o fim do bloco socialista. Em outras palavras, grande parte dos excedentes europeus é direcionada para o consumo desses países, diminuindo a pressão no mercado internacional e a competição com os EUA. Outro fato: a crise fiscal na Europa somada à pressão internacional faz com que se reduza o nível de subsídio interno, ampliando os mercados.

Também se destaca a reorganização política dos agricultores a partir de ideais ecologistas/urbanos, que levam a um maior controle na utilização dos insumos e técnicas produtivistas.

1.2. Produtivismo e Ocupação da Mão-de-obra Agrícola

Entre todos os impactos do produtivismo, importa para este estudo destacar aqueles relacionados à ocupação da mão-de-obra agrícola. De acordo com as tabulações especiais do referido Projeto Rurbano, o processo de modernização da agricultura tem levado a uma constante queda na taxa de crescimento dos rendimentos médios dos agricultores,⁵ forçando-os a buscar alternativas de renda, deixando de lado, total ou parcialmente, o trabalho com a atividade agrícola e ocupando-se em atividades mais rentáveis, normalmente não-agropecuárias.

Por outro lado, o constante avanço tecnológico e organizacional tem gerado inovações poupadoras de trabalho manual, levando à desocupação da mão-de-obra agrícola. Importa observar que os investimentos em pesquisa e desenvolvimento na agroindústria de insumos para a agricultura têm-se direcionado progressivamente para inovações nos tratos culturais (OGM resistentes a herbicidas, doenças e pragas), na colheita, no transporte e no processamento dos produtos⁶, operações que tradicionalmente demandam maior quantidade de mão-de-obra. Desde o final dos anos 80, introduziram-se inovações tecnológicas progressivamente mais eficientes, como, por exemplo, a colheitadeira de café, a colheitadeira de cana crua e várias outras colheitadeiras de cereais.

Dessa forma, admite-se que a desocupação da mão-de-obra agrícola apresenta-se mais nítida e dinâmica nas regiões e Estados mais desenvolvidos, que modernizaram suas lavouras e cuja população rural reduziu-se significativamente em razão do êxodo.

Para o caso brasileiro, é importante ressaltar que a agricultura apresenta formas diversas de desenvolvimento. Ela não se modernizou apenas com base na grande produção, mas também na exploração da pequena, provocando uma espécie de “reinvenção do capital” e contribuindo para aumentar as margens de lucro da grande empresa agropecuária. O grande

⁵ Para Graziano da Silva (1997b), esse fenômeno decorre da redução dos preços mundiais das principais *commodities* agropecuárias para menos da metade do seu valor real nos últimos anos.

⁶ Outras etapas do ciclo produtivo já haviam sido, de alguma maneira, atingidas pela mecanização.

produtor rural capitalista utilizou-se (e ainda se utiliza) da prática do assalariamento temporário de pequenos agricultores, que também têm suas próprias explorações agropecuárias de subsistência. A “vantagem” econômica para o empregador é significativa, uma vez que, ultrapassada a necessidade da mão-de-obra, ele não arcará com o ônus da subsistência do trabalhador/pequeno agricultor, ainda que o tenha permanentemente à sua disposição. Para o grande produtor, do ponto de vista da valorização do capital, não se justifica manter empregados trabalhadores total ou parcialmente ociosos.

Também é fundamental lembrar que a modernização não se espalhou de forma homogênea por todo o país. “Onde não foi possível alterar as relações de produção, quer em decorrência do caráter extremamente conservador das classes dominantes, quer da própria mediação do Estado, a quem não interessava uma mudança de estrutura, mantiveram-se baixos os níveis de produtividade e, crescentemente, marginalizados os trabalhadores rurais” (Carvalho, 1988, p.21). Esse é o caso de grande parte do Nordeste brasileiro.

1.3 O Novo Nordeste

Na Região Nordeste, ainda segundo Carvalho (op. cit.), as relações de produção sofreram pouquíssimas mudanças, a modernização da agricultura foi tênue e restrita a determinadas zonas, onde a renda fundiária podia ser extraída sem grandes transtornos, como a Zona Litoral-Mata (domínio da cana-de-açúcar e do cacau, que passou a ser compartilhado recentemente pela produção frutícola de que carecia a nascente agroindústria) e em certas faixas dos chamados *vales úmidos* (onde ainda se pratica uma expressiva agricultura irrigada em pequena escala). No geral, todavia, a expansão da agropecuária no Nordeste se deveu fundamentalmente ao crescimento da área cultivada.

“... o permanente acréscimo de ‘novas áreas’ ao processo de produção de lavouras e pastagens é considerado o móvel essencial do crescimento, tanto da produção agrícola como da pastoril, pois a expansão desta se faz, afinal de contas, em função da maior disponibilidade de terras com pastagens (naturais e cultivadas). À introdução de inovações tecnológicas também se tem creditado alguma parcela de contribuição, o mesmo ocorrendo, porém

com bem menor ênfase, à localização, que tem a ver particularmente com a maior fertilidade natural, capaz de ser encontrada nas terras ainda não submetidas ao cultivo. (op. cit., p.36)”

A esse respeito, Araújo (1995) apresenta uma outra visão. Segundo a autora, ocorreram mudanças significativas no perfil produtivo da agropecuária nordestina que permitiram ao Nordeste se manter relativamente mais importante como região produtora agropecuária do que industrial ou terciária, ainda que estes dois últimos setores no Nordeste tenham apresentado significativos incrementos de participação na composição do PIB nacional. Reduziu-se a área cultivada com algodão, mamona, mandioca e sisal, enquanto expandiu-se a área com cana-de-açúcar, arroz, cacau, feijão, laranja e milho. Também aumentaram a participação na produção regional algumas culturas não-tradicionais, como frutas (mamão, manga, melancia e uva, no São Francisco, e cacau e abacaxi em áreas favoráveis do sertão e agreste), tomate, café, soja e borracha.

No oeste do Nordeste e nas margens do submédio São Francisco foi implantada moderna agricultura de grãos e importante pólo de fruticultura, ambos para exportação, com forte apoio estatal, o que ajudou a resistir à retração da demanda interna dos anos 80. No eixo Juazeiro-Petrolina, por exemplo, o setor público montou a maior parte da infra-estrutura de captação e distribuição de água. No oeste tiveram participação importante os subsídios governamentais e os investimentos públicos em infra-estrutura, além dos agentes e do capital do Sul do País.

Apesar das discordâncias em relação aos fatores que levaram ao crescimento da agropecuária nordestina, os referidos autores concordam que, ao mesmo tempo em que diversos espaços desenvolveram atividades modernas, outras áreas resistem à mudança, como as zonas cacauceiras, canavieiras e o sertão semi-árido. E mais, apesar do crescimento apontado, permanecem os déficits sociais, notadamente nas áreas rurais. Esse pensamento é reforçado por Furtado, ao afirmar que “o Nordeste cresceu economicamente, mas o seu drama social continua igual ou até pior.” (1998, p.42)

Também é importante lembrar que, nas áreas modernizadas do Nordeste, a exemplo das demais regiões do país, podem-se perceber os já referidos impactos do produtivismo na ocupação da mão-de-obra agrícola, ainda que apresentem intensidades diferentes, dadas as diferentes formas e momentos de modernização apontados.

1.4 O Velho Nordeste

De acordo com Araújo (op. cit), permanecem, no semi-árido, os mesmos problemas estruturais. Nos anos de chuva regular, os pequenos produtores e parceiros produzem, mas não conseguem acumular e ficam descapitalizados ao final de cada ciclo produtivo. Assim, não dispõem de meios para enfrentar um ano de seca e são obrigados a recorrer às frentes de emergência. Também vivem graças à ação da previdência (ampliada na década de 80), que assegura uma renda mínima a muitas famílias sertanejas. Na seca vendem suas terras a preços baixos e os latifúndios crescem, ampliando o domínio político das oligarquias tradicionais. Nas palavras de Carvalho (op. cit, p. 96),

“embora o trabalhador rural (assalariado ou não) esteja mais preocupado com o resultado de suas lavouras de subsistência (feijão, milho e mandioca), porque é em função delas que sua sobrevivência é assegurada, mesmo assim sua produção não se realiza de forma a que ele possa gerar um excedente para usar nos anos de penúria extrema, que são os de seca. Nesses anos não será o proprietário de terras quem irá (sozinho) fornecer os meios necessários à reprodução da força de trabalho de que necessita nos anos de *inverno*, mas o Estado, que propicia ditos meios abrindo ou criando frentes de serviço (ou trabalho) para o atendimento à população flagelada pela seca. A situação dos parceiros e dos moradores não é distinta, sendo também extremamente estreitas suas possibilidades de sobrevivência sem a ajuda governamental.”

As migrações decorrentes das secas privam os grandes proprietários de terra da mão-de-obra abundante e barata de que carecem para não alterarem as relações de produção, que os mantêm como ativos e importantes partícipes das esferas dominantes do poder na região.

Por isso, os grandes proprietários pressionam o Estado a fim de que se institua um programa de emergência voltado para a sustentação física dos flagelados.

No semi-árido, as principais atividades agropecuárias continuam assentadas no complexo algodão-pecuária-lavouras alimentares - conjunto de atividades exploradas ainda com níveis de produtividade muito baixos - tendo os pequenos proprietários e trabalhadores sem-terra como assalariados temporários ou como meeiros (ou parceiros) dos médios e grandes proprietários. Em razão da presença de atrasadas relações de produção e da ocorrência de processos parciais de modernização da agropecuária, restringe-se a generalização do assalariamento de forma permanente e a introdução do progresso técnico. Assim, acentua-se o quadro de subutilização da força de trabalho, primeiro no semi-árido e depois nas cidades de todos os portes da região, em decorrência da migração.

Carvalho (op. cit., p.173) alerta: “as migrações inter-regionais do Nordeste não ‘resolvem’ os problemas de desemprego e de subemprego regional, porque as raízes das dificuldades nesses domínios estão referidas ao nível da atividade econômica, que é baixo, em qualquer um dos setores, e à distribuição funcional da renda, fortemente concentrada em favor dos proprietários do capital.”

Ainda na visão do autor, a percepção de que são os pequenos estabelecimentos os que ocupam maiores contingentes de mão-de-obra é imprecisa e equivocada. Na verdade, há muito mais uma retenção do que absorção produtiva. Por outro lado, os proprietários de terra recorrem pouco ao assalariamento, ainda que temporário, e à contratação de serviços de mecanização, pois a rentabilidade das atividades, nas condições de produção em que são exploradas, é baixa. Assim, os proprietários usam a parceria, garantindo uma força de trabalho a baixo custo, compatível com a rentabilidade da atividade e com a oferta de mão-de-obra segundo as necessidades variáveis (durante os meses de menor necessidade o parceiro e sua família se ocupam da subsistência).

“Na realidade, no âmbito de todos os estabelecimentos rurais do semi-árido nordestino o que se gera é muito mais a condição de subsistência do trabalhador rural do que o emprego efetivo. Subemprego, portanto. Na

verdade, sem opções, os trabalhadores sem terra e os moradores e agregados às famílias dos pequenos (e mesmo dos grandes) proprietários de terra vivem e se abrigam, como podem, nesses locais de trabalho. Aí aguardam as oportunidades de servirem aos grandes proprietários como assalariados temporários, como parceiros ou como moradores e, eventualmente, como pequenos arrendatários, residentes esses último na periferia das pequenas e médias cidades do interior semi-árido. O presente contexto, antes de ser propício à criação de emprego em maiores proporções no seio dos pequenos estabelecimentos, é forte meio auxiliar de intensificação das migrações intra-região, rumo às cidades de pequeno e médio portes.” (op. cit., p.180)

Resumidamente, o autor defende que somente através de uma verdadeira e completa modernização da agropecuária regional, tendo-se como base a irrigação, poder-se-ia gerar mais empregos e de melhor qualidade, em razão tanto do incremento no número de colheitas e tratos culturais, como das exigências dos processos de produção industrial e de comercialização, embalagem e classificação de produtos, que acompanham a produção (atividades não-agropecuárias). A esse respeito, existem muitas indagações que se pretende discutir nos próximos capítulos. Questiona-se, por exemplo, se a técnicas produtivistas, ainda que com a utilização da irrigação, resolveriam o problema das migrações e do subemprego.

1.5 O Caso Baiano

Diferentemente de regiões e Estados que modernizaram suas agriculturas nos moldes produtivistas, a Bahia apresenta uma baixa taxa de urbanização, redundando em grande contingente de pessoas ocupadas no meio rural: são 2,189 milhões de pessoas, cerca de 42% do total de ocupados no Estado, segundo dados da PNAD/IBGE de 1997. E mais, o processo de modernização da agricultura, sendo mais recente, atinge poucas microrregiões⁷ do Estado e nem sempre avança como uma “mancha de óleo” (considerando-se o petróleo sua base tecnológica). Em alguns casos, chegam a conformar-se verdadeiras “ilhas de

⁷ Consideram-se aqui as microrregiões geográficas segundo o conceito do IBGE.

prosperidade”. Esse desenvolvimento desigual - que não é exclusivo da agricultura - apenas confirma a diversidade socioeconômica do Estado. (Couto Filho, Machado, 1999)

Assim como nas regiões mais desenvolvidas, o agricultor baiano também procura renda complementar e ocupação para a mão-de-obra disponível. Contudo, observa-se aí uma particularidade inerente ao processo de desenvolvimento desigual. A grande diferença é que a pluriatividade ou a procura por atividades rurais não-agropecuárias não se desenvolve principalmente em razão da modernização da agricultura, nos moldes produtivistas, como sugere o “novo rural”. Ela existe, sobretudo, em decorrência do fenômeno histórico do superpovoamento (e a conseqüente pressão sobre os recursos naturais) e da falta de competitividade nas pequenas propriedades, particularmente no semi-árido.⁸

Referindo-se à agricultura familiar no semi-árido nordestino, Lamarche (1993, p. 212) afirma que:

“o trabalho externo de cada membro da família é menos uma iniciativa individual do que uma estratégia familiar visando à reprodução de todo o grupo doméstico. O rendimento obtido graças a essa atividade reverte-se parcial, ou até mesmo integralmente, à própria família. Não é raro ver pais ajudarem financeiramente os filhos emigrados e, vice-versa, filhos que partiram para longe enviar dinheiro à família.”

Nessa mesma direção, Couto e Freitas (1995, p. 59) identificam entre os agricultores familiares no semi-árido uma complicada e criativa estratégia de sobrevivência e convivência com a seca: “a busca de trabalho fora da unidade de produção familiar, onde se produz basicamente para o autoconsumo”. Observam ainda que todas essas especificidades conduzem à necessidade de se verificarem os mecanismos lógicos e concretos com que os agricultores produzem e reproduzem diferentes sistemas de produção, dos quais raramente

⁸ Segundo a FAO (1995), “o forte impacto ambiental causado pela pressão demográfica e pela pecuarização alia-se ao secular fenômeno das migrações temporárias e do êxodo rural. Essa particularidade, que se encontra presente em quase todo o semi-árido nordestino, sugere a identificação de uma agricultura familiar de tipo misto em que as atividades agropecuárias e não-agropecuárias, externas à propriedade, combinam-se com o sistema de produção gado-policultura, cujas relações mercantis são quase sempre comandadas por uma atividade comercial dominante. Trata-se, em resumo, de estratégias de convivência com a seca em meio a crises de ciclos econômicos.”

se excluem as “outras atividades”. Trata-se, normalmente, de atividades menos rentáveis e de baixa qualificação, além de precárias, no que diz respeito às condições de trabalho e ao cumprimento das obrigações trabalhistas legais.

Em muitas microrregiões baianas, nem a agricultura foi modernizada nem se verificou a formação dos Complexos Agroindustriais (CAIs), processos fortemente difundidos até final da década de 80 no Brasil, e, conseqüentemente, não apresentam alguns problemas daí decorrentes, como o desemprego resultante da mecanização. Já a queda dos preços agropecuários, também conseqüência do referido processo, atingiu fortemente essas regiões, considerando-se que os excedentes (produção menos autoconsumo da família) vendidos proporcionam uma renda essencial para a manutenção das famílias rurais nelas instaladas. Esse problema impõe, para aquelas famílias que não migraram, uma nova dinâmica nas “estratégias de sobrevivência”: a intensificação da pluriatividade ou o abandono da atividade agrícola. Essa mudança também leva à formação de um “novo rural”, mas com características próprias. Ressalte-se que a pluriatividade para estas famílias não está atrelada somente ao trabalho em tempo parcial na semana, implica também migrações temporárias (meses, semanas), programadas previamente ou não (muitas ocorrem quando chega a “inesperada” seca).

Lembra-se também que as migrações temporárias podem levar a um processo de proletarização do agricultor, que terminaria abandonando suas terras. Esse processo não seria o mesmo descrito por Andrade (1980),⁹ mas outro, em que a atração vem das atividades não-agropecuárias (precárias, como foi dito) e, a expulsão, da falta de competitividade das pequenas propriedades.

⁹ Um dos processos de proletarização do produtor rural, descrito por Andrade (1980), deu-se a partir da vigência do Estatuto do Trabalhador Rural, no início da década de 60, institucionalizada enquanto política dirigida pelos governos militares posteriores. Embora tivesse ampliado direitos trabalhistas dos trabalhadores rurais, foi-se retirando do proprietário o ônus da manutenção em sua propriedade, durante todo o ano, de um exército de reserva de mão-de-obra. Com a mecanização da agricultura, os trabalhadores passaram a habitar, com mais intensidade, as cidades, vilas e povoados. Foram-lhes tirados os meios de produção e a possibilidade de complementação da renda mediante o cultivo de lavouras de subsistência. As propriedades rurais passaram a empregar um certo número de trabalhadores permanentes, trabalhando seis dias semanais, sem direito a cultivar lavouras de subsistência, sendo esta a força de trabalho comprada nos núcleos urbanos locais.

Mesmo nas microrregiões modernizadas, as dinâmicas não são uniformes. Há poucos anos abriu-se uma nova fronteira agrícola no oeste do Estado - a microrregião de Barreiras, nos cerrados - cujo desenvolvimento agrícola se deu nos moldes produtivistas mais ortodoxos, com base na especialização - no limite, a monocultura. Ao ter por base o produtivismo, seriam esperados os impactos negativos, já citados, oriundos deste processo. Do ponto de vista ambiental, conforme Furtado (op. cit.), estão acabando com o oeste baiano. São solos pobres, pouco espessos e ao serem desmatados, as enxurradas levam a cobertura, entulham lagos e rios e empobrecem a terra. No tocante à ocupação, entretanto, essa modernização, em um primeiro momento, não veio desempregar, mas sim atrair um grande contingente de trabalhadores rurais, já que a população anteriormente residente não era suficiente para atender à demanda por mão-de-obra. Atualmente, em razão da intensificação da utilização de técnicas poupadoras de trabalho, inicia-se um forte processo de desocupação da mão-de-obra agrícola.¹⁰

As microrregiões Sul e, em menor escala, Recôncavo e Litoral Norte, por onde avança a monocultura do eucalipto (atividade reconhecidamente desempregadora), a reboque da agroindústria de celulose, seguem a mesma linha da microrregião de Barreiras.

Em outras áreas modernizou-se também a agricultura, a exemplo da microrregião de Juazeiro onde se expande fortemente a fruticultura. Essa atividade, no entanto, de acordo com os coeficientes de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo e por hectare, coletados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), absorve mais mão-de-obra quanto mais modernizado é o sistema de cultivo. O cacau, que é uma cultura antiga e uma das principais na composição da renda agrícola estadual, também segue a mesma tendência da fruticultura irrigada, principalmente após o surgimento da doença conhecida como “vassoura-de-bruxa”, que exige muitos tratos culturais manuais.

Isso significa dizer que nas poucas áreas modernizadas do Estado - as chamadas “ilhas de prosperidade” - os problemas típicos do modelo produtivista não necessariamente aparecem

¹⁰ A microrregião de Barreiras começa a experimentar o fenômeno da favelização no entorno das principais cidades e problemas ambientais causados pelo uso descontrolado de mecanização e agroquímicos. (Carvalho Júnior, Couto Filho e Machado, 1998).

em todas elas e, assim, também não são dadas todas as condições para a formação de um único e homogêneo “novo rural”.

Entende-se, então, que o campo baiano apresenta uma grande pluralidade regional, com características muito distintas, o que leva à composição, não de um, mas de diversos “novos rurais”, cada um com uma dinâmica de ocupação da mão-de-obra no meio rural.

Soma-se a esse quadro o avanço da modernização da agricultura no Estado, que deverá continuar a ser seletiva (produtos, produtores e microrregiões), e a impossibilidade de grandes centros urbanos absorverem mais mão-de-obra.¹¹ Assim, torna-se muito incerto o futuro da ocupação da mão-de-obra rural na Bahia.

¹¹ A Região Metropolitana de Salvador, por exemplo, tem apresentado as maiores taxas de desemprego do país entre todas as regiões metropolitanas, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (DIEESE). Isso se deve, de acordo com Proserpio (1998), à migração, principalmente de pessoas oriundas do interior da Bahia.

2. O TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Para a realização deste trabalho optou-se por combinar análises de dados secundários com primários. Os secundários são usados basicamente no capítulo três, para caracterizar a agropecuária (e a agricultura em especial) baiana e de suas mesorregiões. Os dados primários têm especial aplicação no capítulo quatro, onde as análises levam a identificar as tendências para a ocupação da mão-de-obra agrícola.

Em relação à regionalização optou-se por trabalhar com as sete mesorregiões do IBGE: Centro Norte, Centro Sul, Extremo Oeste, Metropolitana, Nordeste, Sul e Vale do São Francisco (ver mapa anexo). Sabe-se que elas não agrupam de forma homogênea as realidades naturais, econômicas e sociais do Estado, mas também é sabido que não existe regionalização que exprima eficientemente a homogeneidade desejada. Existem outras regionalizações possíveis, mas também apresentam problemas, em especial o relativo ao grande número de subdivisões, que dificultam as análises e conclusões. Poderia-se, por exemplo, trabalhar com as microrregiões do IBGE (32) ou as regiões econômicas da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (15), mas dificilmente conseguir-se-ia apontar diferenças significativas entre algumas delas. As mesorregiões escolhidas apresentam características bem distintas, que facilitam as análises e a identificação de tendências, proporcionando uma leitura menos cansativa e repetitiva.

Sobre o período de análise, optou-se pela década de 90, quando se verificam mais claramente os impactos do produtivismo na Bahia, em especial sobre a ocupação da mão-de-obra agrícola, conforme pode ser visto no primeiro e terceiro capítulos.

Na seqüência, apresenta-se de que maneira foram sistematizados os dados em cada um dos dois capítulos subsequentes, considerando-se o período e a regionalização propostos.

2.1. Os Dados do Capítulo 3

No terceiro capítulo utilizam-se principalmente dados do IBGE referentes aos Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96. Também são usados dados da SEI relativos ao PIB do Estado, e dados da Promoexport, sobre comércio exterior.

Nas análises comparativas de alguns resultados do Censo Agropecuário 95/96 da Bahia e dos constantes no Censo Agropecuário de 1985, realizaram-se diversos ajustes metodológicos para manter a comparabilidade entre os dois trabalhos, já que o novo Censo trouxe algumas modificações, em relação ao de 1985. A seguir, salientam-se algumas considerações.

Deve-se atentar para o fato de que os períodos de apuração dos dados não são coincidentes, ou seja, o Censo 95/96 foi elaborado de acordo com o ano-safra 95/96, sendo, por isso mesmo, designado como Censo 95/96, diferentemente do Censo de 1985, quando foi utilizado o ano-calendário. Nesta análise desconsiderou-se essa diferença, assumindo inclusive, como referência, a designação Censo Agropecuário de 1996.

Uma outra questão diz respeito à definição dos subgrupos que formam o setor agropecuário, tratados pelo IBGE por grupos da atividade econômica, havendo diferenças de composição entre os dois Censos. Com os ajustes realizados, os grupos de atividade econômica ficaram dispostos da seguinte maneira:

- **Agricultura** - corresponde à mesma definição do Censo de 1985. No Censo 1996, equivale à soma dos grupos *lavouras temporárias* e *lavouras permanentes*;
- **Horticultura e produtos de viveiro** - mesma definição do Censo de 1996. No de 1985, equivale ao grupo *horticultura ou floricultura*;
- **Pecuária** - mesma definição no Censo 1996; no Censo de 1985, somou-se a *avicultura*;
- **Produção mista (lavoura e pecuária)** - no Censo de 1996, o grupo tem o mesmo nome e, no de 1985, equivale ao grupo *agropecuária*;

- **Silvicultura e exploração florestal** - no Censo de 1996, o grupo tem o mesmo nome, a que se incorporou o grupo *produção de carvão vegetal*, e, no de 1985, equivale ao grupo *silvicultura* somado ao da *extração vegetal*.

Não foram utilizados o grupo *cunicultura/apicultura/sericultura* de 1985, nem o grupo referente a *pesca e aquíicultura* de 1996, por não se encontrarem parâmetros de comparação. Como o peso desses grupos no total é muito pequeno, a análise não fica prejudicada.

Um outro ajuste necessário foi feito na montagem das mesorregiões, em decorrência da criação de municípios ao longo do período considerado e das mudanças operadas pelo IBGE na regionalização. Tomou-se como referência a composição dos municípios do ano de 1996 e procedeu-se aos acertos requeridos em 1985.

Finalmente, vale ressaltar a influência dos fatores conjunturais que marcaram os dois períodos de pesquisa do IBGE e que podem induzir a inferências incorretas. Seguem-se alguns desses fatores:

- Houve uma queda geral nos preços internacionais dos principais produtos agrícolas da Bahia, especialmente no do cacau, que caiu de um patamar em torno de US\$3.000,00 a tonelada, em 1985, para menos de US\$ 1.000,00 em 1995. No Brasil, os preços agrícolas em 1995 e 1996 funcionaram, no Plano Real, como elementos fundamentais no processo de estabilização econômica, tendo apresentado perdas em relação aos demais preços da economia. Trata-se da chamada “âncora verde”.
- Os problemas climáticos também influenciaram os resultados: enquanto o ano de 1985 apresentou uma boa condição climática, verificou-se entre 1993 e 1996 uma fase de seca que castigou quase todo o Estado.
- Houve também, a partir de meados dos anos 80, uma mudança na política do crédito agrícola promovida pelo Governo Federal, com a retirada dos subsídios, além de mudanças negativas nos valores dos preços mínimos.

Com base nessas considerações, é necessário relativizar a magnitude da queda dos resultados obtidos, principalmente quando se atenta para queda do volume físico de boa parte dos produtos no setor, entre os anos 1985 e 1996, que influenciaram bastante as demais variáveis. Para se observar as tendências e reduzir o peso conferido pelos fatores conjunturais, foram construídos alguns índices, tomando-se a área plantada como referência, o que permitiu a visualização dos indicadores por hectare.

Sobre o PIB, utilizam-se basicamente os dados divulgados pela SEI (Superintendência, 2002) que apresenta, para os anos de 1975 a 2000, estruturas do PIB e dos setores que o compõem, taxas de crescimento anuais e por período, PIB *per capita*, valores agregados brutos e análises dos dados.

Em relação aos dados de comércio exterior, foi necessário aceder ao banco de dados da Promoexport, empresa que regula o comércio exterior baiano, a fim de se construírem agregações que facilitam as análises.

2.2. Os Dados do Capítulo 4

Para as análises do capítulo quatro utilizam-se basicamente dados da Pesquisa de Mão-de-Obra Agrícola na Bahia – MOA, executada pela SEI (MOA original), e derivações desta feitas por este autor (MOA adaptada). Com o objetivo de complementar as informações, também são usados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD, do IBGE, trabalhados pelo Projeto Rurbano do Instituto de Economia da UNICAMP.

2.2.1. A MOA original

A MOA, concebida e coordenada por este autor, é feita em sistema de cooperação técnica entre a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S.A. (EBDA) e a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), órgão vinculado à Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo. A SEI é responsável pela concepção, coordenação e execução da

pesquisa e a EBDA pelo fornecimento dos dados. A SEADE, por sua vez, disponibilizou a metodologia e concedeu o *software* para o processamento dos dados. A metodologia e os primeiros resultados da pesquisa, referentes ao ano de 1998, foram publicados pela SEI (Superintendência, 2000).

Essa pesquisa é um importante instrumento para os planejamentos público e privado que visem a desenvolver a agricultura na Bahia, mantendo a população ocupada no meio rural com níveis adequados de renda. A partir dos dados da pesquisa, é possível, por exemplo, estimar, para cada cultura pesquisada e correspondente região produtora, a ocupação da mão-de-obra agrícola (total e por hectare) em cada um dos meses do ano, para diferentes níveis tecnológicos. Essas informações podem ser confrontadas com outras que identifiquem, por exemplo, os impactos ambientais e o desempenho econômico das culturas e o *mix* de culturas das regiões, a fim de que o planejamento agrícola da Bahia vise, não só ao crescimento, mas à sustentabilidade social, econômica e ambiental.

Pode-se destacar como grande vantagem da metodologia disponibilizada pela SEADE (Fundação, 1996) a possibilidade de se calcular, a partir da coleta de dados primários e das informações de safras relativas à área plantada, uma estimativa da variação relativa da ocupação por produto e região produtora, ampliando em muito as informações normalmente fornecidas pelo IBGE.

Conforme a SEADE (op cit.), essa metodologia teve origem no Brasil, em um trabalho da Coque e Álcool do Brasil - Coalbra (1982), com o objetivo de estimar o impacto da utilização de técnicas modernas de produção sobre a demanda da força de trabalho gerada no setor agrícola. Posteriormente, esse método sofreu duas alterações sucessivas (Reydon et al, 1986 e Graziano da Silva, 1987), visando a ampliar o número de produtos agrícolas considerados e aprimorar os coeficientes técnicos utilizados - com base em informações mais atualizadas e oriundas de instituições que efetivamente possuam levantamentos de campo. As alterações objetivaram ainda o aperfeiçoamento das estimativas de área plantada e colhida das culturas permanentes. (Fundação, op.cit., p. 4)

Importa dizer que alguns ajustes na metodologia também foram feitos pela SEI, para que a aplicação da mesma no Estado fosse a mais precisa possível.

Basicamente, a metodologia ajustada consiste na definição, para cada cultura selecionada, em cada uma das regiões produtoras do Estado da Bahia, dos itens apresentados a seguir:

- exigências de força de trabalho, em Homens-Dia por hectare, segundo seis grupos de operações de cultivo (preparo do solo, plantio, capinas, outros tratos culturais, colheita e beneficiamento pós-colheita) para três níveis tecnológicos ponderados (alto, médio e baixo);
- distribuição relativa (porcentagens) das exigências de força de trabalho para cada um dos seis grupos de operações de cultivo, durante o ano (calendário agrícola), para captar a sazonalidade da demanda por força de trabalho;
- estimativa da área plantada no ano considerado.

O cruzamento dos itens anteriores fornece uma estimativa da distribuição da ocupação da força de trabalho por cultura, segundo os vários meses do ano, para o total do Estado e para cada uma das regiões produtoras.

Os resultados das estimativas de ocupação da força de trabalho por cultura são transformados de Homens-Dias (HD) para Equivalentes-Homens-Ano (EHA), a partir do número de dias estimados de trabalho de um homem adulto ao longo do ano. Foram definidos vários parâmetros de conversão, um para cada produto. No geral, consideraram-se 70% do número de dias de cultivo no ano¹² para cada produto. Os outros 30% correspondem aos finais de semana e aos feriados durante período de cultivo.

Para as lavouras permanentes, por exemplo, consideram-se 70% dos 365 dias do ano, já que há trabalho durante todo o ano (tratos culturais, colheita etc.). No caso dos produtos temporários, há uma variação muito grande deste número. A soja, por exemplo, tem um ciclo produtivo de 150 dias e um EHA corresponde a 105 HD. Já a mandioca tem um ciclo

¹² O número de dias de cultivo no ano ou ciclo produtivo foi coletado pela EBDA em questionário próprio da SEI. Foram entrevistados três produtores de cada nível tecnológico nas principais regiões produtoras de cada produto. A partir dos resultados foi construída uma média de dias de cultivo para cada produto na Bahia.

de 365 dias e um EHA corresponde a 255 HD.

A tabela com os valores de conversão de HD para EHA para todos os produtos pesquisados encontra-se no anexo deste trabalho. Deve-se alertar que um Homem-Ano não representa, necessariamente, um posto de trabalho efetivo, mas apenas a quantidade da força de trabalho equivalente à de um homem adulto que tenha estado empregado durante todo o ano.

Conforme já foi mencionado, existem várias regionalizações para o Estado da Bahia. Entretanto, para a realização da Pesquisa, a SEI escolheu a macrodivisão da EBDA (Gerências Regionais que representam agregações de municípios) por dois motivos básicos. Primeiro, trata-se de uma regionalização feita para a agropecuária, segundo, porque grande parte das informações necessárias para a execução da pesquisa está agregada conforme esta divisão.

A seleção das culturas para se estimar a ocupação da mão-de-obra agrícola foi feita por técnicos da EBDA. Para a escolha das culturas foram observadas:

- a intensidade da utilização da mão-de-obra;
- a participação no Valor Bruto da Produção agrícola baiana;
- a área plantada.

Foram selecionadas 24 culturas: abacaxi, alface, algodão, alho, arroz, banana, cacau, café, cana-de-açúcar, coco anão, coentro, eucalipto, feijão, laranja, mamão, mamona, mandioca, manga, maracujá, milho, sisal, soja, tomate industrial e tomate de mesa.

No caso das culturas permanentes, consideram-se as diferentes etapas do ciclo produtivo como sendo uma “outra cultura”, já que cada etapa apresenta coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra diferenciados. Por exemplo, nos anos de crescimento (formação) do cacauzeiro, necessita-se de menos trabalho do que nos anos de produção. Assim, subdividem-se as culturas permanentes em: banana implantação e produção; cacau implantação, formação e produção; café implantação, formação e produção; cana-de-açúcar

implantação e produção; coco anão implantação, formação e produção; eucalipto implantação, formação e produção; laranja implantação, formação e produção; mamão implantação e produção; manga implantação, formação e produção; maracujá implantação e produção e sisal implantação e produção.

No total, são consideradas 41 culturas.

Partindo-se das culturas selecionadas para este estudo e visando à estimativa da ocupação da mão-de-obra agrícola, definiram-se três níveis tecnológicos de produção, pois aos mesmos está associado o grau de ocupação, mais ou menos intensivo, daquele fator.

Para a definição dos níveis tecnológicos toma-se como referência o padrão produtivista. Utilizaram-se os seguintes critérios para a definição dos níveis tecnológicos:

- O produtor que cultiva com nível tecnológico alto é aquele que utiliza intensiva e racionalmente insumos modernos, máquinas e equipamentos, normalmente empregando pouca mão-de-obra (este último critério não é considerado para todas as culturas, existem exceções, como algumas frutíferas).
- O produtor que cultiva com nível tecnológico médio é aquele que utiliza moderadamente os insumos modernos, as máquinas e os equipamentos, normalmente utilizando uma quantidade maior de mão-de-obra, se comparado com o de nível tecnológico alto (este último critério não é considerado para todas as culturas, existem exceções, como algumas frutíferas).
- O produtor que cultiva com nível tecnológico baixo é aquele que praticamente não utiliza insumos modernos, máquinas e equipamentos, normalmente empregando muita mão-de-obra (este último critério não é considerado para todas as culturas, existem exceções, como algumas frutíferas).

Na publicação da SEI (Superintendência, 2000), utilizaram-se as estimativas de área plantada em 1998 para cada cultura, coletadas e agregadas pelas gerências regionais da EBDA a partir de questionários elaborados pela SEI.

Nesses mesmos questionários, também foram definidos pelos técnicos de cada gerência regional da EBDA os fatores de ponderação que correspondem às porcentagens da área plantada de cada cultura em cada região, segundo os níveis tecnológicos alto, médio e baixo.

Os coeficientes técnicos (exigências de força de trabalho) para cada operação de cultivo e para cada nível tecnológico de produção de uma cultura são definidos em horas de trabalho por hectare, possibilitando resultados mais precisos. Estes são transformados em Equivalentes-Homens-Dia por hectare (que equivale a um homem adulto trabalhando 8 horas por dia) e, posteriormente, em Equivalentes-Homens-Ano, seguindo o método já explicado. A desvantagem deste método consiste na impossibilidade de se precisarem os números absolutos de pessoas envolvidas na agricultura, por produto e/ou região. Capta-se, na verdade, a demanda real por mão-de-obra agrícola, desconsiderando-se a subocupação ou a superocupação.

Esses coeficientes foram coletados diretamente nas propriedades por técnicos da EBDA que entrevistaram os produtores, utilizando questionários elaborados pela SEI. Foram preenchidos três questionários para cada nível tecnológico de cada produto nas principais regiões produtoras de cada cultura.

Feita a coleta, construiu-se uma média para cada nível tecnológico de cada cultura, a partir dos questionários, e escolheu-se o questionário mais próximo dessa média. Passou-se então a contar com coeficientes técnicos médios para o Estado da Bahia, ou seja, cada nível tecnológico de cada cultura passou a ter coeficientes técnicos aplicáveis em todo o Estado. Por exemplo, ficaram definidos três coeficientes técnicos para o cultivo de milho na Bahia: um para o nível tecnológico alto, outro para o nível médio e outro para o baixo.

Quando alguma região apresentou coeficientes técnicos, para qualquer nível tecnológico, muito distantes (para cima ou para baixo) dos coeficientes médios definidos para o Estado, consideraram-se coeficientes diferenciados. Por exemplo, a produção de milho no nível

tecnológico alto em Barreiras apresenta coeficientes muito menos intensivos em mão-de-obra do que os coeficientes nível alto definidos para o Estado. Nesse caso, foram utilizados coeficientes específicos para o cultivo de milho com nível tecnológico alto na região produtora (gerência regional da EBDA) de Barreiras. Vale ressaltar que esse ajuste foi feito para todos os produtos cultivados com nível tecnológico alto nessa região.

Depois de determinados os coeficientes técnicos para todas as operações de cultivo de cada nível tecnológico, estas últimas foram reunidas nos seis grupos já apresentados: preparo do solo, plantio, capinas, outros tratamentos culturais, colheita e beneficiamento pós-colheita.¹³

Quando não foram encontrados coeficientes técnicos para todos os níveis tecnológicos de algum produto,¹⁴ optou-se por repetir um dos níveis tecnológicos coletados (alto, médio ou baixo), priorizando-se o nível médio como uma forma de influenciar minimamente os resultados. Por exemplo, para o abacaxi, somente foram encontrados dois níveis tecnológicos (médio e baixo), repetindo-se, então, o nível tecnológico médio no alto.

Os coeficientes técnicos de cada produto, por nível tecnológico e por grupos de operação de cultivo, tanto para a Bahia como para Barreiras, encontram-se no anexo deste trabalho. Os coeficientes técnicos por nível tecnológico originais (coletados) estão em negrito, os demais são cópias, conforme explicado acima.

Como foi observado anteriormente, o calendário agrícola é fundamental para o estudo da sazonalidade do emprego, ou seja, a sua flutuação ao longo do ano, segundo os grupos de operações de cultivo. A partir da distribuição dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por grupos de operações de cultivo, para cada cultura, aplica-se o calendário agrícola das mesmas, mês a mês. Assim, obtém-se uma estimativa da sazonalidade do emprego para as regiões produtoras e para o total do Estado.

¹³ A definição desses grupos está intimamente relacionada com os dados disponíveis para o calendário agrícola das culturas selecionadas.

¹⁴ Isto só aconteceu quando a área plantada na Bahia de um produto para um determinado nível tecnológico era inexistente ou insignificante.

O calendário agrícola também foi coletado por técnicos da EBDA através de questionários elaborados pela SEI. Perguntou-se para os produtores em quais meses do ano são executadas as operações de cultivo que compõem o ciclo produtivo.

Ressalte-se que algumas culturas apresentam mais de uma safra por ano, tendo dois ou mais ciclos produtivos por calendário anual. Dentre as culturas pesquisadas, apenas o feijão, o milho, o tomate industrial e o tomate de mesa apresentam duas safras/ano.¹⁵ Optou-se por considerar apenas um calendário para cada uma dessas culturas, contendo os dois ciclos produtivos. Ou seja, cada uma dessas culturas apresenta, por ano, dois períodos de plantio, colheita, tratos culturais etc. Assim, para essas culturas, provavelmente existirão vários picos de ocupação: duas colheitas, por exemplo.

Para se obterem os resultados provenientes do cruzamento dessas informações utilizou-se um programa específico de computador (*Agrícola*) de propriedade da SEADE. A partir do cruzamento dos dados nesse programa, puderam-se obter as seguintes informações:

- Estimativa da ocupação da mão-de-obra, em EHA, por produto, região produtora e meses do ano (sazonalidade);
- Área plantada por região produtora e por produto, ponderada segundo os níveis tecnológicos alto, médio e baixo;
- EHA por hectare, para cada produto e região;
- Coeficientes de Variação da ocupação mensal da mão-de-obra (sazonalidade) por produto e por região.

Como se sabe, essas informações estão disponíveis em Superintendência (2000) para o ano de 1998, mas também se pode obtê-las para os anos de 1999 a 2001, nos boletins anuais da Pesquisa. Ressalta-se, entretanto, que essas informações não são suficientes para captar as tendências da ocupação da mão-de-obra agrícola, já que apresentam uma série muito pequena, não cobrindo a maior parte da década de 90 (período de análise). Também não são

¹⁵ Alguns produtos da horticultura, como coentro e alface, apresentam vários ciclos produtivos por ano. Para estes produtos considerou-se apenas um calendário com ciclos mensais, plantando-se e colhendo-se todos os meses.

apresentadas por mesorregião (regionalização definida para a análise). Dessa forma, realizaram-se algumas adequações à metodologia, como apresentado a seguir.

2.2.2. A MOA adaptada

Para obter-se informações sobre a ocupação da mão-de-obra agrícola para toda a década de 90 e por mesorregião, utilizando-se dados da MOA, foi preciso realizar algumas modificações na metodologia apresentada pela SEI. Utilizou-se também a Pesquisa original, mas como complementação de informação.

Primeiramente, buscou-se trocar a fonte de informação de área plantada. Como a EBDA fornece a informação somente por Gerência Regional, não é possível obter o dado por mesorregião. Considera-se também que a EBDA passou a coletar e fornecer a informação somente a partir de 1998, início da Pesquisa, o que impede observar anos anteriores. Assim, optou-se por utilizar a área plantada da Produção Agrícola Municipal – PAM para o período 1990 a 2000. O grande problema dessa informação é que ela não distingue as áreas por nível tecnológico, ou, em outras palavras, não apresenta, ano-a-ano, os percentuais de área plantada com níveis tecnológicos alto, médio e baixo. Significa que esses dados permitem visualizar a variação da ocupação em decorrência da mudança de *mix* de culturas (mais ou menos modernizadas), mas não possibilitam perceber o impacto da variação tecnológica.

Para tentar suprir essa deficiência, identificaram-se coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por hectare relativos ao início da década (1990), produzidos pela Sudene (SUDENE, 1990), comparando-os, em seguida, com os dados da MOA original e adaptada disponíveis para 1998 e 2000 (fim da década). Quer dizer, utilizaram-se os coeficientes médios da Sudene, que foram adaptados ao padrão MOA, por seis grupos de operação de cultivo, e fez-se uma comparação com os dados disponíveis da MOA, verificando-se os impactos na demanda por mão-de-obra decorrentes das mudanças ocorridas na tecnologia ao longo da década.

Como segundo procedimento, tratou-se de coletar coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por hectare e a sazonalidade da produção para outras culturas não cobertas pela Pesquisa original. Neste caso, consideraram-se as culturas que tinham ou passaram a ter importante papel na ampliação da ocupação da mão-de-obra, do Valor Bruto da Produção ou da área plantada. Esses dados foram coletados no ano de 2000 com auxílio de técnicos da EBDA. Trata-se das seguintes culturas: cebola, fumo, guaraná, melancia, melão e uva.

Para coletar as informações das “novas” culturas, utilizou-se o mesmo modelo de questionário da Pesquisa original. Vale ressaltar que se mantiveram todos os procedimentos metodológicos da Pesquisa original. Também, que as informações básicas das “novas” culturas, relativas aos valores de conversão de HD para EHA e aos coeficientes técnicos de cada produto, por nível tecnológico e por grupos de operação de cultivo, foram acrescentadas aos anexos da Pesquisa original, que estão disponíveis neste trabalho (tabelas 76 a 106).

O terceiro procedimento foi a alimentação do *software* “Agrícola” com as informações levantadas. Obtiveram-se então dados sobre ocupação da mão-de-obra agrícola na Bahia para o período 1990 a 2000, por mesorregião. A grande limitação desses dados é a falta de distinção dos níveis tecnológicos, já que não se tem essa informação por área plantada, como já informado. Utilizou-se como referência o nível tecnológico médio.

Assim, ficaram disponíveis os seguintes dados por cultura e mesorregião, para os anos de 1990 a 2000, segundo o nível tecnológico médio: EHA, EHA/ha e coeficiente de variação da sazonalidade, além da comparação dos coeficientes técnicos do início e final da década.

2.2.3. A utilização das PNAD

Além dos dados da MOA original e da MOA adaptada, recorreu-se à PNAD para se obter informações complementares sobre ocupação da mão-de-obra agrícola baiana. Mais especificamente, foram utilizadas tabulações especiais do Projeto Rurbano, já referido.

Essas tabulações foram construídas a partir dos microdados das PNADs da década de 90, mais precisamente de 1992 a 1999, gerando novas aberturas para informações relativas à ocupação e renda das diversas atividades econômicas do Estado da Bahia. Especificamente para os dados de renda, por questões de comparabilidade, trabalhou-se apenas com a série 1995 a 1999, período de relativa estabilidade financeira.

Essas informações estão disponibilizadas para áreas metropolitana e não-metropolitanas e, abaixo dessas, para zonas urbanas e rurais e para atividades agrícolas e não-agrícolas detalhadas. Neste trabalho serão utilizadas as informações sobre as ocupações e rendas agrícolas, exclusivamente, das zonas urbanas e rurais das áreas metropolitana e não-metropolitanas

Para as pessoas ocupadas de dez anos ou mais, para o total do Estado, utilizaram-se as seguintes informações: renda média por situação de domicílio (urbano e rural), segundo as principais ocupações agrícolas e não-agrícolas agregadas; número de ocupados, por área censitária da amostra (metropolitano e não-metropolitano) e situação de domicílio (urbano e rural), segundos ramos de atividades (agrícola e não-agrícola).

2.3. O Cálculo das Taxas Anuais de Crescimento

Para muitos dos dados secundários e primários aqui apresentados foram feitas algumas regressões para se obterem as taxas de crescimento anual dos períodos 1995 a 1999, 1992 a 1999 e 1990 a 2000. Trata-se de regressões log-lineares contra o tempo, que apontam, além da taxa de crescimento anual, os graus de significância dessas taxas.

Seguindo-se as orientações do Projeto Rurbano, utilizaram-se três faixas de graus de significância aceitáveis para fins de interpretação dos dados. A primeira refere-se a uma significância de 80% a 89,9%, representada pelo símbolo “*”, a segunda, de 90% a 94,9%, representada por “**” e a terceira, de 95% a 100%, com representação “***”. Quando não se apresenta nenhuma dessas hipóteses (espaço em branco), o grau de significância foi inferior a 79,9%.

3. AS RECENTES TRANSFORMAÇÕES DA AGROPECUÁRIA BAIANA

Neste capítulo analisa-se o setor agropecuário baiano, em particular o segmento agricultura. É observado o desempenho do setor e do segmento, suas principais transformações e os impactos oriundos destas para o Estado como um todo e para as mesorregiões que o compõe.

Objetiva-se com este capítulo apresentar um quadro atualizado da agropecuária baiana, e especialmente da agricultura, que dê sustentação, juntamente com o referencial histórico e conceitual do primeiro capítulo, à análise das tendências para a ocupação da mão-de-obra agrícola abordada no próximo capítulo.

3.1. Breve Análise do PIB Agropecuário

A participação do setor agropecuário no PIB baiano passou por alterações significativas nos últimos 25/30 anos. De acordo com dados da SEI (Superintendência, 2002), em 1975 este setor respondia por 30,7% do PIB, passando para 20,2% em 1980 e 10,4% em 1990. Ao longo da década de 90, este percentual manteve-se praticamente inalterado, chegando em 2000 a 10,8%.

Conforme Rocha et al (Superintendência, 2002, p. 113), as variações verificadas entre 1975 e 1990 deveram-se, em primeiro lugar, ao surgimento ou crescimento de algumas atividades dos outros setores da economia, a exemplo da petroquímica, e, em segundo, à decadência de alguns produtos agrícolas. Estes argumentos são reforçados ao se observarem, em separado, as taxas de crescimento dos setores que compõem o PIB. Enquanto a agropecuária cresceu, para os períodos de 1975 a 1980 e 1980 a 1990, a taxas anuais médias de 0,1% e 1,1%, respectivamente, a indústria de transformação apresentou, para os mesmos períodos, incrementos de 19,8% e 3,1%, o comércio 11,9% e 3,1% e o segmento de alojamento e alimentação 19,9% e 4,8%.

Sobre a relativa estabilidade verificada na década de 90 utilizam-se argumentos opostos.

Por um lado, os demais setores da economia apresentam taxas anuais médias de crescimento inferiores ao da agropecuária e, por outro, há uma substituição dos produtos decadentes por novas culturas e criações, mais dinâmicas. A agropecuária cresceu, entre 1990 e 2000, 41,4% (média de 3,5% ao ano), contra 26,1% (2,3% ao ano) do PIB total, 20,3% (1,9% ao ano) da indústria de transformação e 15,9% (1,5% ao ano) do comércio.

Em outras palavras, é a reorganização da agropecuária baiana, aliada ao desempenho mais modesto dos demais setores da economia, que levam à manutenção da alta participação da produção do campo na composição do PIB baiano (em torno de 10%). Importante dizer que raramente se observam em economias minimamente industrializadas uma participação tão significativa do PIB agropecuário no PIB total.

Em relação à reorganização do setor, fica claro que ela se deu nos moldes produtivistas, como já explicado no primeiro capítulo. E que ocorreu tardiamente, quando comparada com outras regiões e Estados que passaram pela chamada Revolução Verde nos anos 60. Pode-se dizer que na Bahia o modelo produtivista veio a se instalar de fato no final dos anos 80, início dos anos 90. O quadro abaixo reforça este argumento ao apresentar como o Estado de São Paulo perde participação no Brasil em relação a variáveis agropecuárias tipicamente produtivistas, enquanto a Bahia aumenta sua participação, especialmente no ano de 1996.

PARTICIPAÇÃO DE VARIÁVEIS AGROPECUÁRIAS SELECIONADAS DA BAHIA E SÃO PAULO NO TOTAL DO BRASIL

BRASIL, BAHIA E SÃO PAULO – 1970, 1975, 1980, 1985 e 1996

	Bahia/Brasil (%)	São Paulo/Brasil (%)
1970		
Tratores	1,1	40,5
Área Irrigada (ha)	3,4	11,5
Outros Equipamentos	0,5	24,7
1975		
Tratores	1,3	31,4
Área Irrigada	3,8	13,8
Outros Equipamentos	1,2	20,9
1980		
Tratores	2,4	25,4
Área Irrigada	4,8	12,2
Outros Equipamentos	2,0	20,8
1985		
Tratores	2,4	24,0
Área Irrigada	5,1	14,5
Outros Equipamentos	2,0	20,2
1996		
Tratores	3,2	21,2
Área Irrigada	6,7	14,1
Outros Equipamentos	3,2	14,6

Fonte: Censos Agropecuários - IBGE

Considerando-se estes argumentos, questiona-se, por que, então, o setor não apresentou incremento real na participação estrutural do PIB. A resposta está intimamente relacionada aos impactos do próprio modelo produtivista, como se verá mais adiante. Adianta-se que juntamente com as técnicas mais modernas, os ganhos de rendimento físico por hectare e o aumento da produção, vêm os baixos preços pagos aos produtores dependentes deste modelo.

Observando-se separadamente os segmentos (agricultura, pecuária, granja, extrativa vegetal e pesca) que compõem o setor agropecuário, verifica-se que a agricultura, responsável, em média, por 60% do PIB do setor, apresentou pequenas taxas de crescimento na década de

90. Enquanto a pecuária e a granja cresceram 71% e 41%, respectivamente, de 1990 a 2000, a agricultura apresentou incremento de 28%.

3.2. A Reorganização da Agropecuária Baiana

Conforme visto anteriormente, a implantação do modelo produtivista provoca alterações significativas na produção agropecuária. Em busca de ganhos de produtividade, são utilizadas novas técnicas de produção, intensifica-se a monocultura em grande escala, o uso de máquinas, equipamentos, sementes melhoradas geneticamente, irrigação etc. Também são características do produtivismo a produção de *commodities* (muitas vezes para exportação), a concentração fundiária e a desocupação da mão-de-obra.

Algumas das características do referido modelo podem ser percebidas na análise dos dados dos Censos Agropecuários (ver tabelas 2 a 6 e 17). Observando os Censos de 1985 e 1996, pode-se captar informações que comprovam a real implantação do produtivismo no Estado. É o caso, por exemplo, das informações relativas às máquinas e equipamentos agropecuários. Entre os anos de 1985 e 1996 houve um aumento de quase 60% no número de tratores, o que levou à contabilização, no último censo, de 25.443 tratores. Esse percentual torna-se mais significativo ao se analisarem os dados por unidade de área: há um incremento de 79% no número de tratores por hectare. Ou seja, percebe-se uma intensificação na utilização desta máquina, que é uma referência para os ganhos de produtividade.

Importa também destacar que há uma concentração de tratores nos estabelecimentos superiores a 100 hectares. São mais de 14 mil, ou 56% do total. Não se desprezam, todavia, os números relativos aos estabelecimentos inferiores a 100 hectares: 11.109 tratores, crescimento de 140% em relação a 1985. Isso é explicado por uma particularidade da implantação do produtivismo no Brasil e, em especial, no Nordeste, já tratada no primeiro capítulo. Foi o que se chamou de “reinvenção do capital”, com a incorporação de pequenas propriedades familiares no processo de modernização. Além de elas contribuírem com o fornecimento de mão-de-obra para as grandes propriedades, elas uniram-se em torno de

cooperativas e associações, para que pudessem se adequar ao produtivismo. Passaram a comprar os insumos modernos em grande quantidade e vender a produção conjuntamente, de forma a obterem preços mais vantajosos.

No tocante a outras máquinas, como colheitadeiras, percebe-se uma dinâmica muito semelhante à dos tratores. Passa-se de um total de 8.884 máquinas em 1985 para 15.754 em 1996, correspondendo a um aumento de 77%. Quando observado o incremento de máquinas por hectare, ele também é maior: 99%.

Ressalta-se que as maiores variações das medidas por hectare devem-se à intensificação da produção, mas também à queda da área ocupada. Verificou-se uma redução de 10,7%, entre 1985 e 1996, ou 3.588.503 de hectares. Esse fato decorre, por um lado, do abandono (parcial, total, provisório ou permanente) da atividade agropecuária por parte daqueles que não se adaptaram ao novo modelo de produção, perdendo competitividade. Por outro, deve-se também ao aumento da utilização de terras para fins especulativos.

A irrigação também pode ser vista como uma variável importante para identificar o produtivismo. Em 1985 havia 107 mil hectares irrigados na Bahia. Essa área cresceu 96%, atingindo 209 mil hectares em 1996. Interessante notar que o maior incremento desta variável se deu nos estabelecimentos maiores de 1.000 hectares (222% entre 1985 e 1996), o que é de se esperar de uma agricultura produtivista: grandes áreas com monoculturas irrigadas, para diminuir ciclos e aumentar rendimentos físicos. Esses grandes estabelecimentos foram responsáveis em 1996 por 45% do total da área irrigada no Estado.

Apesar da predominância dos grandes, aqui também não é de se desprezar a participação dos estabelecimentos menores de 100 hectares. Quase 35% da área irrigada no Estado em 1996 estavam nesses estabelecimentos. E nesses espaços não se produziam *commodities*, mas sim frutas, que exigem cuidados maiores e conhecimentos específicos, que se adaptam melhor a áreas de menor dimensão.

Quanto à estrutura fundiária, não se percebeu uma intensificação da concentração de terras,

como esperado em áreas onde se implanta o modelo produtivista. Praticamente mantiveram-se as participações dos grupos de área entre 1985 e 1996. As propriedades menores de 100 hectares conservaram-se com aproximadamente 30% do total das terras baianas, ficando os estabelecimentos iguais ou maiores do que 100 hectares com o restante.

Ocorreu que a concentração se deu em determinadas áreas onde o modelo se implantou de forma mais clara e permanente. Nas demais áreas, onde não houve a substituição das lavouras e criações decadentes, em crise, por outras mais “modernas”, percebeu-se um processo de minifundização. Lembra-se que a venda parcial das propriedades é uma estratégia de sobrevivência da família em momentos de crise.

Em resumo, houve uma compensação, de um lado a minifundização e, de outro, a concentração, mantendo a mesma distribuição fundiária, que, vale lembrar, é muito desigual.

Os dados do comércio exterior também são bons indicadores da entrada do produtivismo no Estado (ver tabela 27). Percebe-se no início da década de 90 uma participação significativa dos produtos chamados tradicionais na pauta de exportações. O cacau é o grande destaque, responsável por mais da metade do valor da pauta em 1990, ele passa a responder por menos de um por cento do total exportado em 2000. Em decorrência da queda dos preços internacionais (resultante do crescimento da produção dos países asiáticos), da doença vassoura-de-bruxa, da baixa produtividade e dos altos custos de produção, o cacau apresentou queda de 35% ao ano durante a década.

Seguiram a mesma tendência de queda outros produtos tradicionais, como o fumo e algodão. O primeiro apresentou queda de 12% ao ano no período do Plano Real e da âncora verde e o segundo teve sua participação na pauta diminuída pela metade.

O sisal, também tradicional, não apresentou grandes perdas de participação, pois houve um trabalho de recuperação da cultura por parte de organizações sociais locais à região de produção. Com técnicas não-produtivistas, sem a utilização de insumos químicos ou

grandes máquinas, passou-se a produzir e beneficiar o produto e vender para um mercado específico na Europa.

Em outro sentido seguiram os produtos “modernos”. As frutas irrigadas, por exemplo, cresceram 27% ao ano na década analisada, passando de uma participação no valor da pauta, em 1990, inferior a um por cento, para 15% em 2000. A soja dos cerrados passou de uma participação de 0,8% para 13%. As moderníssimas olerícolas cresceram 13% ao ano na década. E o café, que sempre foi produzido sem a utilização de modernas técnicas de produção, ao passar a ser cultivado nos cerrados teve sua importância ampliada na estrutura da pauta em 18%. Nos últimos cinco anos da década, quando se intensificou e se consolidou a produção nos cerrados, a taxa de crescimento anual do café foi de 33%.

Ressalta-se, entretanto, que o crescimento das culturas produtivistas não foi capaz de cobrir as quedas percebidas pelos produtos tradicionais, em razão dos próprios impactos do modelo, como se poderá verificar mais claramente nas análises do próximo item.

A ocupação da mão-de-obra é outra variável fundamental para se perceber a modernização da agropecuária, tendo destaque neste trabalho. Entretanto, antes de qualquer análise, vale lembrar que os anos analisados foram atípicos. Em 1985, o setor agropecuário teve o melhor desempenho de uma série de 13 anos (1985 a 1997), enquanto em 1995 e 1996 o setor apresentou os piores índices de crescimento, ficando abaixo apenas do ano de 1993.

Esse quadro contribuiu bastante para que resultados negativos também fossem observados no tocante à ocupação da mão-de-obra em atividades agropecuárias. Esses resultados, entretanto, não são iguais para as diversas mesorregiões escolhidas, como se verá mais adiante. Antes, porém, analisa-se a ocupação da mão-de-obra por grupos de área total (menos de 10 ha, 10 a menos de 100 ha, 100 a menos de 1.000 ha, 1.000 e mais ha) e por categoria (responsável e membros não-remunerados da família, empregados permanentes, empregados temporários, parceiros, outra condição).

A análise pura e simples da variação da ocupação da mão-de-obra em anos completamente diferentes e atípicos poderia levar a afirmações incorretas, que não correspondessem à realidade. Procurou-se, então, em algumas comparações, trabalhar com índices de ocupação que amenizassem as diferenças e ajudassem a conhecer as tendências dominantes e os fatores que as condicionam. Os índices foram construídos, tanto para 1985 como para 1996, dividindo-se a população ocupada, total e estratificada, pela área ocupada total e estratificada, obtendo-se ocupados por hectare.

O número de ocupados passou de 3.202.485 em 1985 para 2.501.890 em 1996, representando uma queda de 22 %. Essa queda ocorre em todos os grupos de área, apresentando maior intensidade nas médias e grandes propriedades. O grupo “menos de 10 ha” teve a menor queda em termos absolutos, aumentando, assim, a sua participação na estrutura da ocupação da mão-de-obra. Esse grupo também apresentou uma pequena queda na variação dos índices (pessoal ocupado por hectare), que pode ser explicada pelo aumento das áreas destinadas à pecuária e pela maior utilização de máquinas e tratores.

A maior queda nos grupos “100 a menos de 1.000 ha” e “1.000 a mais ha”, tanto em termos absolutos quanto relativos, é explicada pela utilização mais intensa de tecnologias desempregadoras, além de, é claro, pelos problemas conjunturais da produção.

Verifica-se também uma queda na qualidade da ocupação da mão-de-obra. Cai o número de empregados permanentes e temporários, respectivamente, -38% e -52%, enquanto sobe o número de parceiros (21%), sabidamente uma forma pré-capitalista de relação de trabalho, em que o trabalhador assume o risco da produção e perde os direitos trabalhistas.

Cai também o número de responsáveis e membros não-remunerados da família (-15%), numa proporção menor que a dos permanentes e temporários, fazendo aumentar sua participação na estrutura dos ocupados por categoria. Essas pessoas, juntamente com aquelas classificadas em “outra condição” (agregados, moradores, etc.), que cresceram em participação 23%, representam, em grande parte, os trabalhadores rurais voltados para a produção de subsistência, o que confirma a queda da qualidade do emprego primário.

Observando-se as variações dos índices (pessoal ocupado por hectare), a situação é semelhante: aumenta a concentração por hectare dos ocupados nas categorias mais precárias (parceiros e outra condição). As demais caem, principalmente as consideradas mais modernas, como os empregados permanentes e os temporários. Nessas categorias, a desconcentração (menos pessoas por hectare) ocorre em razão das tecnologias de ponta.

Continuando a análise sobre as variações dos índices, percebe-se que a queda real total não foi tão grande quanto a verificada ponta-a-ponta (-12% contra -22%), decorrente dos problemas já apontados, ou seja, de uma maneira geral, a queda da intensidade do trabalho foi menos que proporcional à queda absoluta da ocupação da mão-de-obra. Isso confirma a idéia de que os anos analisados são atípicos e não traduzem a tendência (analisada mais detalhadamente no quarto capítulo), que é de queda, mas não tão intensa.

De qualquer sorte, esses dados ajudam a constatar que o modelo produtivista realmente está se implantando e substituindo trabalhadores por máquinas, especialmente nos estabelecimentos de maior extensão, onde a monocultura, as máquinas e outros insumos se adaptam melhor.

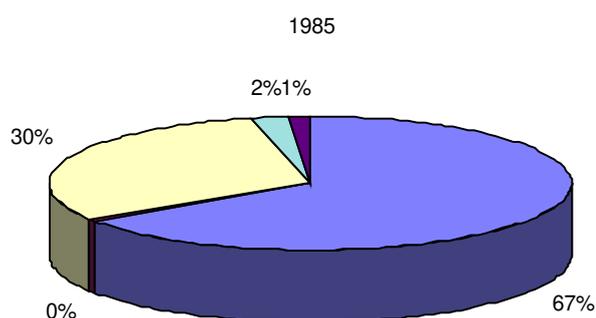
3.3. O Segmento Agricultura

Alguns dos dados analisados no item anterior apresentam uma abertura por grupos da atividade econômica (agricultura, horticultura e produtos de viveiro, pecuária, avicultura, produção mista, silvicultura e exploração florestal), permitindo uma observação mais detalhada das transformações do segmento agricultura, o mais importante segmento da agropecuária baiana (ver tabelas 1 a 6 e 19).

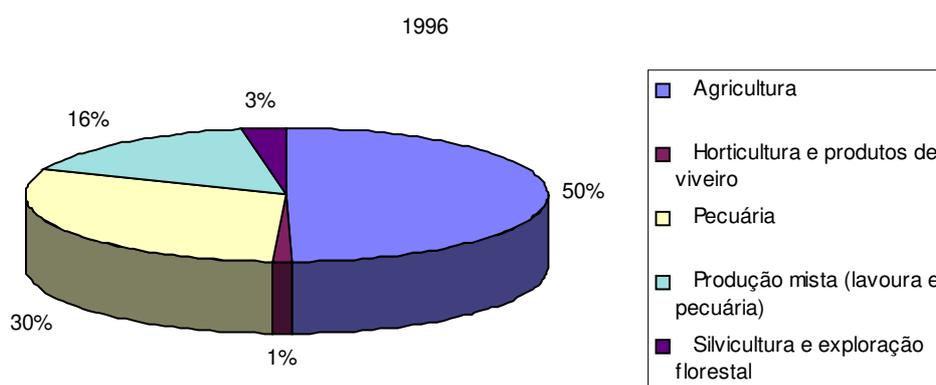
Iniciando-se pela ocupação da mão-de-obra, percebe-se que queda se deveu aos segmentos mais empregadores. A agricultura caiu 40% e a pecuária 22%. Por outro lado, houve incremento de mão-de-obra nos demais grupos de atividades, a exemplo da produção mista e da silvicultura, o que caracteriza uma diversificação maior da ocupação no meio rural.

Esse incremento não foi capaz de cobrir as quedas verificadas na agricultura e na pecuária, mas os dois fenômenos redesenharam a estrutura dos grupos de atividades, como pode ser comprovado pelos gráficos a seguir.

**Gráfico 1: Estrutura da ocupação da mão-de-obra em atividades primárias segundo os grupos da atividade econômica.
Bahia - 1985**



**Gráfico 2: Estrutura da ocupação da mão-de-obra em atividades primárias segundo os grupos da atividade econômica.
Bahia - 1996**



Quando observada a ocupação por hectare, verifica-se que há uma diminuição menos intensa no segmento agricultura, em decorrência das questões conjunturais já tratadas.

Destaca-se o fato da área plantada na agricultura cair significativamente entre 1985 e 1996 (-38%), representando a maior queda entre todos os segmentos.

Por outro lado, o segmento horticultura e produtos de viveiro, tradicionalmente grande empregador por hectare e que apresentou aumento absoluto na ocupação da mão-de-obra, apresenta uma queda na ocupação por hectare (-16%). Esse é um indicador de que técnicas modernas e desempregadoras estão chegando a esse setor.

Na pecuária também se verifica uma diminuição do pessoal ocupado por hectare (-16%), mas isso não significa utilização de técnicas mais modernas, muito pelo contrário, trata-se do crescimento da tradicional pecuária extensiva do Estado.

Já a produção mista e a silvicultura e exploração florestal apresentam crescimento de ocupados por hectare. No primeiro caso, o trabalho intensivo reflete, provavelmente, uma estratégia de sobrevivência por parte de pequenos agricultores que, sem outras opções econômicas no campo ou nas cidades, permanecem nas propriedades da família - ou voltam para elas - criando algumas poucas cabeças de gado e produzindo para o autoconsumo.

No caso da silvicultura e exploração florestal, acredita-se que o incremento de ocupados por hectare se deva ao replantio de eucalipto, que vem ocorrendo desde 1995.

Observando-se os tratores por segmento, são surpreendentes os valores apresentados pela agricultura. São incorporados 4.184 tratores, o que representa um aumento de 130% na relação tratores por hectare. Esse aumento é o mais expressivo entre todas as categorias, o que aponta para o fato do produtivismo estar se consolidando mais neste segmento.

Quando analisados os dados de máquinas, a intensidade é um pouco menor, mas as variações apontam para a mesma tendência rumo ao produtivismo na agricultura. Nesse caso, a pecuária, a horticultura e a produção mista apresentam maiores variações positivas por hectare, o que pode ser explicado pelas demandas específicas por máquinas para produção nesses segmentos.

No tocante à área irrigada, mais uma vez a agricultura apresenta a maior variação por hectare, entre todos os segmentos. Há um aumento de 216% na relação área irrigada/área total da agricultura, confirmando a implantação do produtivismo neste segmento.

A agricultura baiana sempre foi marcada por duas grandes características: a dependência de poucas culturas - chamadas de tradicionais - para a formação do PIB do setor; e a forte variação da produção ano-a-ano, decorrente, principalmente, da instabilidade climática e da baixa utilização das técnicas ditas modernas. (Carvalho Jr et al, 1999)

Com a implantação do produtivismo e a intensificação dos problemas econômicos e sociais seguida da manutenção dos problemas naturais, nas áreas não atendidas pela modernização, essas características começam a mudar um pouco.

Em 1985 apenas duas culturas (cacau e feijão) respondiam por 51% do Valor Bruto da Produção (VBP) agrícola baiana. Em 1996 eram necessárias seis culturas (cacau, feijão, soja, mandioca, café e cana-de-açúcar) para se chegar a um percentual semelhante (55%). Isso é fruto de um processo de diversificação da produção que combina dois movimentos básicos. De um lado, a consolidação da crise dos produtos tradicionais, como cacau, fumo, café, algodão, sisal (ou agave) e mamona, que se inicia nos anos 70. Os fatores da crise são vários, como doenças, pragas, clima, desgaste dos solos, falta de mercados, não utilização de tecnologias modernas e, principalmente, baixos preços, que têm uma relação direta com o produtivismo mundial, como visto no capítulo 1.

Por outro lado, há o surgimento de uma agricultura “moderna”, com tecnologias produtivistas, que trazem novas culturas e transformam outras já existentes, visando ao mercado internacional. Consolida-se no final dos anos 80, início dos 90, a produção de soja e de algumas frutas irrigadas, como manga, uva, maracujá e melancia. Também são transformadas algumas culturas tradicionais, como o milho. Ele passa a ser produzido em outra região do Estado, com novas técnicas.

Em relação à variação ano-a-ano da produção, ela ainda se mantém, pois permanecem no Estado muitas áreas não modernizadas e não-irrigadas que impedem um maior controle da ação da natureza. Verifica-se da mesma forma que as grandes variações nos preços internacionais também provocam uma alteração significativa da produção, mesmo nas áreas modernizadas. Aliás, com já tratado diversas vezes neste trabalho, o problema dos preços é mundial, mas se reflete localmente.

Abaixo segue quadro com a variação, em relação ao ano imediatamente anterior, dos preços pagos: aos agricultores por sua produção, pelos produtores às agroindústrias a montante, fornecedoras de insumos, e às indústrias em geral pela sua produção. Percebe-se uma grande discrepância entre a variação dos preços recebidos pelos produtores agrícolas e os pagos, por estes, às agroindústrias. Isso significa dizer que os preços agrícolas estão crescendo sempre abaixo daqueles referentes aos produtos agroindustriais a montante, ou seja, o agricultor tem aumentado seus custos de produção, enquanto sua renda praticamente não cresce. Quando observados os anos de 1998 a 2000, percebe-se uma situação ainda mais complicada. As variações dos preços recebidos pelos agricultores são negativas, enquanto aquelas referentes aos preços agroindustriais são positivas. Quer dizer, cai a renda absoluta do agricultor e sobem seus custos absolutos de produção.

A terceira coluna aponta para uma situação ainda mais delicada. Ela refere-se aos preços recebidos pela indústria em geral e apontam variações acima das percebidas para as agroindústrias. Esses preços estão relacionados, dentre outras coisas, aos produtos que compõem a cesta de manutenção da família agrícola. Resumindo, o agricultor perde renda, tem aumentado os seus custos de produção e super aumentados os seus custos de manutenção.

**VARIAÇÃO PERCENTUAL ANUAL DE
PREÇOS
BAHIA- 1990-2000**

ANO	Recebidos pela agricultura	Pagos pela agricultura	Recebidos pela indústria
1990	1.242,70	2.630,00	2.373,20
1991	451,9	442,2	411,7
1992	941,6	965,3	1.095,30
1993	2.121,20	1.786,90	2.034,50
1994	3.271,60	2.379,50	1.815,60
1995	30,1	60,9	49,9
1996	2,4	12,1	19,9
1997	1,6	9,9	8,2
1998	-6,3	13	3,6
1999	-3,1	8,5	22,4
2000	-3,6	8,3	26,6

Fonte: SEI

Voltando-se à análise dos culturas, verifica-se que, além da maior diversificação e melhor distribuição do VBP, há um processo de reposicionamento no *ranking* do VBP. A soja, por exemplo, que representava apenas 0,5 % do valor da produção agrícola em 1985, ficando entre os últimos colocados do *ranking*, passa para a terceira colocação em 1996, com 9,5% de participação. Algo semelhante acontece com a manga, uva para mesa, melancia, melão e abacaxi. Isso ocorre muito mais em função do crescimento da áreas plantadas e do rendimento físico por hectare, decorrente das novas tecnologias, do que em virtude dos preços, que são tão baixos quanto os dos produtos em tradicionais.

Sobre os tradicionais, importa dizer que parte deles, em algumas áreas, continua sendo produzido da mesma forma; outra parte, entretanto, em outras áreas, passam a usar das técnicas produtivistas. Essa dinâmica somente é possível perceber quando da realização de análise por mesorregião.

3.4. Caracterizando as Mesorregiões

Pode-se dizer que os processos de crise dos produtos e da produção tradicional da agropecuária baiana e de implantação do produtivismo na Bahia, com seus impactos sociais, econômicos e ambientais, podem ser encontrados em todo o Estado. Entretanto, verifica-se que esses processos são mais intensos em umas regiões do que outras (ver tabelas 7 a 16, 18 e 20 a 26).

Grosso modo, percebe-se que há uma concentração do processo de crise da produção tradicional nas mesorregiões Sul, Centro Sul, Nordeste, Metropolitana e Centro Norte. Isso não significa que o outro processo não seja percebido nessas áreas, ao contrário, ocorre, inclusive como forma de se buscar alternativas econômicas (equivocadamente, como se tem tentado mostrar ao longo deste trabalho).

Do outro lado, também grosso modo, verifica-se que as mesorregiões Extremo Oeste e Vale do São Francisco concentram o processo de implantação tardia do modelo de produção agropecuária nos moldes da Revolução Verde. E aqui, este processo claramente ocupa espaços dos produtos tradicionais, mas não todos. Ainda permanece, em muitas áreas dessas regiões, a convivência em crise com a produção tradicional.

Ao se observarem, nas mesorregiões, algumas das variáveis dos Censos Agropecuários de 1985 e 1996 que foram analisadas no item anterior para o Estado da Bahia como um todo, compreende-se melhor a distribuição espacial dos processos acima referidos.

Iniciando-se pela área irrigada, constata-se que são exatamente as duas mesorregiões que concentram a implantação do produtivismo (Extremo Oeste e Vale do São Francisco), as que mais usam tratores em suas terras. Ambas mesorregiões, e especialmente a Extremo Oeste, apresentaram crescimento nesta área muito significativo entre 1985 e 1996. O Oeste passa então da terceira posição no número de hectares irrigados, em 1985, para a primeira em 1996, com 30% do total da área. O Vale, por sua vez, tem 27%.

Não se despreza, no entanto, a participação da irrigação na região Centro Sul (terceira colocação, com 24% da área irrigada), que vem cada vez mais investindo nas tecnologias produtivistas em busca de novos mercados, já que o do cacau, principal produto da região, está bastante comprometido, com preços médios caindo a cada ano em virtude do surgimento de novos países produtores e da utilização de produtos substitutos na fabricação do chocolate. Soma-se a isso a baixa produtividade da região e a doença conhecida como vassoura-de-bruxa.

Importa destacar que, para todas as mesorregiões, houve um aumento significativo do índice referente à área irrigada sobre a área total, acima da variação simples dos hectares irrigados entre 1985 e 1996. Quer dizer, houve uma intensificação da utilização desta técnica de produção.

No tocante ao número de tratores, verifica-se que todas as mesorregiões apresentaram incrementos importantes entre 1985 e 1996, mesmo levando-se em conta que 1985 foi um ano melhor do que 1996 no diz respeito à produção agropecuária na Bahia. A exceção fica por conta da região Sul, que apresentou queda de 5 % desta variável. Ressalta-se, todavia, que nesta região houve uma intensificação da utilização de tratores por hectare, com crescimento do índice “tratores por hectare” na casa dos 13% no período. Todas as outras regiões também apresentaram incremento do referido índice.

Com um crescimento de 166% no número de tratores, o Oeste passa da quinta posição em 1985 para a terceira em 1996, com 16% da frota ou quatro mil máquinas. Já o Vale do São Francisco permanece na sexta posição, com 1,8 mil máquinas, apesar de apresentar incremento na ordem de 89% entre os anos analisados. Nessa região, a modernização se concentrou na produção de frutas, a maioria culturas permanentes, que exigem pouca utilização de tratores.

Importa destacar que mesmo as mesorregiões que não lideram o processo de modernização nos moldes produtivistas apresentaram incrementos significativos, tanto no número absoluto de tratores, como no relativo (por área). É o caso do Nordeste, do Centro Sul e do

Centro Norte, que detêm, respectivamente, 14%, 21% e 28% da frota. Esse fato demonstra, de certa forma, que essa variável é cada vez mais comum em todos os espaços, independentemente de se adotarem ou não tecnologias de ponta.

Os dados de ocupação de mão-de-obra, por sua vez, apresentam tendências contrárias àquelas verificadas até o momento. Enquanto crescem área irrigada e número de tratores, cai o número de ocupados em todas as regiões do Estado. Deve-se considerar, mais uma vez, que se trata de anos atípicos para a agropecuária, o que explica, parcialmente, essa queda generalizada.

Entretanto, ao se observar o índice (ocupados por hectare) também percebe-se uma variação negativa generalizada, confirmando, dessa forma, a entrada do produtivismo no Estado e os impactos da crise da produção tradicional. Em especial, destaca-se a queda por hectare nas regiões Oeste e do Vale, respectivamente, -17% e -12%. Aqui, com certeza, trata-se de impactos sociais do produtivismo, como já discutido anteriormente.

Nas regiões Metropolitana de Salvador e Sul, as quedas da ocupação por hectare são de, respectivamente, 16% e 31%. Neste caso, combinam-se dois fatores explicativos: crise do tradicional e impactos sociais do produtivismo. Sobre a mesorregião Sul, importa destacar que grande parte de sua área agricultável converteu-se para a produção de eucalipto e pinus, não computados pelos Censos Agropecuários. Significa dizer que, na verdade existe queda da ocupação, mas, apesar de significativa, ela não é tão grande quanto apresentada, ainda que saiba que a demanda por mão-de-obra por hectare para a produção de eucalipto e pinus seja muito baixa.

Também merece destaque o fato da região Extremo Oeste, maior área plantada e terceiro maior VBP do Estado, ocupar apenas 154 mil pessoas ou 5% do total de ocupados. Somente a região Metropolitana, que, por razões óbvias tem pouca importância para a produção agropecuária do Estado, ocupa menos que o Oeste (4% do total). Ou seja, é no Extremo Oeste onde se verificam os maiores impactos sociais do produtivismo.

Quanto à estrutura fundiária, diferentemente da média estadual que não apresenta alterações importantes, o Oeste e o Vale, que lideram o processo de implantação do produtivismo, apresentam concentração da propriedade das terras. Diminuem, relativamente, o número de estabelecimentos e a área dos pequenos produtores e aumentam os dos grandes, em um típico impacto do produtivismo: os produtores modernos ocupam os espaços da produção familiar ou tradicional local.

Por outro lado, nas regiões Nordeste e Centro Sul ocorre o contrário: há uma desconcentração da propriedade das terras. Em razão da crise da produção tradicional, há um abandono da atividade por parte dos maiores produtores e uma retomada da produção familiar, em grande parte de subsistência.

Tratando-se do VBP por mesorregiões, a primeira e mais importante constatação é que não há uma relação direta entre produtivismo e participação na composição do valor da produção. Como discutido anteriormente, os baixos preços são um problema típico do produtivismo, assim como o é na produção tradicional em crise. A diferença está no fato do produtivismo proporcionar maiores rendimentos físicos por hectare, elevando a produção total. Mas isso não é suficiente para alterar de forma significativa o *ranking* do VBP.

Entre 1985 e 1996, o Sul e o Centro Sul apenas invertem suas posições no *ranking*, mas permanecem nas duas primeiras colocações. O Sul em 1996 respondia por 22% do VBP total, enquanto o Centro Sul liderava com 23%. Em 1985 a situação era inversa, com o Sul respondendo por 44% do VBP. Mas, com a crise do cacau, que também é verificada no Centro Sul, e a expansão da produção do eucalipto e pinus, não computada nos Censo, o panorama se inverteu.

As regiões mais produtivistas ampliaram sua participação, mas sem ameaçar os primeiros lugares. O Oeste passa de uma participação de 3% para 15%, subindo do último (sétimo) para o terceiro lugar no *ranking*, e o Vale passa de 4% para 9%, permanecendo em sexto lugar.

Ressalta-se o fato do Centro Norte e o Nordeste, mesmo em crise, ampliarem um pouco suas participações na composição do VBP estadual, ainda que cada um tenha perdido uma posição no *ranking*, ocupando, em 1996, as quarta e quinta posições, respectivamente.

Infelizmente, não estão disponíveis dados de VBP, comparáveis entre os dois Censos, desagregados para as mesorregiões. Não se pode, então, verificar as mudanças ocorridas na composição do VBP em cada região. Existem, entretanto, informações relativas à área colhida, bem como à produção física e rendimento por hectare das lavouras, que oferecem algumas pistas para a análise das transformações da agropecuária baiana.

No Centro Norte, por exemplo, verifica-se que não houve grandes mudanças no *mix* de culturas. Apesar de perderem área colhida, volume físico e rendimento por hectare, três culturas em crise permanecem ocupando as maiores áreas da região. Trata-se do feijão, da mamona e da mandioca.

Outras culturas mais modernas aparecem com crescimento de área, volume e, principalmente, rendimento físico, como sugere o produtivismo. É o caso da cebola e da melancia, que passam a ser produzidas com técnicas “modernas”.

O Extremo Oeste, por sua vez, apresenta modificações significativas quanto à estrutura da área colhida. Culturas tradicionais como cebola e mandioca perdem, em grande quantidade, hectares colhidos. Especificamente no caso da mandioca - produto característico da agricultura familiar da região que vem a cada dia perdendo espaço - percebe-se uma queda na área, no volume produzido e no rendimento físico.

Já as culturas produtivistas da região, como soja e milho¹⁶ crescem em todos os aspectos (área, volume e rendimento), passando a ocupar as primeiras posições do *ranking* da região. A soja sai de uma área colhida de 49 mil ha em 1985 e vai para 355 mil ha em 1996 e passa

¹⁶ Neste caso, o milho é cultivado nos moldes produtivistas para abastecimento de agroindústrias e não para autoconsumo, com prevalece na maior parte do território baiano.

a ser o produto mais importante da região. O milho vem em seguida com 135 mil ha. Muito abaixo aparece o arroz, com 46 mil ha.

Destacam-se outras culturas, com crescimentos significativos na área, como milho verde, melancia, manga, mamão e cebola, que passam a ser produzidos com as técnicas “modernas”, para venda no mercado.

Importa ressaltar o fato do Extremo Oeste apresentar os maiores desempenhos relativos aos rendimentos físicos por hectare, o que é, de certa forma, esperado em uma região que implementou e vem avançando nas técnicas produtivistas.

Uma dinâmica semelhante à do Extremo Oeste é verificada na Vale do São Francisco. Perdem área colhida as culturas tradicionais, muitas em crise, como milho (neste caso voltado para autoconsumo), mandioca, mamona, feijão, fumo e algodão. Apresentam incremento, por sua vez, cebola, mamão, manga e melancia. Muitas dessas culturas são produzidas com a técnica da irrigação.

Entretanto, diferentemente do Oeste, a incorporação do produtivismo no Vale ainda não foi capaz de alterar a estrutura da área colhida na região. Permanecem nas primeiras colocações em termos de área colhida, o milho, o feijão e a mandioca. Isso não significa que as frutas, principalmente, estejam abaixo no que respeita o VBP, ao contrário. Apesar delas ocuparem pouca área, tratam-se de culturas que são intensivas na produção por hectare e que têm valor relativo muito maior.

Quando se observa o rendimento físico por hectare, as culturas tradicionais perdem, e muito. Já as culturas produtivistas ganham neste aspecto, em razão das técnicas mais intensivas em capital.

Partindo-se para as outras regiões, como o Centro Norte, onde ainda permanecem com muita força as culturas tradicionais, apesar da crise, verifica-se a manutenção relativa da

estrutura de área colhida, mas com uma leve tendência de mudança. Aí também começam a se instalar e espalhar de forma consolidada e completa as técnicas produtivistas.

Quer dizer, técnicas como uso de trator e outras máquinas, passam a ser acompanhadas de inovações organizacionais na produção, utilização de sementes melhoradas, intensificação e diversificação de insumos químicos etc.

No Centro Sul, culturas tradicionais (algodão, feijão, mamona, mandioca e milho) perdem área, mas ainda se mantêm como as principais culturas da região, muito distantes das “novas” culturas produtivistas, como a manga, que cresce, mas não substancialmente.

Ressalta-se, em especial, o caso do café, que apresenta crescimento de área, mas transforma-se. Passa da categoria tradicional para a produtivista. Quer dizer, incorporam-se na sua produção as mais recentes inovações tecnológicas.

Na região Sul, o cacau mantém-se com a mesma área colhida, apesar de toda a crise. Isso se deve, em grande parte, às ajudas dos governos estadual e federal, tanto financeiras como tecnológicas. Apesar dos avanços tecnológicos, não se pode dizer que a cultura transformou-se, como ocorreu com o café no Centro Sul. Ela ainda permanece sendo cultivada da forma tradicional, mas incorporou novas variedades mais resistentes à doença conhecida como vassoura-de-bruxa.

Outras culturas tradicionais, mas de menor importância para a região, como banana, feijão e mandioca, também perdem área colhida. Por outro lado, não se percebe na região um crescimento significativo da produção nos moldes da Revolução Verde tardia. Quer dizer, diferentemente das outras regiões, não há aqui um processo de implantação do produtivismo, o que pode ser explicado pela força política e o atraso tecnológicos dos produtores de cacau. Ao que tudo indica, este processo de diversificação e incorporação das técnicas modernas se verifica mais intensamente no final da década de 90, início dos anos 2000.

No Nordeste baiano, acontece algo semelhante ao Sul. Perdem espaço físico algumas culturas tradicionais, como algodão, feijão, milho e mandioca, mas não aparecem culturas ou modelos de cultivo produtivistas que iniciem um processo de alteração da estrutura da produção regional.

A região Metropolitana tem pouca importância para a agropecuária do Estado, mas, de certa forma, incorpora alguma tecnologia “moderna”, em busca de suprir os espaços deixados pelas culturas tradicionais, que perdem área colhida, como é o caso do fumo. Essas inovações ocorrem de forma significativa no entorno de Salvador, mas não são captadas pelas estatísticas. Refere-se aqui à hidroponia, frutas de mesa, produção de olerícolas e beneficiamento para consumo direto etc.

Enfim, ainda que não disponíveis dados específicos nos Censos, pode-se dizer que as crises das culturas tradicionais, somadas ao crescimento do produtivismo no Estado, têm levado a mudanças no *ranking* do VBP das mesorregiões. Hoje, com certeza, a região Sul, tradicional produtora do cacau, principal cultura do Estado, já não ocupa de forma isolada a liderança do *ranking*. O Oeste, se não a ultrapassou, está bem próximo disso.

3.5. A Agricultura Familiar Baiana

Acredita-se que para se caracterizar a agropecuária baiana de maneira mais ampla, é preciso dar um tratamento especial à categoria social conhecida como agricultor familiar, cuja representatividade no meio rural do Estado é indiscutível. Utilizam-se, para tanto, os dados produzidos pelo Projeto de Cooperação Técnica FAO/INCRA, feitos a partir dos microdados do Censo Agropecuário de 1996 e disponibilizados no Banco de Dados da Agricultura Familiar – SADE do *site* do Programa Nacional de Agricultura Familiar (www.pronaf.gov.br). Ver tabelas 28 a 35.

Segundo os referidos dados, existem 623 mil estabelecimentos familiares na Bahia, correspondendo a 89% do total. Outros 10% são de estabelecimentos patronais. A diferença (1%) pertence a outras categorias, como a Igreja.

Quanto à área, a situação é inversa, os agricultores familiares detêm 38% da área total utilizada para a agropecuária no Estado, enquanto os patronais ficam com 61%. Confirma-se aqui a concentração de terras nas mãos de poucos proprietários ou empreendedores.

Quando observado o VBP, também há uma vantagem para os segmento patronal. Eles respondem por 60% do valor da produção, ficando o segmento familiar com 40%, que é muito significativo.

Dividindo-se o VBP pela área total, tem-se uma aproximação do que seria a produtividade dos estabelecimentos familiares e patronais. Há uma pequena vantagem para os primeiros, mas isso não significa que eles sejam mais modernizados que os patronais. Na verdade, os agricultores familiares de uma forma geral usam mais intensamente seus estabelecimentos, inclusive como uma estratégia de sobrevivência, que combina produção para alimentar a família e produção para o mercado. Também se deve considerar que ainda existem muitos estabelecimentos grandes que apresentam baixa produtividade, que não incorporaram o produtivismo e que dificilmente o farão no médio ou, mesmo, longo prazo. Esses estabelecimentos puxam, e muito, para baixo a média de produtividade da categoria.

Considerando-se que são muitos os estabelecimentos familiares e que eles usam mais intensivamente a propriedade, em especial o fator mão-de-obra, pode-se concluir que eles têm uma participação importante na ocupação da mão-de-obra agropecuária. De fato, segundo os dados do SADE, os estabelecimentos familiares respondem por 85% da ocupação da mão-de-obra, ficando os patronais com 14%.

Esse é um dado muito importante, que pode ajudar a resumir a complexidade da ocupação na agropecuária baiana. Tem-se, de um lado, agricultores familiares modernos e tradicionais, que, dependendo de suas técnicas, desocupam e ocupam mão-de-obra, mas, na média, têm gerado, relativamente aos patronais, muito mais ocupações. Pode-se, inclusive, ponderar que, dadas as características da produção familiar, eles ocupam mais pessoas em seus estabelecimentos modernos do que os patronais em estabelecimentos do mesmo tipo.

De outro lado, também se encontram estabelecimentos patronais modernos e tradicionais, sendo que, dadas as suas características de produção, em ambos os tipos, na média, há uma tendência à desocupação. Esta ocorre tanto por substituição de homens por máquinas, como pela opção da não-produção (especulação fundiária) ou pela produção extensiva (pecuária extensiva, extração vegetal etc.) que gera poucas ocupações.

Observando-se as mesorregiões em separado, verifica-se que em todas elas há mais estabelecimentos familiares do que patronais. O Centro Sul e o Nordeste Baianos apresentam o maior número desse tipo de estabelecimento, enquanto o Sul Baiano concentra a maior parte dos patronais. No Nordeste verifica-se a maior relação agricultores familiares/patronais.

No tocante à área, se observa uma tendência contrária. Em todas as regiões, exceção feita ao Nordeste Baiano, que tem fortes características de produção familiar de subsistência, há mais área pertencente aos estabelecimentos patronais do que aos familiares. O Extremo Oeste apresenta a maior área patronal do Estado, confirmando a implantação do produtivismo, com sua monocultura em grandes extensões.

Em relação ao VBP, interessa destacar o fato de que há um relativo equilíbrio da contribuição familiar e patronal em quatro regiões. As exceções ficam por conta do Extremo Oeste, onde a categoria patronal apresenta quatro vezes mais área e um VBP cinco vezes maior que o familiar, e do Sul Baiano, cujos padrões têm área e VBP, respectivamente, quatro e 3,6 vezes maior. Também se classifica como exceção o Nordeste, ressaltando a importância da agricultura familiar. Nesta região, praticamente não se verifica o produtivismo de fato, e aí a agricultura familiar mostra sua eficiência: tem apenas 10% a mais de área, mas produz um VBP duas vezes maior.

4. TENDÊNCIAS PARA A OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA AGRÍCOLA

Tomando-se por base as referências históricas e conceituais do primeiro capítulo e as características da agropecuária e, em especial, da agricultura baiana e de suas mesorregiões, busca-se, neste capítulo, analisar a ocupação da mão-de-obra agrícola visando à identificação de tendências.

São analisados os dados do Projeto Rurbano elaborados a partir dos microdados das PNADs da década de 90, assim como os dados da MOA, tanto os originais, relativos aos anos de 1998 a 2001, quanto as tabulações elaboradas especificamente para este trabalho, referentes ao período 1990 a 2000 (MOA adaptada).

Para se captar a evolução tecnológica que não é percebida nas tabulações da MOA adaptada, em razão das limitações dos dados básicos, também são comparados coeficientes técnicos do início e do final da década de 90.

A exemplo do capítulo anterior, inicia-se pela análise dos dados para o Estado como um todo, passando-se em seguida para as mesorregiões.

4.1. A Ocupação da Mão-de-Obra Agropecuária na Bahia

Neste item são analisados os dados das PNADs (ver tabelas 36 a 38), que dizem respeito à agropecuária como um todo (ainda que nas tabelas sejam identificados como agrícola), não sendo possível distinguir o que se refere especificamente ao segmento agricultura. Analisam-se, além dos dados referentes à ocupação, aqueles relacionados à renda média das pessoas. Esta variável é importante para captar a dinâmica da demanda por mão-de-obra na agropecuária, bem como suas tendências.

Segundo os referidos dados, tanto na zona urbana, como na rural, a ocupação da mão-de-obra no setor agropecuário não apresenta crescimento estatisticamente significativo no

período 1992 a 1999. Observando-se os dados absolutos, pode-se dizer que houve uma estagnação da ocupação.

Por outro lado, a ocupação em atividades não-agropecuárias cresceu nas áreas urbanas e nas rurais. No primeiro caso, a taxa de crescimento foi de 2,6% ao ano, já no meio rural a taxa foi de 5%. Esses dados ajudam a reforçar os argumentos do Projeto Rurbano, quer dizer, os impactos negativos do produtivismo e a incapacidade das cidades em absorver mais mão-de-obra têm levado os habitantes das zonas rurais a buscarem alternativas de ocupação e renda sem abandonarem seus locais de moradia. Essa dinâmica é reforçada na Bahia, quando se considera a crise de culturas e modelos tradicionais de cultivo e criação.

Analisando-se a área rural não-metropolitana, também percebe-se uma estagnação da ocupação na agropecuária. E verifica-se a mesma taxa de crescimento anual (5,0%) da ocupação nas atividades não-agropecuárias percebida no rural como um todo. Isso significa que as atividades rurais não-agropecuárias apresentam aumento da demanda por mão-de-obra, tanto próximo às grandes cidades, como nas áreas mais afastadas, ou seja, não se trata de um fenômeno de periferia de cidade.

Observando-se ainda o espaço não-metropolitano, constata-se que a agropecuária, apesar de todos os problemas, permanece sendo o principal empregador, responsável por 52% da ocupação. Na zona rural desse espaço, 80% da mão-de-obra está na agropecuária, o que não é de se espantar em um Estado com grande concentração espacial da indústria e serviços. Surpreende, sim, a participação desse setor na ocupação em áreas urbanas: 17% dos trabalhadores estão se dedicando a atividades agropecuárias.

No tocante à renda média das pessoas, a agropecuária, em ambos espaços (metropolitano e não-metropolitano), apresenta valores muito inferiores aos das atividades não-agropecuárias, seja na zona urbana ou rural. Em 1999, as pessoas dedicadas à agropecuária percebiam metade da renda daquelas dedicadas às atividades não-agropecuárias. Isso nas duas zonas.

Quando observadas as zonas separadamente, constata-se que os ocupados em atividades agropecuárias e não-agropecuárias no meio rural têm suas rendas 50% menores do que aqueles que trabalham no meio urbano.

Quer dizer, ainda que se encontrem alternativas de ocupação e renda e cresçam a pluriatividade e as atividades não-agropecuárias no meio rural, as rendas nesta área ainda estão muito distantes daquelas percebidas no ambiente urbano. Parece, então, haver dois grandes desafios que podem contribuir, inclusive, para a retomada da ocupação na agropecuária. Primeiro, aproximar as rendas das atividades rurais às urbanas. Segundo, buscar uma aproximação entre as rendas das atividades agropecuárias e as outras rendas.

Entretanto, considerando-se os motivos já expostos, relacionados às características do produtivismo e do rural baiano em particular, e as tendências a seguir analisadas, dificilmente vai-se conseguir atingir os objetivos citados no curto ou médio prazos.

Tanto no meio rural como no urbano verificam-se quedas expressivas, e significativas estatisticamente, nas taxas anuais de crescimento das rendas médias das pessoas dedicadas à agropecuária. Respectivamente, -3,4% e - 5,3%. Por outro lado, em ambas áreas, as rendas não apresentam variações significativas para as atividades não-agropecuárias, tendendo para a estagnação.

Isso se traduz em distanciamento entre a renda agropecuária e as demais, além da permanência do desequilíbrio urbano/rural.

Importa destacar no meio rural, onde obviamente está o maior número de pessoas relacionadas à agropecuária, a queda expressiva e significativa da renda dos agricultores por conta-própria (-6,0% ao ano). Considerando-se que esta categoria pode, grosseiramente, ser enquadrada como a de agricultores familiares, é possível reafirmar que os impactos negativos do produtivismo na renda não atinge apenas aqueles que adotaram o modelo moderno de cultivo e criação. Aliás, pode-se ponderar que os segmentos não-produtivistas têm sido atingidos de maneira mais dura, o que ajuda a explicar a maior pluriatividade e a

busca mais significativa por alternativas de ocupação e renda por parte das famílias rurais, como defendem pesquisadores do Projeto Rurbano.

4.2. A Ocupação no Segmento Agricultura

Neste item são analisados os dados da Pesquisa de Mão-de-obra Agrícola da Bahia (MOA) disponíveis para os anos de 1998 a 2001,¹⁷ recuperando-se a análise feita pela SEI para o ano de 1998.

Também são analisados os dados da MOA adaptada, elaborados especialmente para este trabalho, conforme explicações do capítulo referente ao tratamento dos dados.

4.2.1. Os dados da MOA original

Em Superintendência (2000), os dados da MOA são analisados observando-se a conjuntura da produção agrícola de 1998, as características de cada produto no tocante à ocupação da mão-de-obra e, principalmente, o *mix* (ou combinação) dos produtos e, claro, da ocupação nas regiões. Como a regionalização utilizada pela pesquisa original distingue-se da usada neste trabalho, não são feitas comparações ou análises regionalizadas.

De acordo com a obra citada, os produtos e *mix* apresentam características radicalmente diferentes entre eles, com impactos distintos para a ocupação da mão-de-obra. Culturas e *mix* que apresentam grande área plantada, alta relação ocupados por hectare (EHA/ha), independentemente da tecnologia empregada (ou seja, emprega muito nos níveis tecnológicos alto, médio e baixo), e sazonalidade baixa (quer dizer, com a ocupação bem distribuída ao longo do ano), são ideais do ponto de vista da ocupação da mão-de-obra. Este é o caso do cacau e de algumas microrregiões do Estado.

¹⁷ Os dados referentes ao ano de 2001 ainda não estavam finalizados até junho de 2003. Somente estavam disponíveis dados preliminares para o total do Estado.

Nessas microrregiões, as combinações de culturas se complementam e corrigem os problemas que podem causar desemprego de mão-de-obra. Em outras palavras, o *mix* tem produtos com operações de cultivo que concentram a demanda da mão-de-obra em determinadas épocas do ano, mas esta concentração ocorre em momentos distintos para cada produto, de forma que sempre há trabalho. Tem também culturas com baixa ocupação por hectare, mas são compensadas por outras, plantadas em outras áreas na mesma região. Enfim, há espaço para a diversidade.

Por outro lado, na mesma publicação, faz-se uma crítica às regiões que não buscam a diversidade na formação dos *mix* e cultuam a monocultura produtivista. Nessas regiões, onde predominam poucas e grandes lavouras, normalmente há baixa ocupação durante todo o ano.

Dessa forma, são consideradas desocupadoras de mão-de-obra as regiões que concentram seus *mix* em produtos como soja, milho (no nível tecnológico alto), eucalipto¹⁸ e manga. Por outro lado, são ocupadores os *mix* que incorporam, de forma articulada para superar os problemas de sazonalidade, produtos como cacau, feijão, alho, café, maracujá e sisal, coincidentemente culturas tradicionais.

Observando-se os dados da MOA original de 1998 a 2001 não se consegue identificar uma tendência clara, dada a ainda pequena série histórica (ver tabela 39). Especula-se, entretanto, que a ocupação parece depender um pouco menos da quantidade de área plantada e mais do nível tecnológico empregado, o que caracteriza a entrada do produtivismo. Também percebe-se que há uma leve diminuição do coeficiente de variação da sazonalidade. Ou seja, a ocupação se distribui melhor ao longo do ano, com uma importante ressalva: ocupando menos pessoas. Isso se deve, principalmente, à baixa demanda de mão-de-obra, no modelo produtivista, nas operações de cultivo tradicionalmente grandes ocupadoras, como plantio, tratamentos culturais e colheita.

¹⁸ Apenas na MOA original estão disponíveis informações sobre o eucalipto.

4.2.2. Interpretando a MOA adaptada

A seguir apresentam-se as análises relativas às tabelas 40, 48, 56 e 58.

As culturas permanentes respondiam, em 1990, por 311 mil EHA e as temporárias por 581 mil EHA, ou 65% do total. Em 2000, a situação não mudou muito, ficando as culturas permanentes com 37% do total dos ocupados, ou 351 mil EHA, e as temporárias com 63%. Ao se observarem os dados de área plantada, percebe-se uma tendência contrária. De um total de 3.315 mil hectares plantados em 1990, 1.047 mil hectares estavam com culturas permanentes, ou 32% do total plantado, e o restante, 68%, com lavouras temporárias. Já em 2000 passou-se a ter 29% de área ocupada com culturas permanentes e 71% com temporárias, de um total de 4.046 mil hectares.

De forma sucinta, entre 1990 e 2000 há um aumento da participação das lavouras permanentes na ocupação, mesmo caindo seu percentual de contribuição na área plantada total. Isso quer dizer que houve um aumento do plantio de lavouras temporárias, que são mais desempregadoras do que as permanentes, como se pode constatar observando-se a relação EHA/ha.

Dentre as culturas permanentes em 1990, destacam-se como mais ocupadoras de mão-de-obra, o cacau, com 59% do total de EHA, seguido de longe pelo sisal, com 20%. Em 2000 não houve grandes alterações no *ranking* e nos percentuais verificados, pelo menos no que se refere às primeiras colocações. Nas culturas classificadas mais abaixo, percebem-se alterações importantes, que, ao mesmo tempo, apontam para a modernização e a tendência de alteração do *ranking* no longo prazo. É o caso da uva, da manga e do mamão, que passam de participações, em 1990, de 0,27%, 0,17% e 1,12% para, respectivamente, 1,04%, 0,67% e 3,21%, em 2000. Isso é resultado de um crescimento anual de EHA, significativo estatisticamente, de 12% para a uva, 16% para a manga e 13% para o mamão, durante a década de 90.

Na análise da relação EHA/ha, percebe-se que as principais culturas produtivistas ocupam menos por hectare do que as principais tradicionais. Enquanto o cacau, café, sisal e fumo ocupam, respectivamente, 0,34, 0,25, 0,33 e 0,71 EHA/ha, a soja e o milho ocupam 0,01 e 0,12.

Por outro lado, culturas como uva, abacaxi, melancia e melão, também produtivistas, mas com características especiais no seu processo produtivo, apresentam relações bem maiores, acima de 1 EHA/ha.

Do ponto de vista da sazonalidade da ocupação, há uma regra geral: as culturas temporárias, relativamente às permanentes, concentram mais a demanda por mão-de-obra em determinadas épocas do ano. Entretanto, percebe-se que os produtos tradicionais, em média, apresentam coeficientes de variação superiores aos das culturas produtivistas. Isto é, as culturas que incorporaram de forma consolidada as técnicas “modernas”, como uva, mamão, manga, abacaxi, milho e outras, apresentam uma melhor distribuição da ocupação da mão-de-obra agrícola ao longo do ano. Tem-se como exceção a soja, que emprega pouco por hectare e ainda distribui mal sua ocupação.

As culturas tradicionais, por não incorporarem de forma consolidada as técnicas desempregadoras nas principais operações de cultivo, como plantio, tratos culturais e colheita, concentram a ocupação em determinados meses do ano. Este é caso, por exemplo, do feijão, da mandioca, do fumo e do algodão. A grande exceção é o cacau, que, por tratar-se de uma cultura permanente, que exige cuidados continuados ao longo do ano, distribui bastante sua demanda por mão-de-obra.

Deve-se alertar que, ainda que as culturas produtivistas distribuam melhor a demanda por trabalho ao longo do ano, isso se dá em um nível mais baixo de ocupação. Quer dizer, as técnicas “modernas” não distribuem a mão-de-obra existente, mas, sim, diminuem a demanda por mão-de-obra nas operações de cultivo mais empregadoras, de forma que as distintas operações apresentem demandas de homens por hectare muito semelhantes (niveladas na baixa).

Em relação às tendências, é importante destacar que, assim como observado com as PNADs, não há uma taxa de crescimento significativa estatisticamente que permita inferir que a ocupação total da mão-de-obra agrícola está crescendo ou caindo na década de 90. No limite, pode-se afirmar que ela está estagnada e que, considerando-se que a População Economicamente Ativa está crescendo, há uma tendência relativa de cada vez menos pessoas estarem ocupadas na agricultura.

Também merece destaque o fato de cair, de forma significativa estatisticamente, a ocupação por hectare ao longo dos anos 90 a uma taxa anual de -1,2%. E mais, essa taxa é em grande medida determinada por culturas temporárias produtivistas que vêm expandindo suas áreas plantadas. É o caso da soja e milho.

Por outro lado, culturas produtivistas mais empregadoras, como a uva e o mamão, também têm ampliado suas áreas plantadas e contribuído para que a relação EHA/ha permaneça a mesma entre as culturas permanentes. Também contribuem para a manutenção dessa relação, as culturas tradicionais em crise, como o cacau e o sisal, que insistem em se manter em posição de destaque.

Em relação à sazonalidade, os dados não apontam para uma tendência clara, estatisticamente significativa, o que indica, provavelmente, uma estagnação, resultado de uma compensação. De um lado, culturas produtivistas temporárias, somadas à soja (exceção), que elevam o coeficiente de variação. De outro, culturas produtivistas, somadas ao cacau (exceção), que baixam o coeficiente.

4.2.3. As mudanças nos coeficientes técnicos

Os dados trabalhados no item anterior mostram tendências para a ocupação da mão-de-obra agrícola, considerando-se, especialmente, o *mix* de culturas em cada região e para o total da Bahia. Quer dizer, dependendo da combinação de culturas, se as que predominam são mais ou menos ocupadoras de mão-de-obra, apresenta-se uma determinada tendência. Mas não

foram incorporadas à análise as variações e tendências decorrentes do progresso tecnológico. Isso só é possível, como explicado no capítulo referente ao tratamento dos dados, com as informações da MOA original, que não cobrem toda a década de 90 e não permitem verificar tendências. Outra forma de se captar essa tendência, também explicada no referido capítulo, é através da observação da variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra em homens-dia por hectare (ver tabelas 66 a 75).

Claramente se verifica que os coeficientes levantados pela Sudene (1990) para a Bahia, em 1990, apresentam uma maior relação hd/ha (maior demanda por mão-de-obra), quando comparados com aqueles do final da década (1998 ou 2000). Houve neste período, principalmente para os produtos que efetivamente passaram pela modernização tardia da Bahia, variações negativas muito significativas nos diversos grupos de operações de cultivo.

É o caso, por exemplo, da cebola, do abacaxi e da melancia, que tiveram incorporadas, de maneira ampla e consolidada, as tecnologias produtivistas nos seus processos produtivos. A queda da demanda por mão-de-obra se dá, para essas culturas, em quase todos os grupos de operações de cultivo, mas especialmente nas operações de preparo do solo, plantio e colheita, onde ocorreram inovações organizacionais e se incorporaram insumos químicos, sementes melhoradas e máquinas e equipamentos desempregadores.

Essa mesma dinâmica percebeu-se em culturas que não foram intensamente absorvida pelos métodos produtivistas na Bahia, como é o caso da banana, arroz, feijão e mandioca, mas que incorporaram alguns de seus instrumentos, como máquinas e equipamentos. Claro que as variações negativas são menores que as verificadas nas culturas mais produtivistas, e também são concentradas principalmente no preparo do solo.

Importa destacar o fato de que, para algumas das culturas produtivistas, houve um incremento de demanda nos coeficientes de capina e outros tratos culturais. Isso ocorre em razão das novas orientações do mercado, que exige um tratamento cuidadoso com os produtos, para que não sejam danificados durante algumas operações. Ou seja, por

enquanto, ainda é mais aconselhado utilizar-se das mãos humanas para essas tarefas mais delicadas e precisas.

4.3. A Ocupação nas Mesorregiões

A seguir são analisadas as tabelas 41 a 47, 49 a 55, 57 e 59 a 65.

Dos 946 mil EHA ocupados na Bahia em atividades agrícolas, a maior parte está na região Sul (27%), vinculados, principalmente, ao cacau, como se verá mais adiante. Em 1990 esta região estava em segundo lugar, com 23% dos ocupados. O primeiro lugar era ocupado pelo Centro Sul, mas com a crise do algodão, dentre outras questões, perdeu três posições e ficou com 14% do total, na quarta classificação.

Nas segunda e terceira posições, com, respectivamente, 19% e 17% dos ocupados, aparecem as regiões Centro Norte e Nordeste da Bahia, que cresceram dois e três pontos percentuais em relação a 1990.

Na quinta posição, com 12%, está o Extremo Oeste, que apresentou crescimento relevante em relação a 1990. Desde já, ressalta-se que este incremento deveu-se à uma enorme ampliação da área plantada, mas com culturas pouco ocupadoras.

O Vale vem em seguida com os mesmos 7% verificados em 1990, resultado de uma ação compensatória, onde foram substituídas culturas tradicionais por produtivistas, mas ambas relativamente grandes ocupadoras por hectare.

Por último, dadas as características da região de pouca importância para a agropecuária Estadual, aparece a região Metropolitana (4%).

Em relação à área plantada, aparece o Extremo Oeste como a região com mais hectares utilizados para a agricultura, com 25% do total do Estado (em 1990 eram 15% do total).

Quer dizer, o Oeste detém a maior área plantada, apesar de ocupar apenas a quinta posição entre as regiões mais ocupadoras do Estado.

Em seguida aparecem com grandes áreas plantadas o Centro Norte (20%), o Nordeste (19%) e o Sul (18%), sem grandes variações em relação a 1990. E aqui destaca-se esta última região, que é a maior ocupadora de mão-de-obra agrícola, mas detém apenas o quarto lugar no referente à área plantada.

Na quinta posição está o Centro Sul, que, assim como no caso da ocupação, perdeu metade da sua participação na área plantada total do Estado (de 22% em 1990 para 12% em 2000). Em seguida, com 4% do total da área (sem variação em relação a 1990), aparece o Vale do São Francisco, firmando-se como grande ocupador por hectare, apesar de ser uma área com características produtivistas. Na última posição está a região Metropolitana, com 2% do total.

Tratando-se da ocupação por hectare (EHA/ha), destacam-se com os melhores desempenhos as regiões Metropolitana (0,48 ocupados por hectare), do Vale (0,38) e Sul (0,36). Puxando para baixo a média estadual, aparece o Oeste, com 0,12 EHA/ha.

No que diz respeito à sazonalidade, somente o Oeste e a região Metropolitana apresentam coeficientes de variação abaixo da média estadual. O Centro Norte é o que mais concentra sua ocupação em determinados meses do ano.

Ao se observarem algumas das regiões separadamente, para cada uma das variáveis discutidas acima, compreendem-se os porquês das classificações e participações nos *rankings* apresentados, além das possíveis tendências gerais.

No caso do Sul, principal região ocupadora do Estado, verifica-se que o cacau é o grande responsável pela geração de ocupações. São 181 mil EHA ou 72% do total da região. Isso se deve à soma de uma grande área plantada (76% do total da região) com uma demanda de mão-de-obra por hectare elevada (0,34 EHA/ha), acima da média estadual (0,23).

Outras culturas também têm contribuído para este bom desempenho da região no que tange a ocupação agrícola. Há um processo de diversificação da produção regional, em virtude da crise das culturas tradicionais, e do cacau, em especial, que pode ser verificado ao se observarem as tendências. Enquanto o cacau apresenta um crescimento significativo estatisticamente de 1,0% ao ano, o maracujá, mamão, guaraná, coco, abacaxi e melancia crescem acima dos 10,0% ao ano. Com um detalhe, apesar de serem cultivadas nos moldes produtivistas, são, em média, grandes ocupadoras por hectare, bem maiores até que o cacau.

Como o cacau ainda tem uma importância muito grande entre as culturas permanentes, este processo de diversificação é mais claramente percebido entre as temporárias. Neste segmento, há um crescimento significativo de EHA de 5,3% ao ano, em grande parte determinado pelo aumento anual de 5,0% do EHA/ha. Entre as permanentes, as taxas de crescimento anual da ocupação total e por hectare são, respectivamente, 1,4% e 0,1%.

Quanto à sazonalidade, há uma tendência de queda (-0,5% ao ano) do coeficiente de variação. Ou seja, tende a ocorrer uma melhor distribuição da ocupação ao longo do ano na região Sul. Com uma observação: esta distribuição mais equilibrada não se dá em virtude da queda da ocupação em algumas operações de cultivo, ao contrário, se dá pela entrada de novas culturas, grandes ocupadoras por hectare, que têm seus picos de ocupação em momentos distintos.

Pode-se dizer, então, que a região Sul é a ideal do ponto de vista da ocupação, já que é a primeira no *ranking* do EHA e tem apresentado um processo de diversificação, calcado em culturas muito ocupadoras por hectare, que distribuem bem sua demanda de mão-de-obra ao longo do ano.

Partindo-se para a região Centro Norte, segunda maior ocupadora, verifica-se que o feijão é o principal demandante de mão-de-obra, com 40% do total de ocupados. Esta cultura, da forma que é produzida, depende muito da natureza, apresentando, constantemente, quebras

de safra. Tanto é, que não se captou uma tendência estatisticamente significativa de crescimento anual do número de EHA. Há, na verdade, uma estagnação desta variável.

Aliás, esta tendência de não crescimento parece ser geral e ocorre tanto entre os produtos temporários, como entre os permanentes. Há uma ou outra cultura que cresce de forma significativa, como a cebola, tomate, abacaxi, uva e mamão, mas que não têm peso na estrutura e não contribuem para mudanças de tendências.

Essa mesma dinâmica de estagnação é verificada na ocupação por hectare e na sazonalidade da ocupação, que, ressalte-se, apresenta um coeficiente de variação muito alto.

Isso tudo decorre da crise dos produtos tradicionais e da tímida entrada do produtivismo na região, que não influencia, nem para baixo nem para cima a ocupação geral.

O Nordeste apresenta uma dinâmica de ocupação um pouco melhor que aquela verificada no Centro Norte. Também nesta região o feijão é o principal produto ocupador, com 37% dos EHA, mas com a diferença desta cultura apresentar crescimento na ocupação de forma significativa estatisticamente: + 5,5% ao ano. Mas aqui não se verifica um processo de diversificação sustentado, nem uma entrada mais importante do produtivismo. Permanecem culturas tradicionais, principalmente as temporárias, não tão atingidas pela crise, de forma que há uma tendência de crescimento da ocupação geral a uma taxa anual de 2,5%.

Preocupa, entretanto, o fato desse crescimento se sustentar em um *mix* de culturas com baixa ocupação por hectare, como é típico do segmento temporário, que tem levado, inclusive, a uma queda da relação EHA/ha geral de 1,0% ao ano.

No tocante à sazonalidade, em razão da falta de um processo de diversificação, há uma tendência de crescimento do coeficiente de variação na ordem de 2,1% ao ano, o que levará a uma maior concentração da ocupação ao longo do ano.

No Centro Sul, os principais produtos são, todos, tradicionais em crise e apresentam quedas anuais na ocupação, significativas estatisticamente, superiores a 2,0%, como o café, algodão, cana, arroz e milho. São exceções o feijão e o cacau que, apesar da crise, praticamente se mantêm estagnados. A maior queda é percebida no algodão, de 18,5% ao ano. Esta cultura já representou, em 1990, 25% do total da ocupação agrícola da região, sendo o maior ocupador. Em 2000 esta participação era inferior a 4% e o principal produto passou a ser o feijão, com 24%.

Poucos produtos aparecem com crescimentos significativos, de forma que não parece haver uma tendência de alteração do *mix* no médio prazo. E mais, esses produtos que crescem, apresentam uma baixa relação EHA/ha. Somando-se, então, o declínio geral da ocupação dos produtos tradicionais em crise e os novos produtos poucos demandantes de mão-de-obra, tem-se uma tendência de queda significativa tanto do número de EHA (-5,3% ao ano), como da ocupação por hectare (-1,2% ao ano).

Sobre a sazonalidade, há uma estagnação do alto coeficiente de variação, que concentra a ocupação em determinadas épocas do ano. Como não há uma tendência de alteração do *mix*, esta concentração deve-se manter-se.

A região Oeste, antepenúltima na classificação, foi a que apresentou as maiores transformações. Em 1990, predominavam culturas tradicionais como sendo as maiores ocupadoras de mão-de-obra agrícola. O arroz respondia por 38% da ocupação, a cana por 14%, a mandioca por 13% e o feijão por 12%, de um total de 46 mil EHA. Ressalte-se que os produtos permanentes ocupavam apenas 1% da mão-de-obra.

Em 2000, o arroz continuou a ser o maior ocupador, mas com uma participação menor: 30% do total. O milho, que passa a ser cultivado nos moldes produtivistas, ocupa a segunda colocação, com 18% dos empregados, e o algodão, também produtivista, a terceira, com 16% da mão-de-obra ocupada. Os produtos permanentes continuaram tendo uma participação marginal, mas cresceram um pouco, representando 3% dos ocupados.

A grande mudança mesmo foi percebida no modelo de produção e na área plantada. A alteração do modelo implicou quedas significativas da relação EHA/ha, enquanto o enorme crescimento da área garantiu o aumento da ocupação. Foram ocupadas velhas e novas áreas, substituindo culturas e formas de produção, incluindo, em muitos casos, a irrigação.

Entre 1990 e 2000 houve uma diminuição da ocupação por hectare, significativa estatisticamente, na ordem de 2,4% ao ano, ao passo que, em decorrência do incremento na área, houve um aumento da ocupação geral de 5,4% ao ano. O crescimento maior foi verificado entre os produtos permanentes (21% ao ano), liderados pelo mamão (30%), que é grande ocupador por hectare (0,44 EHA/ha). Ainda nesta categoria, merece destaque, como principal ocupador, o café, que passou a ser produzido, inclusive com irrigação, a partir de 1996.

Essas e outras culturas permanentes contribuíram para a elevação, nesta categoria, da relação EHA/ha em 2% ao ano.

No tocante aos temporários, impressiona o fato da soja estar plantada em mais de 62% da área cultivada total da região, ao passo que só ocupa 4% da mão-de-obra. Isso é resultado de uma baixa relação EHA/ha desta cultura (0,01), a menor entre todos produtos, temporários e permanentes, do Estado da Bahia. Essa cultura, juntamente com outras de baixa ocupação por hectare, contribuiu para que, apesar do maior incremento na área, o crescimento da ocupação anual (5,1%) fosse muito menor do que o verificado entre os permanentes.

Em relação à sazonalidade, verifica-se que o coeficiente de variação é baixo e tende a cair (-2,3% ao ano). Lembra-se, entretanto, que esta tendência de desconcentração da ocupação ao longo do ano decorre da diminuição da demanda da mão-de-obra em determinadas operações de cultivo, tradicionalmente grandes ocupadoras, em razão das técnicas produtivistas poupadoras de trabalho.

Ao contrário da região Sul, a Oeste pode ser caracterizada como a que tem as piores características para a ocupação da mão-de-obra agrícola. Ao tempo que expande a área plantada, aumenta muito menos que proporcionalmente a ocupação total, em virtude da queda significativa da ocupação por hectare. Ressalta o fato de haver uma grande dependência da expansão da área para incrementar o número de EHA, ou seja, depois de ocupada toda a fronteira agrícola e mantendo-se a inovação tecnológica nos moldes produtivistas, tudo indica que haverá uma diminuição da demanda total por mão-de-obra.

A região do Vale do São Francisco, por sua vez, apresenta características distintas, apesar de também ter, cada vez mais, sua produção montada em bases produtivistas. Em 1990 prevaleciam os cultivos e culturas tradicionais, como o tomate, que respondia por 18% da ocupação, o algodão, por 15%, a mandioca, 13% e a cana, 12%. Os produtos permanentes ocupavam apenas 2% da mão-de-obra agrícola.

Com a incorporação das técnicas produtivistas, mas, neste caso, com características de alta empregabilidade, a estrutura se alterou. Em 2000, o arroz passou a ser a cultura que mais ocupa (22% do total), seguida pela mandioca (18%) e feijão (17%). Outras culturas que quase não contribuía para a ocupação em 1990, passaram a ter posição de destaque, é caso da melancia (9%), do melão (4%) e das culturas permanentes em geral (8%). Nesta última categoria, destacam-se a uva (5%) e a manga (2%).

Todas essas “novas culturas” apresentam alta ocupação por hectare e provocam crescimento significativo da ocupação entre os permanentes na ordem de 13% ao ano (a uva, o maracujá, a manga e o mamão, crescem, respectivamente, 12%, 24%, 25% e 20% ao ano). No geral (permanentes e temporários) não se consegue captar um incremento estatisticamente significativo, em razão do processo de substituição, ainda incompleto, das culturas tradicionais em crise pelas modernas. Acredita-se, entretanto, que, no médio prazo, deverá ocorrer uma tendência de crescimento da ocupação, a menos que as tecnologias de produção apresentem inovações desempregadoras, mesmo entre culturas que demandam intensamente mão-de-obra para tratos culturais e colheita, como são as frutas de mesa.

Sobre a distribuição da ocupação ao longo do ano, verifica-se uma tendência de queda do coeficiente de variação (-0,4% ao ano). Neste caso, diferentemente do Oeste, a desconcentração se dá pela diversificação do *mix* de produtos e não pela diminuição da demanda de mão-de-obra em determinadas operações de cultivo.

A região Metropolitana de Salvador, como já observado em outras partes deste trabalho, não contribui significativamente para a agricultura do Estado e, conseqüentemente, para a ocupação da mão-de-obra do setor. Não se verificam mudanças importantes na estrutura de ocupação, nem tendências que possam alterá-la no médio prazo. Aliás, pode-se dizer que tende a uma estagnação da ocupação, mesmo porque a relação EHA/ha também não apresenta variações significativas. Sobre a sazonalidade ela é bastante dispersa e deve continuar assim.

5. CONCLUSÕES

Percebem-se claramente dois grandes processos em curso na agropecuária baiana. Um, diz respeito à crise de produtos e modelos de produção tradicionais. Outro, à implantação tardia do modelo produtivista, sustentado nos avanços tecnológicos e organizacionais difundidos pela Revolução Verde, e em constante renovação e atualização. Ambos apresentam variados impactos econômicos, sociais e ambientais, que influenciam positivamente ou negativamente na qualidade e na quantidade da ocupação da mão-de-obra agrícola.

Muitas vezes esses processos podem ser atrelados a uma determinada cultura, outras, não. Existem culturas que, dependendo da região de inserção, podem ser consideradas tradicionais ou “modernas”.

Quando observadas as mesorregiões separadamente, não se pode, de forma precisa, caracterizá-las como exclusivamente tradicionais ou “modernas”. Em todas elas são percebidos os dois processos, ainda que se identifique predominância de um ou outro. Grosso modo, caracterizam-se as mesorregiões Extremo Oeste e Vale do São Francisco como as mais modernas, ficando as outras cinco com um viés mais tradicional.

Os dois processos, quando observados de maneira agregada, não definem, a priori, o comportamento da ocupação da mão-de-obra. Existem culturas tradicionais, em crise, que têm garantido uma alta ocupação por hectare, com uma certa regularidade, enquanto outras, também tradicionais, ocupam pouco por hectare e de forma precária (subocupação). O mesmo ocorre entre as culturas modernas.

De maneira generalizada, pode-se dizer que algumas culturas tradicionais, historicamente grandes ocupadoras de mão-de-obra, situadas em regiões com maior viés tradicional, como as culturas do cacau e do sisal, e certas culturas “modernas” intensivas em mão-de-obra, produzidas em regiões com maior viés produtivista, como é o caso de algumas frutas de mesa irrigadas, têm garantido grande número de ocupados na agricultura, relativamente a outros Estados.

Em contrapartida, outras culturas tradicionais em crise, que vêm sendo abandonadas ou perdendo área plantada muito rapidamente em favor de culturas desempregadoras, e outras “modernas”, com baixa demanda de mão-de-obra por hectare, a exemplo da soja e do milho (em determinadas regiões produtivistas), têm gerado subocupações ou desocupações sistemáticas, anulando a dinâmica empregadora citada anteriormente.

Como saldo, tem-se uma estagnação da ocupação da mão-de-obra agrícola na Bahia, o que, no médio prazo, significa diminuição da participação do setor agropecuário (e agrícola em particular) no número de ocupações total do Estado, considerando-se todos os setores da economia.

Quando observadas as mesorregiões separadamente, verifica-se que as tendências são variadas. No Centro Sul, por exemplo, a tendência de desocupação é mais clara e imediata, decorrente, principalmente, do abandono de área por parte dos produtos em crise e da incorporação muito tímida de “novas” culturas e do produtivismo. Para agravar a situação social, essas culturas que chegam são pouco ocupadoras.

Já na região Sul percebe-se uma tendência sustentada e significativa de crescimento da ocupação. Somam-se dois processos importantes para o estabelecimento dessa tendência: a diversificação da produção, calcada em culturas produtivistas grandes ocupadoras por hectare, e o fortalecimento de culturas tradicionais em crise (cacau especialmente) muito importantes para a ocupação.

O Oeste também apresenta tendência significativa de crescimento, mas, diferentemente do Sul, ela não é sustentada. Neste caso, o incremento da ocupação total se deve ao aumento da área plantada, decorrente do avanço do produtivismo na região. Mas esta tendência é acompanhada de outra, também estatisticamente significativa: queda da ocupação por hectare, típica dos métodos produtivistas. Ou seja, no médio prazo, quando incorporada a maior parte da fronteira agrícola dos cerrados baianos, deve-se inverter radicalmente a tendência de ocupação.

O Nordeste é outra região a apresentar tendência significativa de crescimento da ocupação da mão-de-obra agrícola. E aqui também se pode dizer que ela não é sustentada, mas por motivos um pouco distintos do Oeste. Cresce a área plantada, mas ela se apóia em culturas temporárias, com baixa ocupação por hectare, decorrente das características das próprias culturas e não em razão das técnicas produtivistas. Ou seja, o produtivismo, se incorporado de maneira mais decisiva na região, pode até contribuir para a inversão no médio prazo da tendência de ocupação no Nordeste, mas o fator determinante da inversão é o *mix* de culturas existente.

As regiões Centro Norte, Metropolitana e do Vale apresentam a mesma estagnação da ocupação verificada para o Estado como um todo, ainda que os motivos sejam distintos.

Sobre a primeira região, pode-se afirmar que a estagnação ocorre tanto na ocupação total quanto na por hectare, e que isso se deve à crise dos produtos tradicionais e à tímida entrada do produtivismo na região, que não influencia, nem para baixo nem para cima a ocupação geral.

Em relação ao Vale, considerando-se o crescimento muito significativo e sustentado tanto da ocupação total como da ocupação por hectare, entre as culturas permanentes, acredita-se que, ainda na década de 2000 haverá uma tendência geral de crescimento significativo da ocupação. Ressalta-se que as referidas culturas permanentes são produtivistas, em sua maioria frutas para mesa, mas com alta demanda de mão-de-obra por hectare.

A região Metropolitana, a exemplo da Centro Norte, não apresenta movimentos que induzam a mudanças significativas na estagnação identificada.

Como para a Bahia há uma tendência de estagnação da ocupação agrícola e, ao mesmo tempo, não estão sendo produzidas alternativas nos centros urbanos, algumas políticas têm que ser pensadas para dinamizar um processo de geração de empregos no campo e nos espaços rurais em geral. Convém lembrar, entretanto, que variáveis econômicas, ambientais

e outras sociais (saúde do trabalhador e qualidade do consumo, por exemplo), são importantes para a definição das políticas para a agricultura. Assim, não se pode, simplesmente, propor o incentivo à produção de culturas com alta ocupação por hectare de boa qualidade e baixa sazonalidade (distribuição equilibrada da ocupação ao longo do ano).

Sugere-se, então, trabalhar na composição dos *mix* ideais, buscando-se compensações, respeitando-se obviamente as limitações naturais. Em outras palavras, deve-se definir espaços físicos para os diferentes tipos de culturas em uma mesma região, de maneira que se consigam, na média, bons resultados econômicos, sociais e ambientais. Se por um lado se incentiva uma cultura pouco empregadora, que concentra mão-de-obra em poucos meses do ano e produz danos graves ao meio ambiente, mas que proporciona bons retornos econômicos, deve-se, por outro, incentivar culturas com alta ocupação por hectare, que concentrem a demanda por mão-de-obra nos meses não cobertos pela primeira cultura e com baixo impacto ambiental. E assim sucessivamente até que se encontrem os *mix* ideais.

Preocupam, todavia, as rápidas mudanças que o produtivismo tem causado nos coeficientes de absorção de mão-de-obra por hectare. E isso acontece, inclusive, com culturas que tiveram, em decorrência do produtivismo e em um primeiro momento, intensificadas suas demandas por mão-de-obra em determinadas operações de cultivo. É o caso das frutas de mesa irrigadas. Quando implantado o processo “moderno” de produção dessas frutas, aumentou, em relação ao processo tradicional, a demanda de mão-de-obra, principalmente nos tratos culturais, na colheita e no beneficiamento. Agora, em função de inovações tecnológicas e organizacionais, esses coeficientes começam a baixar.

Isso significa que as políticas de incentivo à ocupação na agricultura, produzidas com base nos conhecimentos atuais, em busca dos *mix* ideais, podem não produzir os efeitos desejados.

Dessa forma, outras políticas de incentivo à ocupação também têm que ser pensadas. Deve-se por um lado, buscar e apoiar novas ocupações no meio rural, incentivando a pluriatividade e as ocupações e rendas não-agrícolas. Por outro, é preciso iniciar um

processo de identificação de alternativas à produção e aos mercados produtivistas. Alguns começam a surgir e se fortalecer, como, por exemplo, as agroecologias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo e SACHS, Ignacy. **Nouvelles configurations villes-campagnes**. Roma: FAO, 1996. Mimeo.

ANDRADE, Manoel Correia. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo, Ciências Humanas, 1980.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Nordeste, Nordestes: que Nordeste? In: AFFONSO, Rui de Britto Álvares, SILVA, Pedro Luiz Barros (orgs). **Desigualdades regionais e desenvolvimento**. São Paulo, FUNDAP, 1995. p. 125-156.

BONANNO, Alessandro. Changes, crisis and restructuring western Europe: the new dimensions of agriculture. **Agriculture and human values**. Florida, Winter-Spring, v.6, 1989, p. 2-10.

CARVALHO, Otamar de. **A economia política do Nordeste** (secas, irrigação e desenvolvimento). Rio de Janeiro, Campus, 1988. 505 p.

CARVALHO JÚNIOR, César Vaz, COUTO FILHO, Vitor de Athayde, MACHADO, Gustavo Bittencourt. Atualidades, perspectivas e desafios para o espaço rural baiano. In: SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Bahia 2000**. Salvador, SEI, 1999. p.23-77.

COQUE E ÁLCOOL DO BRASIL. **Estudo sobre o impacto do setor agrícola na geração global de emprego na economia brasileira**. Brasília: Ministério da Agricultura, 1982. 3v. mimeo.

COUTO FILHO, Vitor de Athayde, MACHADO, Gustavo Bittencourt, GOMES, Andréa da Silva. Inovações tecnológicas e organizacionais na agricultura. ENCONTRO NACIONAL DA ANPEC, 25. **Anais...** Recife, dez.1997. v.3, p.1959-78.

COUTO FILHO, Vitor de Athayde, MACHADO, Gustavo Bittencourt. **Novos Mundos Rurais Baianos**. Salvador, SEI, 1999.

COUTO, Vitor de Athayde, COUTO FILHO, Vitor de Athayde. A urbanização do trabalho rural. **Anais...** CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 36. Poços de Caldas, 1998. v. 2, p. 589-602.

COUTO, Vitor de Athayde, FREITAS, Adriana. **Versão preliminar do relatório sobre agricultura familiar na Região Nordeste**. Convênio FAO/INCRA, Brasília, 1995.

CROMARTIE, John, BEALE, Calvin. População rural se recupera nos anos 90. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v.17. n.3, p.7-9, mar.1997.

DEL GROSSI, Mauro. **Evolução das ocupações não-agrícolas no meio rural brasileiro: 1981-1995**. Campinas, UNICAMP, 1999. (Tese de doutoramento).

ETXEZARRETA, Miren, ROSELL, Jordi, VILADOMIU, Lourdes. El replanteamiento del proteccionismo agrário y la política de estructuras. **Revista de Economía**. Madri, n.666, feb., 1989, p. 75-100

FAO. **A agricultura familiar na região Nordeste**. Convênio FAO/INCRA, Brasília, out. 1995.

FRANCE. **Loi d'Orientation Agricole**. Ministère de l'Agriculture e de la Pêche / Republique Française, Paris, jun. 1998.

FUNDAÇÃO CENTRO DE PROJETOS E ESTUDOS. **Perfil da nova agropecuária da Bahia**. Salvador, SEI, 1994. 124p. (Série Estudos e Pesquisas. Salvador). n. 21, 1994.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SP). **Força de Trabalho na Agricultura Paulista**. São Paulo: SEADE, 1996. 101 p. (Análises & Ensaios).

FURTADO, Celso. **Seca e poder**: entrevista com Celso Furtado. Entrevistadores: Maria da Conceição Tavares, Manuel Correia de Andrade, Raimundo Pereira. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

GOODMAN, David, REDCLIFT, Michael. **The internacional farm crisis**. London, The Macmillan Press, 1989, p. 1-23.

GRAZIANO DA SILVA, José. **Progresso técnico e emprego no setor agrícola**. Campinas: UNICAMP/IE, 1987.35p. mimeo. (Relatório CNPq).

_____. O novo rural brasileiro. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte: Cedeplar, v.7 , n.1, p. 43-81, mai. 1997a.

_____. Entrevista. **Revista Ops**, Salvador, v.2, n.7, Inverno, 1997b.

_____. Políticas não-agrícolas para o novo rural brasileiro. **Anais... CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 36. Poços de Caldas, 1998. v. 1. p.117-42.

KAGEYAMA, Ângela. **Modernização, produtividade e emprego na agricultura**: uma análise regional. Campinas: UNICAMP/IE, 1986. (Tese de doutoramento).

_____ et alii. O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: do Complexo Rural aos CAI's. DELGADO e alii. In: **Agricultura e Políticas Públicas**, IPEA, 1990, n. 127, p. 113-223.

_____. Pluriatividade na agricultura: alguns aspectos conceituais. **Anais... CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 36. Poços de Caldas, 1998. v.2, p.555-66.

- LAMARCHE, H. (coord.) et al. **A agricultura familiar**. São Paulo, Unicamp, 1993.
- MARTINE, G. (1990). Fases e Faces da Modernização Agrícola Brasileira. In: **Planejamento e Políticas Públicas**, IPEA, jun. 1990, p.3-43.
- OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista**. São Paulo, Cebrap, 1975.
- PROSERPIO, Renata. Desemprego: diferentes causas demandam soluções distintas. **Conjuntura & Planejamento**, Salvador, SEI, n. 47, p. 3-4, abr. 1998.
- REYDON, Bastiaan P. et. al. **O impacto do progresso técnico sobre o nível de emprego no setor agrícola**. Campinas: Unicamp/IE, 1986. 216p. mimeo. (Relatório PNPE).
- ROMEIRO, Ademar. Entrevista. **Revista Ops**, Salvador, v.1, n.3, Inverno, 1996.
- SCHNEIDER, Sérgio, NAVARRO, Zander. Agricultura e novas formas de ocupação no meio rural: um estudo sobre as tendências recentes. **Anais... CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 36. Poços de Caldas, v.1, 1998, p. 617-33.
- SUDENE. PAPP. **Coefficientes técnicos para a pecuária e a agricultura do Nordeste**. Recife, 1990. 3 v. (mimeo).
- SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Mão-de-obra agrícola na Bahia**. Salvador: SEI, 2000. 118p. (Série Estudos e Pesquisas, 46).
- SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **O PIB da Bahia 1975-2000**. Salvador: SEI, 2002. 151p. (Série Estudos e Pesquisas, 58).
- TUBIANA, L. O comércio mundial dos produtos agrícolas: da regulação global ao fracionamento dos mercados. **Ensaio FEE**. Porto Alegre, v. 6, n. 2, 1985, p. 103-126.
- VILELA, Sérgio Luiz de Oliveira. O meio rural no contexto da crise agrícola moderna: o exemplo do Estado do Piauí. **Anais... CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 36. Poços de Caldas, 1998. v. 1. p. 937-52.

TABELAS E ANEXOS



ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Participação percentual dos principais produtos agrícolas no Valor Bruto da Produção da agricultura - Bahia, 1985 e 1996.....	91
Tabela 2 - Variação do número de tratores e número de tratores por área, segundo a atividade econômica e grupos de área total - Bahia, 1985 e 1996.....	92
Tabela 3 - Variação do número de arados e outras máquinas, total e por ha, segundo a atividade econômica e grupos de área total - Bahia, 1985 e 1996.....	93
Tabela 4 - Variação da área irrigada total e por ha, segundo a atividade econômica e grupos de área total - Bahia, 1985 e 1996.....	94
Tabela 5 - Variação de pessoal ocupado total e por hectare, segundo a atividade econômica, grupos de área e categoria de ocupação - Bahia, 1985 e 1996.....	95
Tabela 6 - Número de variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área - Bahia, 1985 e 1996.....	96
Tabela 7 - Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área - Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1985 e 1996.....	96
Tabela 8 - Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área - Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1985 e 1996.....	97
Tabela 9 - Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área - Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1985 e 1996.....	97
Tabela 10 - Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área - Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1985 e 1996.....	98
Tabela 11 - Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área - Mesorregião Nordeste, Bahia, 1985 e 1996.....	98
Tabela 12 - Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área - Mesorregião Sul, Bahia, 1985 e 1996.....	99
Tabela 13 - Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área - Mesorregião Vale do S. Francisco, Bahia, 1985 e 1996.....	99
Tabela 14 - Participação e variação da área irrigada total e por hectare, segundo as mesorregiões - Bahia, 1985 e 1996.....	100
Tabela 15 - Participação e variação do número de tratores total e por hectare, segundo as mesorregiões - Bahia, 1985 e 1996.....	101
Tabela 16 - Participação e variação de pessoal ocupado total e por hectare, segundo as mesorregiões - Bahia, 1985 e 1996.....	102
Tabela 17 - Pessoal ocupado por grupos da atividade econômica - Bahia, 1985 e 1996.....	103
Tabela 18 - Número e participação no Valor Bruto da Produção da agricultura, segundo as mesorregiões - Bahia - 1985 -1996.....	104
Tabela 19 - Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas - Bahia, 1985 e 1996.....	105
Tabela 20 - Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas - Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1985 e 1996.....	106
Tabela 21 - Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas - Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1985 e 1996.....	107
Tabela 22 - Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas - Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1985 e 1996.....	108

Tabela 23 - Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas - Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1985 e 1996	109
Tabela 24 - Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas - Mesorregião Nordeste, Bahia, 1985 e 1996.....	110
Tabela 25 - Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas - Mesorregião Sul, Bahia, 1985 e 1996	111
Tabela 26 - Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas - Mesorregião Vale do S. Francisco, Bahia, 1985 e 1996	112
Tabela 27 - Valores em dólares americanos e taxa de crescimento anual das exportações dos principais produtos do setor agropecuário - Bahia 1990-2000.....	113
Tabela 28 - Número e participação de estabelecimentos, área, Valor Bruto da Produção e pessoas ocupadas, segundo as categorias familiar e patronal - Bahia, 1996.....	114
Tabela 29 - Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal - Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1996	114
Tabela 30 - Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal - Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1996	115
Tabela 31 - Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal - Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1996	115
Tabela 32 - Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal - Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1996.....	116
Tabela 33 - Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal - Mesorregião Nordeste, Bahia, 1996	116
Tabela 34 - Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal - Mesorregião Sul, Bahia, 1996	117
Tabela 35 - Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal - Mesorregião Vale S. Francisco, Bahia, 1996	117
Tabela 36 - Valor e taxa de crescimento anual da renda média das pessoas residentes na área urbana, segundo as principais ocupações agregadas - Bahia, 1995-1999	118
Tabela 37 - Valor e taxa de crescimento anual da renda média das pessoas residentes na área rural, segundo as principais ocupações agregadas - Bahia, 1995-1999	119
Tabela 38 - Número e taxa de crescimento anual da população ocupada, segundo a área censitária da amostra, situação do domicílio e ramo de atividade - Bahia, 1992-1999	120
Tabela 39 - Área Plantada, ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Ano, Equivalentes-Homens-Ano por hectare e coeficiente de variação da sazonalidade da ocupação - Bahia, 1998-2001	122

Tabela 40 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Bahia, 1990-2000	123
Tabela 41 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1990-2000	124
Tabela 42 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1990-2000	125
Tabela 43 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1990-2000	126
Tabela 44 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1990-2000.....	127
Tabela 45 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Nordeste, Bahia, 1990-2000.....	128
Tabela 46 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Sul, Bahia, 1990-2000.....	129
Tabela 47 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Mesorregião do Vale do S. Francisco, Bahia, 1990-2000.....	130
Tabela 48 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Bahia, 1990-2000	131
Tabela 49 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1990-2000	132
Tabela 50 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1990-2000	133
Tabela 51 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1990-2000	134
Tabela 52 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1990-2000.....	135
Tabela 53 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Nordeste, Bahia, 1990-2000.....	136
Tabela 54 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Sul, Bahia, 1990-2000.....	137
Tabela 55 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Mesorregião do Vale do S. Francisco, Bahia, 1990-2000.....	138
Tabela 56 - Valor e taxa de crescimento anual do Coeficiente de Variação Sazonal da ocupação da mão-de-obra agrícola, segundo as culturas pesquisadas - Bahia 1990-2000	139
Tabela 57 - Valor e taxa de crescimento anual do Coeficiente de Variação Sazonal da ocupação da mão-de-obra agrícola, segundo as mesorregiões - Bahia, 1990 - 2000.....	140

Tabela 58 - Área plantada em hectares das culturas selecionadas - Bahia, 1990-2000	141
Tabela 59 - Área plantada em hectares das culturas selecionadas - Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1990-2000	142
Tabela 60 - Área plantada em hectares das culturas selecionadas - Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1990-2000	143
Tabela 61 - Área plantada em hectares das culturas selecionadas - Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1990-2000	144
Tabela 62 - Área plantada em hectares das culturas selecionadas - Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1990-2000	145
Tabela 63 - Área plantada em hectares das culturas selecionadas - Mesorregião Nordeste, Bahia, 1990-2000	146
Tabela 64 - Área plantada em hectares das culturas selecionadas - Mesorregião Sul, Bahia, 1990-2000	147
Tabela 65 - Área plantada em hectares das culturas selecionadas - Mesorregião Vale do S. Francisco, Bahia, 1990-2000	148
Tabela 66 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do abacaxi - Bahia, 1990, 1998	149
Tabela 67 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do arroz - Bahia, 1990, 1998	149
Tabela 68 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura da banana - Bahia, 1990, 1998	150
Tabela 69 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do feijão - Bahia, 1990, 1998	150
Tabela 70 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura da melancia - Bahia, 1990, 2000	151
Tabela 71 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura da cebola - Bahia, 1990, 2000	151
Tabela 72 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do tomate de mesa - Bahia, 1990, 1998	152
Tabela 73 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do coco-da-baía - Bahia, 1990, 1998	152
Tabela 74 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do algodão herbáceo - Bahia, 1990, 1998	153
Tabela 75 - Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura da mandioca - Bahia, 1990, 1998	153
Tabela 76 - Coeficientes técnicos da cultura do abacaxi por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	155
Tabela 77 - Coeficientes técnicos da cultura do alface por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	155
Tabela 78 - Coeficientes técnicos da cultura do algodão por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	156
Tabela 79 - Coeficientes técnicos da cultura do alho por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	156
Tabela 80 - Coeficientes técnicos da cultura do arroz por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	157
Tabela 81 - Coeficientes técnicos da cultura da banana por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	157
Tabela 82 - Coeficientes técnicos da cultura do cacau por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	158
Tabela 83 - Coeficientes técnicos da cultura do café por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	158

Tabela 84 - Coeficientes técnicos da cultura da cana-de-açúcar por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	159
Tabela 85 - Coeficientes técnicos da cultura da cebola por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 2000	159
Tabela 86 - Coeficientes técnicos da cultura do coco anão por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	160
Tabela 87 - Coeficientes técnicos da cultura do coentro por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	160
Tabela 88 - Coeficientes técnicos da cultura do eucalipto por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	161
Tabela 89 - Coeficientes técnicos da cultura do feijão por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	161
Tabela 90 - Coeficientes técnicos da cultura do fumo por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 2000	162
Tabela 91 - Coeficientes técnicos da cultura do guaraná por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 2000	162
Tabela 92 - Coeficientes técnicos da cultura da laranja por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	163
Tabela 93 - Coeficientes técnicos da cultura do mamão por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	163
Tabela 94 - Coeficientes técnicos da cultura da mamona por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	164
Tabela 95 - Coeficientes técnicos da cultura da mandioca por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	164
Tabela 96 - Coeficientes técnicos da cultura da manga por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	165
Tabela 97 - Coeficientes técnicos da cultura da maracujá por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	165
Tabela 98 - Coeficientes técnicos da cultura da melancia por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 2000	166
Tabela 99 - Coeficientes técnicos da cultura do melão por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 2000	166
Tabela 100 - Coeficientes técnicos da cultura do milho por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	167
Tabela 101 - Coeficientes técnicos da cultura do sisal por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	167
Tabela 102 - Coeficientes técnicos da cultura da soja por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	168
Tabela 103 - Coeficientes técnicos da cultura do tomate industrial por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	168
Tabela 104 - Coeficientes técnicos da cultura do tomate mesa por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 1998	169
Tabela 105 - Coeficientes técnicos da cultura da uva por operação de cultivo e nível tecnológico - Bahia, 2000	169
Tabela 106 - Valores de conversão (número efetivo de dias de trabalho) de HD para EHA - Bahia, 1998	170

Tabela 1**Participação percentual dos principais produtos agrícolas no Valor Bruto da Produção da agricultura Bahia, 1985 e 1996**

Culturas	1985 VBP %	1996 VBP %
Cacau	44,9	15,5
Feijão	6,5	9,7
Soja	0,5	9,5
Mandioca	4,5	6,9
Café	9,9	6,8
Cana-de-açúcar	2,4	6,7
Milho grão	2,6	6,2
Banana	1,4	3,0
Laranja	1,1	2,7
Manga	0,1	2,0
Mamão	1,0	1,9
Coco-da-baía	1,6	1,6
Maracujá	0,0	1,6
Uva p/ Mesa	0,0	1,4
Algodão	3,0	1,4
Tomate	1,1	1,2
Arroz	0,7	0,9
Melancia	0,2	0,9
Cebola	0,8	0,9
Agave (fibra)	1,9	0,8
Fumo	0,7	0,6
Melão	0,0	0,4
Mamona	1,6	0,2
Milho espiga	0,0	0,2
Abacaxi	0,0	0,2
Uva p/ Vinho	0,0	0,0
Sub-total	86,4	82,8
Bahia	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 2**Varição do número de tratores e número de tratores por área, segundo a atividade econômica e grupos de área total****Bahia, 1985 e 1996**

Especificação	96/85 Var %	
	Tratores	Tratores/ha
Grupos da atividade econômica		
Agricultura	42,27	129,56
Horticultura e produtos de viveiro	292,74	47,19
Pecuária (1)	45,62	57,46
Produção mista (lavoura.e pecuária)	1007,95	120,21
Silvicultura e exploração florestal	-45,48	-45,03
Grupos de área total (ha)		
Menos de 10	416,92	442,71
10 a menos de 100	105,39	117,45
100 a menos de 1 000	21,20	35,15
1 000 a mais	36,39	60,93
Totais	59,41	78,52

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

(1) Inclui avicultura.

Tabela 3

Varição do número de arados e outras máquinas, total e por ha, segundo a atividade econômica e grupos de área total

Bahia, 1985 e 1996

Especificação	96/85 Var %			
	Arados (1)	Arado/ha	Máquinas (2)	Máquina/ha
Grupos da atividade econômica				
Agricultura	-23,12	24,05	27,49	105,71
Horticultura e produtos de viveiro	291,08	46,57	592,11	159,39
Pecuária (3)	11,79	20,88	123,77	141,97
Produção mista (lavoura.e pecuária)	539,51	27,10	1094,79	137,47
Silvicultura e exploração florestal	259,35	262,29	-10,28	-9,55
Grupos de área total (ha)				
Menos de 10	32,39	39,00	332,76	354,35
10 a menos de 100	13,40	20,05	99,64	111,36
100 a menos de 1 000	-12,60	-2,54	17,47	30,99
1 000 a mais	25,07	47,57	82,80	115,69
Totais	15,14	28,99	77,33	98,65

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

(1) De tração animal e de tração mecânica

(2) Para plantio e para colheita.

(3) Inclui avicultura

Tabela 4

**Varição da área irrigada total e por ha, segundo a atividade econômica e grupos de área total
Bahia, 1985 e 1996**

Especificação	96/85 Var %	
	Área irrigada	Área irrigada/ Área total
Grupos da atividade econômica		
Agricultura	95,96	216,20
Horticultura e produtos de viveiro	277,03	41,30
Pecuária (1)	33,94	44,83
Produção mista (lavoura.e pecuária)	605,29	40,18
Silvicultura e exploração florestal	-1,84	-1,03
Grupos de área total (ha)		
Menos de 10	59,69	67,65
10 a menos de 100	22,59	29,79
100 a menos de 1 000	71,72	91,49
1 000 a mais	221,97	279,90
Totais	96,07	119,57

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

(1) Inclui avicultura.

Tabela 5**Varição de pessoal ocupado total e por hectare, segundo a atividade econômica, grupos de área e categoria de ocupação****Bahia, 1985 e 1996**

Categoria	Var. % (PO/ha) 1985-96	Var. % (PO) 1985-96
Atividade econômica		
Agricultura	-4,2	-40,6
Horticultura e produtos de viveiro	-16,2	123,6
Pecuária	-15,9	-22,2
Produção mista (lavoura e pecuária)	6,4	435,5
Silvicultura e exploração florestal	82,7	81,2
Grupos de área		
Menos de 10	-5,9	-10,4
10 a menos de 100	-20,4	-24,8
100 a menos de 1 000	-38,6	-45,0
1 000 a mais	-36,0	-45,8
Categoria de ocupação		
Responsável e membros não-remunerados da família	-5,4	-15,5
Empregados Permanentes	-30,5	-38,0
Empregados Temporários	-45,8	-51,6
Parceiros (empregados)	35,4	20,9
Outra condição	38,1	23,3
Total	-12,3	-21,7

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 6**Número de variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área****Bahia, 1985 e 1996**

Grupos de área	Nº de estabelecimentos			Área (em ha)		
	1985	1996	Var% 96/85	1985	1996	Var% 96/85
Menos de 10 ha	424.528	401.734	-5,37	1.441.907	1.373.888	-4,72
10 a menos de 100ha	263.003	251.752	-4,28	7.965.097	7.534.253	-5,41
100 a menos de 1000ha	47.563	41.874	-11,96	11.850.362	10.627.610	-10,32
1000 e mais ha	3.780	3.563	-5,74	12.161.645	10.307.150	-15,25
Sem declaração	132	203	53,79	-	-	-
Total	739.006	699.126	-5,40	33.419.011	29.842.901	-10,70

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 7**Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área****Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1985 e 1996**

Grupos de área	Nº de estabelecimentos			Área (em ha)		
	1985	1996	Var% 96/85	1985	1996	Var% 96/85
Menos de 10 ha	101.012	92.442	-8,48	332.971	312.172	-6,25
10 a menos de 100ha	49.280	46.489	-5,66	1.552.259	1.428.220	-7,99
100 a menos de 1000ha	8.751	7.719	-11,79	2.251.415	2.007.816	-10,82
1000 e mais ha	564	519	-7,98	1.333.604	992.457	-25,58
Sem declaração	33	54	63,64			
Total	159.640	147.223	-7,78	5.470.249	4.740.665	-13,34

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 8**Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área****Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1985 e 1996**

Grupos de área	Nº de estabelecimentos			Área (em ha)		
	1985	1996	Var% 96/85	1985	1996	Var% 96/85
Menos de 10 ha	87.923	93.698	6,57	342.139	355.580	3,93
10 a menos de 100ha	82.778	83.874	1,32	2.473.835	2.476.147	0,09
100 a menos de 1000ha	15.320	13.352	-12,85	3.652.930	3.258.918	-10,79
1000 e mais ha	920	884	-3,91	2.495.122	1.902.140	-23,77
Sem declaração	13	63	384,62			
Total	186.954	191.871	2,63	8.964.026	7.992.785	-10,83

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 9**Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área****Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1985 e 1996**

Grupos de área	Nº de estabelecimentos			Área (em ha)		
	1985	1996	Var% 96/85	1985	1996	Var% 96/85
Menos de 10 ha	18.355	14.135	-22,99	65.007	55.732	-14,27
10 a menos de 100ha	18.831	18.052	-4,14	605.698	584.583	-3,49
100 a menos de 1000ha	4.756	4.058	-14,68	1.216.191	1.095.181	-9,95
1000 e mais ha	809	963	19,04	4.232.645	4.057.818	-4,13
Sem declaração	0	5	-			
Total	42.751	37.213	-12,95	6.119.541	5.793.314	-5,33

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 10**Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área****Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1985 e 1996**

Grupos de área	Nº de estabelecimentos			Área (em ha)		
	1985	1996	Var% 96/85	1985	1996	Var% 96/85
Menos de 10 ha	39.301	24.182	-38,47	95.478	60.229	-36,92
10 a menos de 100ha	8.005	4.756	-40,59	230.655	135.578	-41,22
100 a menos de 1000ha	1.280	866	-32,34	334.221	219.496	-34,33
1000 e mais ha	90	52	-42,22	183.366	174.434	-4,87
Sem declaração	1	12	1.100,00			
Total	48.677	29.868	-38,64	843.720	589.737	-30,10

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 11**Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área****Mesorregião Nordeste, Bahia, 1985 e 1996**

Grupos de área	Nº de estabelecimentos			Área (em ha)		
	1985	1996	Var% 96/85	1985	1996	Var% 96/85
Menos de 10 ha	105.513	114.213	8,25	345.437	356.644	3,24
10 a menos de 100ha	44.240	42.478	-3,98	1.285.385	1.206.433	-6,14
100 a menos de 1000ha	5.607	5.107	-8,92	1.407.787	1.315.084	-6,59
1000 e mais ha	380	321	-15,53	928.203	759.975	-18,12
Sem declaração	1	8	700,00			
Total	155.741	162.127	4,10	3.966.812	3.638.136	-8,29

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 12**Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área****Mesorregião Sul, Bahia, 1985 e 1996**

Grupos de área	Nº de estabelecimentos			Área (em ha)		
	1985	1996	Var% 96/85	1985	1996	Var% 96/85
Menos de 10 ha	30.196	29.461	-2,43	112.712	106.524	-5,49
10 a menos de 100ha	37.009	30.337	-18,03	1.194.250	973.857	-18,45
100 a menos de 1000ha	8.296	7.151	-13,80	2.094.565	1.836.310	-12,33
1000 e mais ha	549	433	-21,13	1.124.384	890.888	-20,77
Sem declaração	14	7	-50,00			
Total	76.064	67.389	-11,40	4.525.911	3.807.579	-15,87

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 13**Número e variação de estabelecimentos e área total, segundo os grupos de área****Mesorregião Vale do S. Francisco, Bahia, 1985 e 1996**

Grupos de área	Nº de estabelecimentos			Área (em ha)		
	1985	1996	Var% 96/85	1985	1996	Var% 96/85
Menos de 10 ha	42.228	33.603	-20,42	148.163	127.007	-14,28
10 a menos de 100ha	22.860	25.766	12,71	623.015	729.435	17,08
100 a menos de 1000ha	3.553	3.621	1,91	893.253	894.805	0,17
1000 e mais ha	468	391	-16,45	1.864.321	1.529.438	-17,96
Sem declaração	70	54	-22,86			
Total	69.179	63.435	-8,30	3.528.752	3.280.685	-7,03

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1985 e 1996

Tabela 14**Participação e variação da área irrigada total e por hectare, segundo as mesorregiões****Bahia, 1985 e 1996**

Mesorregiões	Área Irrigada (ha)					Área irrigada/ Área total
	1985	Part. %	1996	Part. %	Var.% 1985-96	Var.% 1985-96
Centro Norte	4.705	4,40	12.024	5,73	155,56	169,95
Centro Sul	29.678	27,75	49.473	23,59	66,70	98,15
Extremo Oeste	14.187	13,26	63.455	30,26	347,28	416,11
Metropolitana de Salvador	6.823	6,38	8.585	4,09	25,82	37,19
Nordeste	2.545	2,38	5.402	2,58	112,26	203,67
Sul	13.877	12,97	14.734	7,03	6,18	14,20
Vale São Francisco	35.140	32,85	56.034	26,72	59,46	78,84
Total	106.955	100,00	209.707	100,00	96,07	119,57

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários-1985 e 1996

Tabela 15**Participação e variação do número de tratores total e por hectare, segundo as mesorregiões****Bahia, 1985 e 1996**

Mesorregiões	Tratores					Tratores/ha
	1985	Part. %	1996	Part. %	Var.% 1985-96	Var.% 1985-96
Centro Norte	1.531	9,59	4.068	15,99	165,71	180,67
Centro Sul	2.979	18,67	2.826	11,11	-5,14	12,76
Extremo Oeste	3.860	24,19	7.001	27,52	81,37	109,29
Metropolitana de Salvador	1.627	10,19	3.506	13,78	115,49	134,96
Nordeste	868	5,44	995	3,91	14,63	64,00
Sul	959	6,01	1.808	7,11	88,53	102,79
Vale São Francisco	4.135	25,91	5.237	20,58	26,65	42,04
Total	15.959	100,00	25.441	100,00	59,41	78,52

Fonte: Censos Agropecuários - 1985 e 1996

Tabela 16**Participação e variação de pessoal ocupado total e por hectare, segundo as mesorregiões****Bahia, 1985 e 1996**

Mesorregiões	Pessoal ocupado					Pessoal ocupado/ha
	1985	Part. %	1996	Part. %	Var.% 1985-96	Var.% 1985-96
Centro Norte	586.828	18,32	501.051	33,63	-14,62	-1,48
Centro Sul	492.217	15,37	284.863	9,42	-42,13	-31,21
Extremo Oeste	197.125	6,16	154.197	5,10	-21,78	-17,37
Metropolitana de Salvador	182.458	5,70	107.568	3,56	-41,05	-15,65
Nordeste	580.008	18,11	521.451	17,24	-10,10	-1,97
Sul	865.055	27,01	695.810	23,01	-19,56	-9,79
Vale São Francisco	298.793	9,33	243.651	8,06	-18,45	-12,29
Total	3.202.484	100,00	2.508.591	100,00	-21,67	-12,28

Fonte: Censos Agropecuários - 1985 e 1996

Tabela 17

Pessoal ocupado por grupos da atividade econômica

Bahia, 1985 e 1996

Ano	Grupos de atividade econômica					Total Bahia
	Agricultura	Horticultura e produtos de viveiro	Pecuária	Produção mista (lavoura e pecuária)	Silvicultura e exploração florestal	
1985	2.102.074	12.439	972.612	75.121	40.238	3.202.484
1996	1.249.079	27.810	756.515	402.278	72.909	2.508.591

Fonte: Censos Agropecuários 1985 e 1995-1996

Tabela 18

**Número e participação no Valor Bruto da Produção da agricultura, segundo as mesorregiões
Bahia - 1985 -1996**

Mesorregiões	1985	Part. %	1996	Part. %
Centro Norte	1.328.643	10,31	269.234	12,81
Centro Sul	3.039.150	23,59	474.201	22,56
Extremo Oeste	407.260	3,16	321.491	15,29
Metropolitana de Salvador	539.545	4,19	137.857	6,56
Nordeste	1.354.068	10,51	255.614	12,16
Sul	5.635.858	43,75	458.872	21,83
Vale São Francisco	578.090	4,49	184.923	8,80
Total	12.882.614	100,00	2.102.192	100,00

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 -1996

Tabela 19**Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas****Bahia, 1985 e 1996**

Culturas	Área Colhida (ha)		Variação % 1985-1996		
	1985	1996	Volume Físico	Área Colhida	Rendimento Físico
Abacaxi	1.399	2.843	-17,53	103,22	-59,42
Algodão Herbáceo	158.736	101.407	-69,47	-36,12	-52,20
Arroz em Casca	64.191	50.348	-18,87	-21,57	3,43
Banana	43.280	32.539	-53,86	-24,82	-38,63
Cacau	606.242	617.945	-43,45	1,93	-44,52
Café	107.020	111.859	-9,89	4,52	-13,79
Cana de Açúcar	50.447	60.862	-26,93	20,65	-39,44
Cebola	4.278	8.566	237,93	100,23	68,77
Coco	23.364	30.705	-36,27	31,42	-51,51
Feijão Total	1.024.990	759.321	-17,49	-25,92	11,37
Fumo em Folha	13.644	10.069	-31,37	-26,20	-7,01
Laranja	16.173	37.877	91,91	134,20	-18,06
Mamão	4.834	8.653	51,90	79,00	-15,14
Mamona	400.521	48.568	-93,90	-87,87	-49,72
Mandioca	294.201	211.402	-58,57	-28,14	-42,35
Manga	2.581	9.882	107,02	282,87	-45,93
Melancia	15.942	20.949	163,79	31,41	100,74
Milho em grão	892.032	544.098	1.270,53	-39,00	2.146,94
Milho verde	2.604	9.416	474,56	261,60	58,89
Soja em grão	51.832	355.101	1.095,37	585,10	74,48
Tomate	6.310	6.854	-41,21	8,62	-45,87

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 -1996

Tabela 20

**Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas
Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1985 e 1996**

Culturas	Área Colhida (ha)		Variação % 1985-1996		
	1985	1996	Volume Físico	Área Colhida	Rendimento Físico
Abacaxi	371	327	-49,58	-11,78	-42,85
Algodão Herbáceo	802	9.482	680,73	1082,32	-33,97
Arroz em Casca	221	46	-82,10	-79,19	-14,01
Banana	3.523	2.840	-38,60	-19,40	-23,82
Cacau	27	105	300,00	290,36	2,47
Café	10.336	7.610	-6,15	-26,38	27,47
Cana de Açúcar	2.165	826	-87,18	-61,86	-66,38
Cebola	110	797	2740,65	624,59	292,04
Coco	628	780	-65,99	24,25	-72,63
Feijão Total	345.612	251.926	-43,28	-27,11	-22,19
Fumo em Folha	6.574	4.114	-44,07	-37,43	-10,61
Laranja	681	1.545	-7,33	126,84	-59,15
Mamão	89	254	-59,19	185,44	-85,70
Mamona	286.542	45.794	-92,63	-84,02	-53,88
Mandioca	51.797	34.947	-70,05	-32,53	-55,60
Manga	326	1.375	21,56	321,78	-71,18
Melancia	4.656	2.745	20,71	-41,05	104,78
Milho em grão	282.656	78.750	-84,2	-72,1	-43,2
Milho verde	910	1741,149	113,3	91,3	11,5
Soja em grão	402	43	-94,0	-89,3	-43,5
Tomate	551	936	34,3	69,8	-20,9

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 - 1996

Tabela 21

**Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas
Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1985 e 1996**

Culturas	Área Colhida (ha)		Variação % 1985-1996		
	1985	1996	Volume Físico	Área Colhida	Rendimento Físico
Abacaxi	266	379	135,52	42,65	65,10
Algodão Herbáceo	131.550	74.378	-76,84	-43,46	-59,04
Arroz em Casca	20.893	3.468	-89,58	-83,40	-37,19
Banana	8.904	10.219	-40,13	14,77	-47,84
Cacau	63.375	77.446	-34,04	22,20	-46,03
Café	91.604	95.431	-19,30	4,18	-22,53
Cana de Açúcar	9.552	18.040	62,44	88,86	-13,99
Cebola	610	533	15,24	-12,56	31,80
Coco	314	1.197	3,69	281,14	-72,80
Feijão Total	257.658	176.223	-43,33	-31,61	-17,15
Fumo em Folha	1.779	1.670	-31,78	-6,11	-27,34
Laranja	1.206	3.482	61,75	188,76	-43,99
Mamão	43	303	163,78	603,75	-62,52
Mamona	80.775	1.247	-98,70	-98,46	-15,84
Mandioca	91.888	71.325	-51,20	-22,38	-37,13
Manga	150	2.597	170,48	1631,52	-84,38
Melancia	4.837	6.661	108,05	37,71	51,08
Milho em grão	186.321	89.893,38	-65,04	-51,75	-27,54
Milho verde	379	1.592,91	518,15	320,29	47,07
Soja em grão	1.446	47,85	-95,72	-96,69	29,22
Tomate	2.009	3.418,01	16,36	70,13	-31,61

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 -1996

Tabela 22**Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas****Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1985 e 1996**

Culturas	Área Colhida (ha)		Variação % 1985-1996		
	1985	1996	Volume Físico	Área Colhida	Rendimento Físico
Abacaxi	39	15	250,00	-60,87	794,50
Algodão Herbáceo	1.464	2.472	552,23	68,84	286,30
Arroz em Casca	35.677	45.531	89,18	27,62	48,23
Banana	1.058	715	-20,44	-32,43	17,75
Cacau	1	0	-	-98,40	-
Café	64	197	1552,17	208,44	435,66
Cana de Açúcar	3.927	4.218	-46,25	7,41	-49,96
Cebola	40	437	3377,27	992,06	218,41
Coco	244	215	39,15	-12,04	58,20
Feijão Total	51.294	37.527	180,92	-26,84	283,97
Fumo em Folha	32	61	400,00	92,13	160,25
Laranja	669	433	18,91	-35,25	83,65
Mamão	115	354	6008,26	207,40	1887,05
Mamona	355	220	-90,72	-38,02	-85,03
Mandioca	12.729	9.846	-51,42	-22,65	-37,20
Manga	183	708	158,70	286,84	-33,12
Melancia	194	1.389	5827,46	615,78	728,11
Milho em grão	60.806	134.517	749,70	121,22	284,09
Milho verde	22	1.817	162583,33	8156,93	1870,26
Soja em grão	49.145	354.941	1131,64	622,23	70,53
Tomate	70	693	255,66	889,76	-64,07

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 -1996

Tabela 23**Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas****Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1985 e 1996**

Culturas	Área Colhida (ha)		Variação % 1985-1996		
	1985	1996	Volume Físico	Área Colhida	Rendimento Físico
Abacaxi	28	118	246,39	321,90	-17,90
Algodão Herbáceo	2	3	0,00	33,95	-25,35
Arroz em Casca	1	155	-	15381,10	-
Banana	5.868	2.820	-62,88	-51,94	-22,78
Cacau	2.284	1.630	8,08	-28,63	51,42
Café	252	42	-54,44	-83,41	174,59
Cana de Açúcar	17.099	17.330	15,47	1,35	13,93
Cebola	-	6	-	-	-
Coco	7.273	1.610	-76,91	-77,86	4,31
Feijão Total	8.802	2.328	-71,55	-73,55	7,58
Fumo em Folha	3.957	3.308	-7,57	-16,40	10,55
Laranja	8.293	10.470	33,40	26,25	5,66
Mamão	256	212	-26,18	-17,11	-10,94
Mamona	28	6	100,00	-79,61	881,08
Mandioca	30.906	19.310	-59,91	-37,52	-35,83
Manga	1.195	449	-55,03	-62,43	19,68
Melancia	43	54	75,41	26,25	38,94
Milho em grão	7.953	1.053	-80,73	-86,76	45,55
Milho verde	523	624	10,78	19,24	-7,09
Soja em grão	11	0	-100,00	-100,00	-100,00
Tomate	99	67	51,15	-32,69	124,56

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 -1996

Tabela 24**Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas****Mesorregião Nordeste, Bahia, 1985 e 1996**

Culturas	Área Colhida (ha)		Variação % 1985-1996		
	1985	1996	Volume Físico	Área Colhida	Rendimento Físico
Abacaxi	404	292	-84,61	-27,68	-78,71
Algodão Herbáceo	6.591	43	-98,22	-99,35	173,97
Arroz em Casca	65	11	-87,10	-83,56	-21,50
Banana	1.038	1.502	-0,29	44,70	-31,10
Cacau	7	4	-80,00	-40,89	-66,17
Café	42	51	270,59	20,78	206,84
Cana de Açúcar	98	248	52,91	153,16	-39,60
Cebola	39	55	317,65	41,56	195,03
Coco	8.372	10.321	-43,88	23,28	-54,48
Feijão Total	248.054	224.903	9,19	-9,33	20,43
Fumo em Folha	1.094	824	-41,07	-24,70	-21,73
Laranja	4.337	19.483	402,23	349,24	11,80
Mamão	59	225	211,65	281,51	-18,31
Mamona	6.418	79	-98,81	-98,77	-3,83
Mandioca	44.333	28.964	-63,02	-34,67	-43,40
Manga	294	1.299	77,39	341,87	-59,86
Melancia	564	1.909	141,94	238,45	-28,51
Milho em grão	257.196	169.696	-31,97	-34,02	3,11
Milho verde	132	1.757	253,47	1231,32	-73,45
Soja em grão	488	51	-76,35	-89,51	125,47
Tomate	269	321	-24,48	19,49	-36,80

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 -1996

Tabela 25

Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas

Mesorregião Sul, Bahia, 1985 e 1996

Culturas	Área Colhida (ha)		Variação % 1985-1996		
	1985	1996	Volume Físico	Área Colhida	Rendimento Físico
Abacaxi	215	1.699	320,45	690,01	-46,78
Algodão Herbáceo	7	4	40,00	-43,87	149,43
Arroz em Casca	1.267	75	-93,22	-94,12	15,26
Banana	22.345	13.570	-67,18	-39,27	-45,96
Cacau	530.665	538.759	-51,36	1,53	-52,09
Café	4.638	8.488	396,79	83,01	171,46
Cana de Açúcar	9.793	7.304	-49,38	-25,41	-32,13
Cebola	-	1	-	-	-
Coco	6.208	15.803	5,38	154,56	-58,60
Feijão Total	29.120	6.419	-73,28	-77,96	21,22
Fumo em Folha	-	6	-	-	-
Laranja	835	2.317	-43,26	177,52	-79,56
Mamão	4.177	7.288	49,06	74,48	-14,57
Mamona	11	1	-60,00	-90,91	340,00
Mandioca	33.545	24.111	-50,25	-28,12	-30,78
Manga	28	329	39,03	1076,70	-88,18
Melancia	1.322	2.663	114,63	101,43	6,56
Milho em grão	9.843	3.684	-23,16	105,30	105,30
Milho verde	245	272	37,85	24,36	24,36
Soja em grão	20	9	0,00	112,18	112,18
Tomate	164	166	-57,24	-57,82	-57,82

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 -1996

Tabela 26

**Área colhida e variação do volume físico, área colhida e rendimento físico de produtos agrícolas
Mesorregião Vale do S. Francisco, Bahia, 1985 e 1996**

Culturas	Área Colhida (ha)		Variação % 1985-1996		
	1985	1996	Volume Físico	Área Colhida	Rendimento Físico
Abacaxi	30	12	1.028,57	-59,60	2.693,49
Algodão Herbáceo	18.268	15026	-50,21	-17,75	-39,47
Arroz em Casca	5.976	1064	-89,32	-82,20	-39,99
Banana	380	873	129,45	129,70	-0,11
Cacau	-	-	-	-	-
Café	-	40	-	-	-
Cana de Açúcar	7.700	12896	-81,78	67,47	-89,12
Cebola	3.437	6737	214,58	96,01	60,49
Coco	200	780	260,99	289,94	-7,42
Feijão Total	84.197	60184	-26,10	-28,52	3,39
Fumo em Folha	150	86	-14,47	-42,86	49,67
Laranja	15	146	48,25	871,10	-84,73
Mamão	7	17	85,71	145,40	-24,32
Mamona	26.310	1221	-94,59	-95,36	16,64
Mandioca	28.835	22899	-53,80	-20,59	-41,82
Manga	93	3124	987,62	3259,37	-67,62
Melancia	4.249	5528	142,95	30,11	86,72
Milho em grão	85.103	66.505	-42,55	-21,85	-26,48
Milho verde	330	1.613	92,24	388,69	-60,66
Soja em grão	270	8	-88,15	-96,94	287,93
Tomate	3.044	1.253	-74,58	-58,83	-38,26

Fonte: IBGE/ Censos Agropecuários - 1985 - 1996

Tabela 27

Valores em dólares americanos e taxa de crescimento anual das exportações dos principais produtos do setor agropecuário

Bahia 1990-2000

Produtos	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00		95-00	
												Taxa %aa	Grau conf	Taxa %aa	Grau conf
Olerícolas	32.429	103.392	129.393	358.209	260.862	100.981	224.759	254.044	609.662	120.624	214.159	13,4	**	8,2	
Frutas e amêndoas	1.409.971	7.240.365	1.747.687	6.222.247	5.096.139	14.018.186	19.820.188	12.837.293	13.633.219	15.405.453	24.589.188	27,0	***	6,2	
Café	10.675.720	1.440.395	9.642.226	19.467.313	11.039.641	3.747.016	14.109.907	26.032.398	22.031.960	25.680.020	19.976.874	17,7	***	33,1	**
Soja	1.693.691	-	-	-	-	-	4.848	56.032.292	99.891.317	8.956.431	20.476.377	-	-	-	-
Cacau	126.236.844	87.351.326	78.564.150	97.483.360	107.070.505	24.137.223	44.266.705	7.643.684	7.781.026	4.036.211	1.370.507	-35,3	***	-45,9	***
Fumo	17.564.574	17.342.197	27.524.989	18.822.938	21.428.024	27.785.407	24.326.006	22.591.112	19.770.786	15.653.649	15.003.291	-1,5		-12,2	***
Madeira	-	-	14.331.797	6.713.192	8.145.244	40.951.570	12.744.790	20.519.236	30.126.496	12.752.856	18.105.203	-	-	-10,0	
Algodão	16.005.531	25.682.348	6.039	4.776	85.589	583.484	282.664	-	-	-	8.298.254	-	-	-	-
Sisal	6.675.453	24.900	8.744.540	12.397.824	18.503.443	16.930.406	15.319.988	13.739.525	-	2.244.742	8.414.153	-	-	-	-
Produtos da pecuária	21.115.218	14.224.523	16.397.527	18.716.182	19.713.926	28.020.889	29.646.066	27.897.941	26.044.979	16.954.266	23.461.810	3,5	*	-7,2	*
Outros produtos	5.976.129	22.556.630	23.254.791	17.958.994	24.619.517	29.650.913	24.842.707	27.563.141	125.304.708	19.263.472	42.415.252	14,7	***	7,5	
Total	205.691.869	175.966.076	180.343.139	198.145.035	215.962.890	185.926.075	185.583.780	159.078.374	245.302.836	112.111.293	161.848.691	-2,4		-4,9	

Fonte: Promoexport

Tabela 28

Número e participação de estabelecimentos, área, Valor Bruto da Produção e pessoas ocupadas, segundo as categorias familiar e patronal

Bahia, 1996

Categorias	Estabelecimentos		Área Total		Valor Bruto da Produção		Pessoas Ocupadas	
	Número	%	Hectares	%	1000 Reais	%	Número	%
Familiar	623.130	89,1	11.317.921.249	37,9	837.502	39,8	2.126.576	84,8
Patronal	66.852	9,6	18.375.281.500	61,6	1.244.848	59,2	353.323	14,1
Outros	9.144	1,3	149.697.376	0,4	19.841	1,0	28.691	1,1
Total	699.126	100,0	29.842.900.125	100,0	2.102.192	100,0	2.508.590	100,0

Fonte: Tabulações Especiais do Censo Agropecuário 1995/96, IBGE.
Dados extraídos do SADE - Banco de dados da Agricultura Familiar

Tabela 29

Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal

Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1996

Categorias	Estabelecimentos		Área Total		Valor Bruto da Produção	
	Número	%	Hectares	%	1000 Reais	%
Familiar	10.174	6,9	2.477.855	52,3	130.273	48,4
Patronal	136.313	92,6	2.247.798	47,4	138.060	51,3
Outros	736	0,5	14.969	0,3	901	0,3
Total	147.223	100,0	4.740.622	100,0	269.234	100,0

Fonte: Tabulações Especiais do Censo Agropecuário 1995/96, IBGE.
Dados extraídos do SADE - Banco de dados da Agricultura Familiar

Tabela 30

Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal

Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1996

Categorias	Estabelecimentos		Área Total		Valor Bruto da Produção	
	Número	%	Hectares	%	1000 Reais	%
Familiar	16.884	8,8	4.149.101	51,9	225.988	47,7
Patronal	172.746	90,0	3.819.394	47,8	242.505	51,1
Outros	2.241	1,2	24.228	0,3	5.708	1,2
Total	191.871	100,0	7.992.723	100,0	474.201	100,0

Fonte: Tabulações Especiais do Censo Agropecuário 1995/96, IBGE.
Dados extraídos do SADE - Banco de dados da Agricultura Familiar

Tabela 31

Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal

Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1996

Categorias	Estabelecimentos		Área Total		Valor Bruto da Produção	
	Número	%	Hectares	%	1000 Reais	%
Familiar	3.594	9,7	4.611.902	79,6	271.192	84,4
Patronal	33.566	90,2	1.141.306	19,7	50.121	15,6
Outros	53	0,1	40.093	0,7	177	0,1
Total	37.213	100,0	5.793.301	100,0	321.491	100,0

Fonte: Tabulações Especiais do Censo Agropecuário 1995/96, IBGE.
Dados extraídos do SADE - Banco de dados da Agricultura Familiar

Tabela 32

Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal

Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1996

Categorias	Estabelecimentos		Área Total		Valor Bruto da Produção	
	Número	%	Hectares	%	1000 Reais	%
Familiar	3.029	10,1	423.021	71,7	73.115	53,0
Patronal	26.478	88,7	164.188	27,8	63.655	46,2
Outros	361	1,2	2.509	0,4	1.087	0,8
Total	29.868	100,0	589.718	100,0	137.857	100,0

Fonte: Tabulações Especiais do Censo Agropecuário 1995/96, IBGE.
Dados extraídos do SADE - Banco de dados da Agricultura Familiar

Tabela 33

Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal

Mesorregião Nordeste, Bahia, 1996

Categorias	Estabelecimentos		Área Total		Valor Bruto da Produção	
	Número	%	Hectares	%	1000 Reais	%
Familiar	7.856	4,8	1.721.314	47,3	83.326	32,6
Patronal	153.244	94,5	1.908.678	52,5	169.328	66,2
Outros	1.027	0,6	8.115	0,2	2.960	1,2
Total	162.127	100,0	3.638.107	100,0	255.614	100,0

Fonte: Tabulações Especiais do Censo Agropecuário 1995/96, IBGE.
Dados extraídos do SADE - Banco de dados da Agricultura Familiar

Tabela 34

Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal

Mesorregião Sul, Bahia, 1996

Categorias	Estabelecimentos		Área Total		Valor Bruto da Produção	
	Número	%	Hectares	%	1000 Reais	%
Familiar	22.153	32,9	3.059.135	80,3	358.309	78,1
Patronal	44.299	65,7	739.570	19,4	98.190	21,4
Outros	937	1,4	8.837	0,2	2.374	0,5
Total	67.389	100,0	3.807.542	100,0	458.872	100,0

Fonte: Tabulações Especiais do Censo Agropecuário 1995/96, IBGE.
Dados extraídos do SADE - Banco de dados da Agricultura Familiar

Tabela 35

Número e participação de estabelecimentos, área e Valor Bruto da Produção, segundo as categorias familiar e patronal

Mesorregião Vale S. Francisco, Bahia, 1996

Categorias	Estabelecimentos		Área Total		Valor Bruto da Produção	
	Número	%	Hectares	%	1000 Reais	%
Familiar	3.162	5,0	1.932.749	58,9	102.645	55,5
Patronal	56.484	89,0	1.296.785	39,5	75.644	40,9
Outros	3.789	6,0	51.138	1,6	6.634	3,6
Total	63.435	100,0	3.280.672	100,0	184.923	100,0

Fonte: Tabulações Especiais do Censo Agropecuário 1995/96, IBGE.
Dados extraídos do SADE - Banco de dados da Agricultura Familiar

Tabela 36

Valor e taxa de crescimento anual da renda média das pessoas residentes na área urbana, segundo as principais ocupações agregadas

Bahia, 1995-1999

Ocupação	(R\$)					1995/99	
	1995	1996	1997	1998	1999	taxa%aa	grau conf
Agrícola	265,99	230,11	253,85	208,43	212,60	-5,3	**
Trabalhador rural	111,46	122,19	101,68	105,85	107,23	-2,2	
Agricultor conta-própria	467,17	325,94	287,66	231,30	243,42	-15,2	***
Diversos	275,08	-	-	-	-		
Operador agrícola	-	201,28	-	-	227,31		
Empregador agrícola	1734,17	1775,19	2674,21	1413,12	1488,71	-5,2	
Gerentes e administradores	279,47	353,06	288,27	388,62	459,39	11,5	**
Não-agrícola	416,40	472,50	440,04	426,42	404,51	-1,6	
Ocupações agroindustriais	224,67	214,31	216,34	234,01	199,40	-1,5	
Outros indústria de transformação	337,57	360,42	363,89	337,97	310,98	-2,3	
Serviços domésticos	102,04	109,82	115,44	122,65	113,91	3,4	*
Gerentes e administradores	627,61	654,33	623,70	638,42	649,55	0,4	
Diversos	269,19	261,42	241,16	250,00	268,33	-0,5	
Comércio não-especificado	277,61	271,93	288,30	270,00	271,30	-0,5	
Serviços da construção civil	259,91	289,67	272,76	261,50	242,25	-2,4	
Serviços pessoais não domésticos	165,41	163,45	164,45	179,73	171,55	1,7	
Outros serviços pessoais	426,04	451,74	497,92	421,43	381,78	-2,8	
Motorista	566,14	542,53	539,66	557,05	570,20	0,4	
Professores e outros da educação	394,86	485,85	429,92	455,97	439,55	1,5	
Outras ocupações técnicas	1092,27	1359,28	1510,90	1070,35	928,17	-5,5	
Ambulantes em geral	267,79	251,29	204,64	212,34	204,13	-6,9	***
Trabalhadores em comunicação	311,21	294,03	338,01	313,01	388,63	5,2	*
Administração pública	1004,40	1100,59	1080,29	987,88	1100,96	0,8	
Outras	717,86	1054,80	882,18	690,89	777,34	-2,6	
Empregador não-agrícola	2110,32	2158,58	1853,11	1919,52	1572,60	-6,8	***

Fonte: Tabulações Especiais do Projeto RURBANO, IE/UNICAMP.

Obs: "-" indica menos de seis observações na amostra.

Tabela 37

Valor e taxa de crescimento anual da renda média das pessoas residentes na área rural, segundo as principais ocupações agregadas

Bahia, 1995-1999

Ocupação	(R\$)					1995/99	
	1995	1996	1997	1998	1999	taxa%aa	grau conf
Agrícola	122,17	117,38	112,36	111,69	105,26	-3,4	***
Trabalhador rural	122,17	117,38	112,36	111,69	105,26	-1,2	
Agricultor conta-própria	50,94	56,79	49,88	51,18	50,43	-5,9	***
Diversos	259,15	236,50	205,99	220,22	198,48		
Operador agrícola	-	-	54,68	155,19	86,22	10,7	
Empregador agrícola	130,81	65,20	165,27	171,34	134,30	-6,4	*
Gerentes e administradores	724,95	577,13	700,56	630,02	498,76	5,8	**
Não-agrícola	227,52	246,72	251,29	236,56	226,97	-0,5	
Ocupações agroindustriais	160,07	181,20	178,37	109,65	93,31	-14,6	**
Outros indústria de transformação	162,52	160,55	213,73	233,98	223,23	10,6	***
Serviços domésticos	82,87	79,42	96,81	93,87	92,59	4,0	*
Gerentes e administradores	807,64	1027,74	227,47	679,16	1133,22	2,7	
Diversos	179,52	180,85	179,10	133,27	153,28	-6,0	*
Comércio não-especificado	127,22	112,16	55,93	88,86	120,84	-3,3	
Serviços da construção civil	276,15	267,35	261,39	255,08	251,57	-2,3	***
Serviços pessoais não domésticos	125,10	181,26	110,59	116,69	125,60	-4,2	
Outros serviços pessoais	274,06	407,77	355,51	360,02	262,39	-2,1	
Motorista	333,18	409,64	455,94	310,55	370,18	-0,7	
Professores e outros da educação	137,05	146,97	173,76	233,55	263,69	19,4	***
Outras ocupações técnicas	1022,45	352,51	856,29	1066,59	971,09	10,6	
Ambulantes em geral	163,35	98,88	172,19	255,62	132,26	5,4	
Trabalhadores em comunicação	-	-	-	-	129,43		
Administração pública	-	-	-	289,21	-		
Outras	351,02	193,78	1078,50	212,23	184,39	-11,3	
Empregador não-agrícola	1350,11	1424,14	-	1491,11	1621,76		

Fonte: Tabulações Especiais do Projeto RURBANO, IE/UNICAMP.

Obs: "-" indica menos de seis observações na amostra

Tabela 38 - Número e taxa de crescimento anual da população ocupada, segundo a área censitária da amostra, situação do domicílio e ramo de atividade - Bahia, 1992-1999
(continua)

Área censitária Situação do domicílio Ramo de atividade	(1.000 Pessoas)							1992/99		1996/99	
	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	taxa%aa	grau conf	taxa%aa	grau conf
Total	4.803	4.965	5.151	4.770	5.210	5.373	5.518	1,7	***	4,8	***
Urbano	2.708	2.753	3.018	2.891	3.022	3.138	3.130	2,2	***	2,8	**
Agrícola	370	378	395	318	334	358	371	-0,9		5,4	***
Não-agrícola	2.339	2.376	2.624	2.573	2.688	2.780	2.760	2,6	***	2,5	*
Rural	2.095	2.212	2.133	1.879	2.188	2.235	2.388	1,1		7,7	**
Agrícola	1.773	1.829	1.755	1.512	1.808	1.761	1.901	0,3		6,8	*
Não-agrícola	322	383	377	367	381	473	487	5,0	***	11,3	**
Metropolitano	970	984	1.130	1.047	1.087	1.113	1.160	2,4	***	3,4	***
Urbano	942	956	1.087	1.021	1.060	1.085	1.120	2,4	***	3,1	***
Agrícola	14	8	14	13	11	10	13	0,2		-0,1	
Não-agrícola	927	947	1.073	1.008	1.048	1.075	1.107	2,4	***	3,1	***
Rural	28	29	43	25	27	28	40	1,7		14,4	*
Agrícola	11	5	10	4	7	5	7	-5,0		13,8	
Não-agrícola	17	24	32	21	20	23	32	4,7		14,8	*
Não Metropolitano	3.834	3.981	4.021	3.724	4.123	4.260	4.359	1,6	**	5,2	**
Urbano	1.767	1.797	1.931	1.870	1.962	2.053	2.010	2,1	***	2,7	*
Agrícola	355	369	381	305	323	347	358	-0,9		5,6	***
Não-agrícola	1.411	1.428	1.551	1.565	1.639	1.705	1.653	2,8	***	2,1	
Rural	2.067	2.183	2.090	1.853	2.161	2.207	2.348	1,1		7,6	**
Agrícola	1.762	1.824	1.745	1.508	1.800	1.757	1.894	0,3		6,8	*
Não-agrícola	305	359	345	345	361	450	455	5,0	***	11,0	**

Fonte: Tabulações Especiais do Projeto RURBANO, IE/UNICAMP. Obs: "-" indica menos de seis observações na amostra.

Tabela 38, continuação

Área censitária Situação do domicílio Ramo de atividade	(1.000 Pessoas)							1992/99		1996/99	
	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	taxa%aa	grau conf	taxa%aa	grau conf
	Metropolitano										
Urbano exclusive	922	943	1.065	996	1.039	1.071	1.101	2.4 ***		3.4 ***	
Aarícola	10	7	13	9	9	8	10	0.8		2.1	
Não-aarícola	912	936	1.052	987	1.030	1.064	1.091	2.4 ***		3.4 ***	
Periferia	5	3	6	4	3	4	5	-1.0		12.3	
Aarícola	-	-	-	-	-	-	-				
Não-aarícola	5	3	6	4	3	4	5	-0.6		12.3	
Distritos e Povoados	28	27	42	37	32	25	36	1.8		-2.8	
Aarícola	6	1	2	4	2	3	3	-1.7		-5.8	
Não-aarícola	23	25	40	33	29	23	33	2.7		-2.5	
Rural privado	14	12	16	9	13	12	17	1.0		18.9 *	
Aarícola	10	5	10	4	7	5	7	-4.0		13.1	
Não-aarícola	4	7	7	5	6	7	10	8.0 **		23.8 ***	
Não Metropolitano											
Urbano exclusive	1.767	1.797	1.931	1.87	1.962	2.053	2.010	2.1 ***		2.7 *	
Aarícola	355	369	381	305	323	347	358	-0.9		5.6 ***	
Não-aarícola	1.411	1.428	1.551	1.56	1.639	1.705	1.653	2.8 ***		2.1	
Periferia	-	-	-	-	-	-	-				
Aarícola	-	-	-	-	-	-	-				
Não-aarícola	-	-	-	-	-	-	-				
Distritos e Povoados	283	270	246	260	278	264	293	0.4		3.2	
Aarícola	196	159	158	165	190	147	177	-0.9		-0.5	
Não-aarícola	87	111	88	94	88	117	117	2.6		9.6 *	
Rural privado	1.784	1.914	1.844	1.59	1.883	1.943	2.055	1.2		8.3 **	
Aarícola	1.566	1.665	1.587	1.34	1.611	1.610	1.717	0.5		7.6 *	
Não-aarícola	218	248	258	251	272	333	338	5.9 ***		11.6 ***	

Fonte: Tabulações Especiais do Projeto RURBANO, IE/UNICAMP.

Obs: "-" indica menos de seis observações na amostra.

Tabela 39**Área Plantada, ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Ano, Equivalentes-Homens-Ano por hectare e coeficiente de variação da sazonalidade da ocupação****Bahia, 1998-2001**

Critério	1998	1999	2000	2001(*)
Área(ha)	3.419.616,84	3.889.813,11	4.050.232,00	4.207.906,44
EHA	768.992,84	921.685,61	924.184,00	920.978,62
EHA/ha	0,22	0,24	0,23	0,22
Coef. Variação	40,3	32,9	32,9	33,6

Fonte: SEI. Boletins de Pesquisa Mão de Obra Agrícola

(*) Dados sujeitos a retificação

Tabela 40 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas – Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00	
												taxa%aa	grau conf
Culturas permanentes													
Banana	10.793	10.501	11.482	11.572	9.921	9.117	8.660	8.337	7.328	6.227	6.861	-5,7	***
Cacau (em amêndoa)	184.739	183.524	204.596	204.259	195.882	210.311	193.973	210.439	208.811	200.998	204.532	0,9	***
Café (em côco)	34.212	35.371	37.554	26.448	23.818	28.423	24.788	25.685	27.465	29.765	33.540	-1,6	
Côco-da-baía	3.644	3.867	4.089	3.979	4.308	4.323	4.515	4.716	5.182	5.380	5.887	4,5	***
Guaraná (semente)	123	169	236	185	207	227	229	246	309	414	486	11,5	***
Laranja	10.571	12.283	13.600	13.903	15.742	17.516	18.405	19.967	20.900	18.218	18.067	6,0	***
Mamão	3.489	3.914	4.882	7.585	7.747	9.459	9.288	11.626	11.470	10.660	11.267	13,0	***
Manga	529	540	758	1.072	1.276	1.341	1.535	1.668	1.850	1.873	2.357	15,9	***
Maracujá	757	913	782	691	634	1.070	1.359	1.161	974	990	885	3,3	*
Sisal ou agave (fibra)	61.221	71.401	70.264	62.267	40.846	44.651	44.020	49.174	49.020	60.002	63.977	-1,8	
Uva	854	1.152	2.549	3.046	3.147	3.333	3.625	3.793	3.940	2.580	3.653	11,9	***
Sub-total	310.934	323.634	350.793	335.008	303.529	329.771	310.398	336.814	337.249	337.108	351.512	0,6	*
Culturas temporárias													
Abacaxi	8.311	9.247	10.524	9.264	11.958	10.052	10.607	12.157	15.563	16.212	15.704	6,6	***
Algodão herbáceo (em caroço)	84.080	78.489	82.312	56.495	61.051	70.347	59.722	80.271	50.345	19.090	25.020	-10,7	***
Alho	1.621	1.318	1.730	1.957	2.168	1.040	1.130	1.882	1.218	1.809	2.450	1,4	
Arroz (em casca)	26.739	40.464	57.115	43.913	27.592	41.963	32.712	34.967	33.468	43.806	36.070	-0,1	
Cana-de-açúcar	74.870	70.932	67.437	66.828	65.584	71.679	71.002	80.498	88.486	84.516	85.832	2,4	***
Cebola	7.292	9.276	7.301	9.020	7.707	7.927	7.855	6.546	7.042	6.726	6.462	-2,4	***
Feijão (em grão)	135.174	164.113	183.480	162.998	168.834	131.493	165.930	181.897	136.645	185.404	186.203	1,3	
Fumo (em folha)	12.152	11.844	11.185	8.819	9.923	11.751	12.016	10.419	9.698	8.773	7.417	-3,2	***
Mamona (baga)	12.819	10.354	8.186	8.122	5.596	3.794	7.415	8.936	8.145	6.657	11.139	-1,8	
Mandioca	115.617	120.553	107.095	95.146	89.093	89.920	87.264	89.319	91.683	93.474	88.418	-2,7	***
Melancia	26.834	24.042	24.215	26.391	22.314	22.031	21.677	30.731	26.778	26.274	27.639	1,0	
Melão	1.513	1.692	2.610	2.999	3.259	3.195	3.283	3.440	3.340	3.026	3.008	6,4	***
Milho (em grão)	49.694	68.649	61.114	64.616	88.455	59.663	73.569	82.151	62.080	79.306	80.069	3,1	**
Soja (em grão)	2.812	1.640	2.499	2.976	3.390	3.675	3.384	3.565	4.324	4.530	4.907	8,4	***
Tomate	21.239	18.258	18.247	20.083	20.656	19.746	21.688	24.706	25.171	22.134	14.160	0,2	
Sub-total	580.767	630.870	645.050	579.627	587.578	548.276	579.254	651.485	563.986	601.736	594.498	-0,2	
Total	891.700	954.504	995.843	914.635	891.107	878.047	889.652	988.299	901.235	938.844	946.009	0,1	

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 41

Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00		
												taxa%aa	grau conf	
Culturas permanentes														
Banana	464	486	623	725	874	858	600	816	948	948	865	6,5	***	
Cacau	17	50	173	173	148	150	113	117	17	10	10	-14,4	*	
Café	2.422	2.426	3.608	2.351	2.646	2.776	2.356	2.604	2.890	2.580	2.287	-0,6		
Coco da baía	37	38	47	42	34	33	42	42	43	38	57	1,9		
Laranja	325	346	378	445	235	289	312	306	316	256	234	-3,4	***	
Mamão	4	6	4	4	5	42	42	133	89	95	36	45,2	***	
Manga	58	59	68	51	59	58	108	108	136	185	225	15,2	***	
Maracujá	-	1	10	12	7	13	24	54	71	68	17	-	-	
Sisal ou agave	26.569	33.821	28.390	27.299	19.146	19.882	18.223	24.639	24.319	28.466	31.768	-0,5		
Uva	91	91	91	91	91	131	144	163	163	173	168	8,5	***	
Sub-total	29.986	37.324	33.391	31.194	23.247	24.232	21.962	28.982	28.993	32.819	35.667	-0,2		
Culturas temporárias														
Abacaxi	1.906	2.552	4.414	1.735	3.249	2.719	3.394	4.810	6.266	6.578	7.111	13,1	***	
Algodão herbáceo	9.086	728	322	420	3.202	6.008	11.385	9.002	6.293	2.093	1.049	9,3		
Alho	551	259	574	374	472	142	215	583	65	52	123	-16,9	***	
Arroz	46	40	41	50	30	38	30	28	-	-	-	-	-	
Cana de açúcar	3.223	2.691	2.330	2.090	1.861	1.986	1.007	1.661	1.330	1.329	1.724	-7,6	***	
Cebola	239	149	223	209	205	266	282	704	383	553	525	13,1	***	
Feijão	53.999	56.471	97.057	91.098	75.979	43.244	70.881	75.889	48.046	66.230	73.352	-0,3		
Fumo	4.307	3.495	3.280	1.347	3.994	6.328	6.646	4.834	4.367	3.518	2.486	1,1		
Mamona	10.779	8.392	6.330	6.161	4.362	2.859	6.576	8.128	7.267	5.832	9.435	-0,7		
Mandioca	19.227	20.652	20.260	20.548	17.180	16.072	17.954	20.621	16.355	17.011	23.834	-0,3		
Melancia	4.075	4.099	3.308	2.499	2.632	1.656	1.714	4.527	4.071	3.378	5.749	2,1		
Milho	12.643	18.118	26.289	31.826	45.544	14.380	20.152	23.273	15.113	19.253	18.203	-9,0		
Tomate	1.144	825	1.012	1.521	1.474	1.389	1.551	2.098	2.084	2.684	1.906	9,6	***	
Sub-total	121.225	118.469	165.441	159.880	160.183	97.086	141.787	156.158	111.639	128.510	145.496	-0,1		
Total	151.211	155.794	198.831	191.073	183.430	121.318	163.750	185.140	140.631	161.329	181.164	-0,2		

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 42 - Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00		
												taxa%aa	grau conf	
Culturas permanentes														
Banana	4.024	3.752	4.541	4.406	2.863	2.416	2.097	1.699	1.837	1.920	1.785	-10,1	***	
Cacau	22.781	19.150	23.787	22.856	22.757	21.604	20.785	21.711	21.703	22.309	22.504	0,1		
Café	29.886	29.435	29.926	21.349	18.315	22.777	19.478	20.103	20.229	21.148	24.067	-3,3	***	
Coco da baía	102	107	138	96	97	101	103	103	129	163	196	4,6	***	
Guaraná	-	5	7	-	-	6	5	6	11	5	6	-	-	
Laranja	778	701	730	643	560	526	519	385	574	555	439	-5,0	***	
Mamão	17	17	21	25	27	38	38	2	3	34	52	-1,8		
Manga	126	118	128	189	201	209	241	264	370	479	521	16,4	***	
Maracujá	2	8	33	94	118	483	712	671	421	494	380	68,0	***	
Sisal ou agave	1.277	1.277	982	946	470	425	924	783	752	718	671	-5,3	*	
Uva	-	-	13	13	11	21	18	39	39	55	85	-	-	
Sub-total	58.993	54.569	60.307	50.616	45.420	48.606	44.919	45.767	46.068	47.882	50.706	-2,1	***	
Culturas temporárias														
Abacaxi	2.821	2.937	3.002	2.367	2.541	1.546	1.695	2.309	2.882	3.024	1.390	-3,6	*	
Algodão herbáceo	64.024	62.794	70.642	51.251	52.301	57.049	43.012	58.085	35.496	9.181	4.916	-18,5	***	
Alho	781	733	865	1.243	1.283	455	620	854	794	1.379	1.940	5,0		
Arroz	5.002	4.433	4.661	5.975	4.757	4.739	4.512	5.173	4.388	2.898	1.561	-7,1	***	
Cana de açúcar	20.612	20.532	17.519	16.856	16.297	14.320	15.747	16.711	16.797	15.887	16.901	-2,0	***	
Cebola	904	791	664	642	664	348	319	279	256	1.932	940	-1,3		
Feijão	27.070	26.490	30.237	29.320	27.516	25.121	21.192	25.305	26.001	31.137	30.646	0,2		
Fumo	1.108	1.071	1.300	1.293	1.188	711	782	839	811	784	537	-6,6	***	
Mamona	1.299	1.236	1.225	1.048	1.009	635	464	455	679	550	1.204	-6,9	**	
Mandioca	41.555	45.456	33.138	28.929	27.353	26.704	22.596	19.968	25.317	26.763	-	-	-	
Melancia	13.317	6.895	7.335	6.335	5.978	5.297	4.635	4.773	5.364	5.992	4.828	-6,5	***	
Melão	13	15	13	15	19	13	12	-	-	-	-	-	-	
Milho	7.793	6.402	6.874	7.762	7.284	5.216	5.459	6.246	5.809	6.250	4.358	-3,8	***	
Soja	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Tomate	7.078	6.583	7.592	4.894	6.426	6.594	9.860	11.532	11.953	11.964	8.796	6,6	***	
Sub-total	193.375	186.370	185.066	157.930	154.615	148.747	130.903	152.528	136.548	117.741	78.018	-6,6	***	
Total	252.369	240.939	245.373	208.546	200.035	197.353	175.822	198.294	182.616	165.623	128.724	-5,3	***	

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 43

Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00		
												taxa%aa	grau conf	
Culturas permanentes														
Banana	150	152	157	149	159	159	160	168	172	158	135		0,1	
Café	-	-	-	-	-	-	25	113	414	1.794	2.487		-	-
Coco da baía	11	11	11	13	13	15	16	18	23	21	38		11,2	***
Laranja	151	154	183	190	198	172	172	170	191	191	165		1,0	
Mamão	25	28	166	249	255	258	260	311	353	353	683		30,6	***
Manga	105	105	101	128	144	154	154	172	194	187	244		8,6	***
Maracujá	-	-	12	24	24	32	37	35	55	55	51		-	-
Uva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	29		-	-
Sub-total	444	450	630	751	792	790	823	987	1.403	2.760	3.833		21,1	***
Culturas temporárias														
Abacaxi	-	-	497	908	984	1.147	592	545	526	581	566		-	-
Algodão herbáceo	686	2.487	2.632	1.149	1.046	2.186	1.556	3.857	5.411	6.573	18.106		25,8	***
Alho	288	317	276	328	384	418	271	430	347	366	374		2,6	**
Arroz	17.667	32.007	48.214	34.386	20.712	35.973	26.577	28.199	28.054	40.376	33.710		2,2	
Cana de açúcar	6.418	3.431	3.552	3.606	3.440	4.479	4.600	4.485	5.370	8.317	9.206		6,9	***
Cebola	21	4	3	34	16	133	193	159	195	164	169		48,0	***
Feijão	5.638	8.038	10.499	13.492	10.256	8.099	7.216	8.719	8.416	8.815	8.707		0,6	
Fumo	143	143	143	143	143	58	53	71	57	68	78		-9,6	***
Mamona	44	-	-	383	-	56	145	197	84	49	76		-	-
Mandioca	5.873	5.414	5.275	5.360	6.671	8.741	8.088	7.689	8.541	8.114	14.383		8,0	***
Melancia	986	3.792	4.284	4.049	3.961	4.135	3.686	3.419	418	454	399		-16,9	**
Milho	5.028	7.125	7.724	11.438	11.437	14.432	12.447	17.039	12.228	16.310	20.585		12,2	***
Soja	2.811	1.640	2.499	2.976	3.390	3.675	3.384	3.565	4.324	4.530	4.907		8,4	***
Tomate	96	330	1.485	2.796	2.868	885	165	198	187	99	121		-15,1	
Sub-total	45.699	64.727	87.085	81.048	65.308	84.417	68.973	78.571	74.158	94.817	111.388		5,1	***
Total	46.143	65.177	87.715	81.799	66.100	85.208	69.796	79.558	75.561	97.577	115.220		5,4	***

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 44

Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00		
												taxa%aa	grau conf	
Culturas permanentes														
Banana	593	581	581	562	587	574	555	553	499	450	425	-2,9	***	
Cacau	645	655	866	819	979	914	876	1.000	808	798	751	1,5		
Café	5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	-2,2		
Coco da baía	549	552	549	555	547	546	543	537	491	561	524	-0,5	*	
Laranja	2.950	3.045	3.378	3.299	3.360	3.247	3.206	3.143	3.123	2.999	2.989	-0,3		
Mamão	50	57	49	47	41	27	28	18	32	21	15	-11,5	***	
Manga	65	65	109	108	110	51	51	51	42	39	33	-9,2	***	
Maracujá	45	45	45	60	18	17	20	19	19	21	21	-10,1	***	
Sub-total	4.902	5.002	5.582	5.453	5.644	5.379	5.281	5.325	5.016	4.893	4.763	-0,6		
Culturas temporárias														
Abacaxi	62	102	102	116	83	120	218	200	316	436	425	20,9	***	
Cana de açúcar	25.704	26.084	26.010	25.567	24.716	27.292	27.084	27.306	28.085	22.771	20.787	-1,0		
Feijão	522	587	645	541	609	623	817	761	593	792	805	3,8	***	
Fumo	3.643	4.173	3.549	3.390	4.087	4.029	3.898	4.051	3.954	3.625	3.660	0,1		
Mandioca	10.351	9.399	9.980	8.022	8.162	8.622	9.819	9.857	9.034	9.346	9.216	-0,3		
Melancia	42	42	38	34	14	-	-	-	-	-	-	-	-	
Milho	227	275	297	261	298	288	390	349	324	410	396	5,1	***	
Tomate	132	126	82	58	63	63	82	99	181	165	165	5,5	*	
Sub-total	40.683	40.788	40.703	37.989	38.032	41.037	42.308	42.623	42.488	37.545	35.453	-0,5		
Total	45.586	45.791	46.284	43.442	43.676	46.416	47.589	47.948	47.504	42.438	40.216	-0,5		

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 45

Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Nordeste, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00		
												taxa%aa	grau conf	
Culturas permanentes														
Banana	219	224	225	226	149	156	155	143	154	318	311	1,0		
Café	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	
Coco da baía	2.249	2.250	2.368	2.372	2.585	2.566	2.609	2.790	2.846	2.833	2.839	2,7	***	
Laranja	5.790	7.446	8.316	8.828	10.897	12.822	13.755	15.501	16.207	13.807	13.825	9,7	***	
Mamão	33	35	42	17	15	22	18	-	-	35	44	-	-	
Manga	44	48	52	47	89	103	103	104	109	131	101	11,6	***	
Maracujá	648	780	591	425	358	396	406	241	223	178	187	-13,6	***	
Sisal ou agave	33.225	36.224	40.892	34.022	21.181	24.324	24.874	23.752	23.948	30.818	31.538	-2,8	*	
Sub-total	42.209	47.007	52.486	45.937	35.275	40.390	41.921	42.530	43.487	48.120	48.845	0,3		
Culturas temporárias														
Abacaxi	2.124	2.254	1.133	1.401	991	1.016	1.002	1.133	1.263	1.191	1.285	-4,6	**	
Algodão herbáceo	233	219	134	125	94	112	-	9	9	4	-	-	-	
Alho	-	-	-	-	10	10	10	-	-	-	-	-	-	
Cana de açúcar	215	402	220	225	137	159	159	201	219	219	196	-2,7		
Cebola	7	7	99	20	19	4	6	3	-	-	-	-	-	
Feijão	40.755	63.333	34.925	16.836	43.377	43.765	54.750	60.369	45.846	69.469	60.233	5,5	*	
Fumo	2.866	2.862	2.739	2.460	397	546	578	525	444	725	597	-17,8	***	
Mamona	51	71	68	23	16	11	11	9	9	120	179	0,3		
Mandioca	13.291	11.120	13.418	11.117	11.225	13.566	12.443	14.054	14.380	15.607	17.389	3,2	***	
Melancia	2.441	2.706	2.037	5.827	1.863	1.768	2.495	1.656	409	1.576	861	-12,3	***	
Melão	-	-	28	19	38	32	8	4	6	5	-	-	-	
Milho	20.836	33.390	16.367	7.971	19.242	20.755	29.901	29.129	23.740	33.429	31.032	5,7	*	
Tomate	506	313	429	102	322	253	162	165	157	137	214	-9,0	***	
Sub-total	83.325	116.677	71.596	46.126	77.730	81.998	101.524	107.258	86.483	122.484	111.986	3,9	*	
Total	125.533	163.684	124.082	92.063	113.005	122.387	143.445	149.788	129.970	170.603	160.830	2,5	*	

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 46

Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Sul, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00	
												taxa%aa	grau conf
Culturas permanentes													
Banana	5.234	5.201	5.260	5.404	5.151	4.783	4.824	4.627	3.313	2.433	2.774	-7,0	***
Cacau	161.297	163.669	179.769	180.411	171.998	187.642	172.199	187.612	186.282	177.881	181.266	1,0	***
Café	1.900	3.506	4.017	2.746	2.854	2.867	2.926	2.862	3.929	4.240	4.686	5,0	***
Coco da baía	664	882	951	872	986	1.011	1.149	1.151	1.577	1.695	2.104	10,1	***
Guaraná	123	165	229	185	207	220	224	240	299	409	480	11,4	***
Laranja	540	552	581	460	469	436	412	423	447	386	385	-3,8	***
Mamão	3.355	3.760	4.549	7.183	7.342	9.002	8.828	11.102	10.915	10.069	10.394	12,8	***
Manga	17	18	17	3	3	2	2	2	2	37	37	-1,0	
Maracujá	54	70	79	55	84	100	106	83	132	137	153	10,0	***
Sub-total	173.182	177.822	195.454	197.319	189.094	206.065	190.671	208.101	206.896	197.288	202.278	1,4	***
Culturas temporárias													
Abacaxi	1.379	1.383	1.361	2.723	4.095	3.503	3.706	3.162	4.309	4.403	4.926	14,2	***
Arroz	142	139	158	95	136	68	74	70	54	36	38	-13,8	***
Cana de açúcar	10.757	9.477	9.701	9.108	9.372	10.553	10.069	16.427	22.615	21.988	22.537	10,4	***
Feijão	953	1.011	1.103	1.376	1.280	1.191	1.199	1.225	1.056	1.319	1.332	2,1	**
Fumo	6	7	10	-	18	-	11	14	11	11	11	-	-
Mandioca	16.569	18.069	18.598	14.603	12.952	9.006	10.338	10.907	11.884	11.330	11.682	-5,1	***
Melancia	1.634	1.708	1.546	2.013	1.620	2.501	2.278	8.804	9.322	9.491	9.659	24,9	***
Melão	137	140	318	264	232	51	45	38	32	9	6	-29,6	***
Milho	256	359	371	327	316	319	320	306	362	352	456	2,4	**
Tomate	119	159	330	316	324	272	284	322	391	255	252	5,7	**
Sub-total	31.953	32.453	33.497	30.824	30.345	27.464	28.325	41.273	50.036	49.195	50.899	5,3	***
Total	205.135	210.276	228.951	228.143	219.439	233.529	218.996	249.374	256.932	246.483	253.178	2,0	***

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 47

Número e taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA), segundo as culturas selecionadas

Mesorregião do Vale do S. Francisco, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	90-00		
												taxa%aa	grau conf	
Culturas permanentes														
Banana	110	107	95	100	139	171	269	332	405	-	565	-	-	
Café	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	
Coco da baía	33	27	25	30	46	52	54	75	74	69	129	15,6	***	
Laranja	36	39	34	38	22	23	30	40	42	23	29	-1,9		
Mamão	4	10	50	61	61	70	73	60	77	51	43	19,7	***	
Manga	114	127	283	547	671	763	877	967	997	815	1.196	24,8	***	
Maracujá	9	9	12	21	25	29	55	57	54	37	77	23,8	***	
Sisal ou agave	150	79	-	-	49	20	-	-	-	-	-	-	-	
Uva	762	1.061	2.445	2.941	3.044	3.181	3.463	3.591	3.738	2.352	3.370	12,0	***	
Sub-total	1.217	1.459	2.943	3.738	4.057	4.309	4.821	5.122	5.387	3.346	5.419	13,0	***	
Culturas temporárias														
Abacaxi	19	19	14	14	14	-	-	-	-	-	-	-	-	
Algodão herbáceo	10.052	12.260	8.581	3.550	4.407	4.992	3.769	9.317	3.136	1.239	949	-18,3	***	
Alho	2	10	15	12	19	15	15	15	12	12	13	9,5	*	
Arroz	3.883	3.845	4.041	3.406	1.958	1.145	1.518	1.498	972	495	761	-18,5	***	
Cana de açúcar	7.940	8.314	8.105	9.376	9.761	12.890	12.336	13.707	14.069	14.006	14.482	7,3	***	
Cebola	6.121	8.325	6.313	8.115	6.805	7.177	7.055	5.402	6.208	4.076	4.828	-4,3	***	
Feijão	6.236	8.183	9.013	10.336	9.817	9.450	9.876	9.629	6.687	7.641	11.127	1,5		
Fumo	79	93	164	185	98	78	47	86	53	41	49	-9,8	***	
Mamona	646	655	563	507	210	233	219	147	106	105	245	-16,3	***	
Mandioca	8.751	10.442	6.427	6.567	5.550	7.209	6.026	6.223	6.172	5.305	11.913	-1,2		
Melancia	4.338	4.800	5.667	5.635	6.245	6.676	6.869	7.552	7.194	5.382	6.143	3,3	***	
Melão	1.363	1.537	2.251	2.700	2.969	3.099	3.219	3.397	3.301	3.011	3.001	7,9	***	
Milho	2.911	2.980	3.191	5.031	4.333	4.274	4.901	5.809	4.505	3.302	5.041	4,3	**	
Tomate	12.165	9.921	7.317	10.397	9.179	10.289	9.583	10.292	10.218	6.830	2.706	-7,0	**	
Sub-total	64.506	71.385	61.663	65.831	61.365	67.527	65.434	73.075	62.634	51.445	61.258	-1,1		
Total	65.723	72.844	64.607	69.569	65.422	71.835	70.255	78.197	68.020	54.791	66.678	-0,6		

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 48 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa%aa	grau conf
Culturas Permanentes													
Banana	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,13	0,14	-	-
Cacau (em amêndoa)	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	-	-
Café (em coco)	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	-	-
Coco-da-baía	0,08	0,08	0,08	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	0,08	0,08	-	-
Guaraná (semente)	0,08	0,08	0,08	0,08	0,08	0,08	0,08	0,08	0,08	0,08	0,08	-	-
Laranja	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	-	-
Mamão	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	-	-
Manga	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	-	-
Maracujá	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	-	-
Sisal ou agave (fibra)	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	-	-
Uva	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	-	-
Sub-total	0,30	0,2	***										
Culturas Temporárias													
Abacaxi	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	-	-
Algodão herbáceo (em caroço)	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	-	-
Alho	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	-	-
Arroz (em casca)	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	-	-
Cana-de-açúcar	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	-	-
Cebola	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	-	-
Feijão (em grão)	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	-	-
Fumo (em folha)	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	-	-
Mamona (baga)	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	-	-
Mandioca	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,27	-	-
Melancia	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	-	-
Melão	1,28	1,28	1,28	1,28	1,28	1,28	1,28	1,28	1,28	1,28	1,28	-	-
Milho (em grão)	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	-	-
Soja (em grão)	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	-	-
Tomate	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	-	-
Sub-total	0,26	0,26	0,26	0,25	0,23	0,25	0,24	0,24	0,24	0,22	0,21	-1,9	***
Total	0,27	0,27	0,27	0,26	0,25	0,27	0,25	0,26	0,26	0,25	0,23	-1,2	***

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 49

Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa%aa	grau conf
Culturas Permanentes													
Banana	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	0,14	-	-
Cacau (em amêndoa)	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34	-	-
Café	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	-	-
Coco-da-baía	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	0,07	-	-
Laranja	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	0,37	-	-
Mamão	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	-	-
Manga	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	0,17	-	-
Maracujá	-	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	0,11	-	-
Sisal ou agave	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	0,33	-	-
Uva	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	-	-
Sub-total	0,31	0,31	0,31	0,31	0,30	0,30	0,30	0,31	0,30	0,31	0,31	-0,2	*
Culturas Temporárias													
Abacaxi	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	3,63	-	-
Algodão herbáceo	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45	-	-
Alho	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	1,92	-	-
Arroz	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	-	-	-	-	-
Cana de açúcar	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	0,93	-	-
Cebola	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	1,43	-	-
Feijão	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	0,23	-	-
Fumo	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	0,71	-	-
Mamona	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	0,06	-	-
Mandioca	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	0,35	-	-
Melancia	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	1,99	-	-
Milho	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	0,12	-	-
Tomate	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	-	-
Sub-total	0,20	0,19	0,20	0,19	0,19	0,23	0,21	0,21	0,21	0,21	0,20	0,7	*
Total	0,22	0,21	0,21	0,20	0,20	0,24	0,22	0,22	0,22	0,22	0,22	0,6	

Fonte:

SEI/EBDA/SEADE.

Cálculos

do

autor

Tabela 50 - Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas - Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa%aa	grau conf
Culturas permanentes													
Banana	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	-	-
Cacau (em amêndoa)	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	-	-
Café	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	-	-
Coco-da-baía	0.13	0.13	0.13	0.13	0.13	0.13	0.13	0.13	0.13	0.13	0.13	-	-
Guaraná	-	0.08	0.08	-	-	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	-	-
Laranja	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	-	-
Mamão	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	-	-
Manga	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	-	-
Maracujá	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	-	-
Sisal ou agave	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	-	-
Uva	-	-	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	-	-
Sub-total	0.26	0.26	0.26	0.26	0.27	0.27	0.27	0.27	0.27	0.27	0,27	0.4	***
Culturas Temporárias													
Abacaxi	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	-	-
Algodão herbáceo	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	-	-
Alho	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	-	-
Arroz	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	-	-
Cana de açúcar	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	-	-
Cebola	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	-	-
Feijão	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	-	-
Fumo	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	-	-
Mamona	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	-	-
Mandioca	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	-	-	-
Melancia	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	-	-
Melão	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	-	-	-	-	-	-
Milho	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	-	-
Soja	0.01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tomate	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	-	-
Sub-total	0.38	0.37	0.37	0.36	0.36	0.37	0.39	0.39	0.38	0.36	0,25	-1.7	*
Total	0.34	0.34	0.34	0.33	0.34	0.34	0.35	0.35	0.34	0.33	0,26	-1.2	*

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 51

Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa%aa	grau conf
Culturas Permanentes													
Banana	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	-	-
Café	-	-	-	-	-	-	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	-	-
Coco-da-baía	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	-	-
Laranja	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	-	-
Mamão	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	-	-
Manga	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	-	-
Maracujá	-	-	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	-	-
Uva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.63	-	-
Sub-total	0.19	0.19	0.22	0.23	0.23	0.22	0.22	0.23	0.23	0.24	0.25	2.0	***
Culturas Temporárias													
Abacaxi	-	-	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	-	-
Algodão herbáceo	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	-	-
Alho	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	-	-
Arroz	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	-	-
Cana de açúcar	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	-	-
Cebola	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	-	-
Feijão	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	-	-
Fumo	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	-	-
Mamona	0.06	-	-	0.06	-	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	-	-
Mandioca	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	-	-
Melancia	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	-	-
Milho	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	-	-
Soja	0.01	0.01	0.01	0.01	0.01	0.01	0.01	0.01	0.01	0.01	0.01	-	-
Tomate	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	-	-
Sub-total	0.10	0.17	0.16	0.13	0.10	0.12	0.11	0.11	0.10	0.11	0.11	-2.6	*
Total	0.10	0.17	0.16	0.13	0.10	0.12	0.11	0.11	0.10	0.11	0.12	-2.4	*

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor.

Tabela 52

Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa%aa	grau conf
Culturas permanentes													
Banana	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	-	-
Cacau (em amêndoa)	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	-	-
Café	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	-	-
Coco-da-baía	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	-	-
Laranja	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	-	-
Mamão	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	-	-
Manga	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	-	-
Maracujá	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	-	-
Sub-total	0.22	0.22	0.23	0.22	0.23	0.4 ***							
Culturas Temporárias													
Abacaxi	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	-	-
Cana de açúcar	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	-	-
Feijão	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	-	-
Fumo	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	-	-
Mandioca	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	-	-
Melancia	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	-	-	-	-	-	-	-	-
Milho	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	-	-
Tomate	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	-	-
Sub-total	0.61	0.62	0.61	0.64	0.63	0.64	0.61	0.61	0.64	0.59	0.58	-0.4	*
Total	0.51	0.52	0.51	0.52	0.51	0.53	0.51	0.52	0.54	0.50	0.49	-0.2	

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 53

Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Nordeste, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa%aa	grau conf
Culturas permanentes													
Banana	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	-	-
Café	-	-	-	-	-	-	0.25	-	-	-	-	-	-
Coco-da-baía	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	-	-
Laranja	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	-	-
Mamão	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	-	-	0.44	0.44	-	-
Manga	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	-	-
Maracujá	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	-	-
Sisal ou agave	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	0.33	-	-
Sub-total	0.27	0.28	0.28	0.28	0.26	0.27	0.27	0.27	0.27	0.28	0.28	0.0	
Culturas Temporárias													
Abacaxi	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	-	-
Algodão herbáceo	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	-	0.45	0.45	0.45	-	-	-
Alho	-	-	-	-	1.92	1.92	1.92	-	-	-	-	-	-
Cana de açúcar	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	-	-
Cebola	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	-	-	-	-	-
Feijão	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	-	-
Fumo	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	-	-
Mamona	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	-	-
Mandioca	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	-	-
Melancia	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	-	-
Melão	-	-	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	-	-	-
Milho	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	-	-
Tomate	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	-	-
Sub-total	0.21	0.19	0.21	0.25	0.20	0.20	0.19	0.19	0.19	0.19	0.19	-1.2	*
Total	0.23	0.21	0.24	0.27	0.22	0.22	0.21	0.21	0.21	0.21	0.21	-1.0	*

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 54

Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas

Mesorregião Sul, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa%aa	grau conf
Culturas permanentes													
Banana	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	-	-
Cacau (em amêndoa)	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	0.34	-	-
Café	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	0.25	-	-
Coco-da-baía	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	-	-
Guaraná	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	0.08	-	-
Laranja	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	-	-
Mamão	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	-	-
Manga	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	-	-
Maracujá	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	-	-
Sub-total	0.32	0.1	*										
Culturas Temporárias													
Abacaxi	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	3.63	-	-
Arroz	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	-	-
Cana de açúcar	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	-	-
Feijão	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	-	-
Fumo	0.71	0.71	0.71	-	0.71	-	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	-	-
Mandioca	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	-	-
Melancia	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	-	-
Melão	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	-	-
Milho	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	-	-
Tomate	2.90	2.90	2.90	2.90	2.90	2.90	2.90	2.90	2.90	2.90	2.90	-	-
Sub-total	0.48	0.46	0.46	0.50	0.53	0.58	0.56	0.66	0.70	0.70	0.69	5.0	***
Total	0.34	0.33	0.33	0.34	0.34	0.34	0.34	0.35	0.36	0.36	0.36	0.8	***

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 55

Número de taxa de crescimento anual da ocupação da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Anos (EHA) por ha, segundo as culturas selecionadas

Mesorregião do Vale do S. Francisco, Bahia, 1990-2000

Culturas	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa%aa	grau conf
Culturas Permanentes													
Banana	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	0.14	-	0.14	-	-
Café	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0.25	-	-
Coco-da-baía	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	0.07	-	-
Laranja	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	0.37	-	-
Mamão	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	0.44	-	-
Manga	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	0.17	-	-
Maracujá	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	0.11	-	-
Sisal ou agave	0.33	0.33	-	-	0.33	0.33	-	-	-	-	-	-	-
Uva	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	1.63	-	-
Sub-total	0.41	0.49	0.66	0.58	0.51	0.49	0.46	0.43	0.42	0.31	0.35	-4.1	***
Culturas Temporárias													
Abacaxi	4.81	4.81	4.81	4.81	4.81	-	-	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	0.45	-	-
Alho	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	1.92	-	-
Arroz	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	0.66	-	-
Cana de açúcar	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	0.93	-	-
Cebola	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43	-	-
Feijão	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	0.23	-	-
Fumo	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	0.71	-	-
Mamona	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	0.06	-	-
Mandioca	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	0.35	-	-
Melancia	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	1.99	-	-
Melão	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	1.28	-	-
Milho	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	0.12	-	-
Tomate	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	2.75	-	-
Sub-total	0.47	0.46	0.44	0.43	0.45	0.47	0.45	0.45	0.50	0.48	0.39	-0.3	
Total	0.47	0.46	0.45	0.44	0.45	0.47	0.45	0.45	0.50	0.46	0.38	-0.6	

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 56

Valor e taxa de crescimento anual do Coeficiente de Variação Sazonal da ocupação da mão-de-obra agrícola, segundo as culturas pesquisadas

Bahia 1990-2000

Cultura	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa %^aa	grau conf
Abacaxi	31,6	31,6	31,6	31,6	31,6	31,6	31,6	31,6	31,6	31,6	31,6	-	-
Algodão herbáceo	115,4	115,4	115,4	115,4	115,4	115,4	115,4	115,4	115,4	115,4	115,4	-	-
Alho	104,9	104,9	104,9	104,9	104,9	104,9	104,9	104,9	104,9	104,9	104,9	-	-
Arroz	140,1	140,1	140,1	140,1	140,1	140,1	140,1	140,1	140,1	140,1	140,1	-	-
Banana	86,5	86,5	86,5	86,5	86,5	86,5	86,5	86,5	86,5	86,5	86,5	-	-
Cacau	67,1	67,1	67,1	67,1	67,1	67,1	67,1	67,1	67,1	67,1	67,1	-	-
Café	258	258	258	258	258	258	258	258	258	258	258	-	-
Cana de açúcar	28,7	28,7	28,7	28,7	28,7	28,7	28,7	28,7	28,7	28,7	28,7	-	-
Cebola	164,2	164,2	164,2	164,2	164,2	164,2	164,2	164,2	164,2	164,2	164,2	-	-
Coco da baía	68,6	68,6	68,5	68,7	68,7	68,7	68,7	68,7	68,7	68,5	68,5	-	-
Feijão	138,4	138,4	138,4	138,4	138,4	138,4	138,4	138,4	138,4	138,4	138,4	-	-
Fumo	106,4	106,4	106,4	106,4	106,4	106,4	106,4	106,4	106,4	106,4	106,4	-	-
Guaraná	79,3	78,7	79,3	79,3	79,3	79,3	79,3	79,3	79,3	79,3	79,3	-	-
Laranja	103,6	103,6	103,6	103,6	103,6	103,6	103,6	103,6	103,6	103,6	103,6	-	-
Mamão	28,4	28,4	28,4	28,4	28,4	28,4	28,4	28,4	28,4	28,4	28,4	-	-
Mamona	38	38	38	38	38	38	38	38	38	38	38	-	-
Mandioca	105,4	105,4	105,4	105,4	105,4	105,4	105,4	105,4	105,4	105,4	105,4	-	-
Manga	52	52	52	52	52	52	52	52	52	52	52	-	-
Maracujá	137,6	137,6	137,6	137,6	137,6	137,6	137,6	137,6	137,6	137,6	137,6	-	-
Melancia	131	131	131	131	131	131	131	131	131	131	131	-	-
Melão	182,2	182,2	182,2	182,2	182,2	182,2	182,2	182,2	182,2	182,2	182,2	-	-
Milho	89,3	89,3	89,3	89,3	89,3	89,3	89,3	89,3	89,3	89,3	89,3	-	-
Sisal ou agave	18,8	18,8	18,8	18,8	18,8	18,8	18,8	18,8	18,8	18,8	18,8	-	-
Soja	137,2	137,2	137,2	137,2	137,2	137,2	137,2	137,2	137,2	137,2	137,2	-	-
Tomate	103,1	103,1	103,1	103,1	103,1	103,1	103,1	103,1	103,1	103,1	103,1	-	-
Uva	45	45	45	45	45	45	45	45	45	45	45	-	-
Total	34,60	34,60	33,40	32,70	34,70	30,50	33,40	33,70	30,70	33,50	34,5	-0,3	

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 57

Valor e taxa de crescimento anual do Coeficiente de Variação Sazonal da ocupação da mão-de-obra agrícola, segundo as mesorregiões

Bahia, 1990 – 2000

Mesorregião	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	taxa %^aa	grau conf
Centro norte	59,9	60,1	74,3	72,4	62,7	58,0	66,3	64,7	56,3	63,4	66,1	-0,3	
Centro sul	55,1	55,4	54,7	50,3	49,5	53,4	49,0	49,5	49,3	57,2	63,5	0,4	
Extremo oeste	43,3	55,0	63,6	45,0	33,6	48,2	43,0	40,5	42,9	49,1	35,5	-2,3	*
Metropolitana de Salvador	19,6	18,0	19,5	17,3	17,7	16,8	18,1	17,9	16,5	19,8	21,1	0,3	
Nordeste	50,9	56,0	45,7	40,3	59,7	57,0	58,0	61,0	55,5	60,8	57,5	2,1	**
Sul	52,5	51,9	52,4	53,0	52,6	54,4	53,1	52,0	50,5	50,3	49,9	-0,5	***
Vale do São Francisco	52,2	55,6	53,5	52,7	56,0	55,3	54,6	53,8	52,8	50,9	51,3	-0,4	*
Total	34,6	34,6	33,4	32,7	34,7	30,5	33,4	33,7	30,7	33,5	34,5	-0,3	

Fonte: SEI/EBDA/SEADE. Cálculos do autor

Tabela 58**Área plantada em hectares das culturas selecionadas****Bahia, 1990-2000**

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Culturas Permanentes											
Banana	77.269	75.175	82.202	82.843	71.026	65.269	61.993	59.685	52.463	47.733	49.118
Cacau (em amêndoa)	549.435	545.819	608.490	607.489	582.575	625.488	576.898	625.869	621.025	597.789	608.299
Café (em coco)	136.828	141.460	150.192	105.777	95.256	113.674	99.137	102.728	109.851	119.084	134.196
Coco-da-baía	48.564	51.537	54.362	53.114	57.547	57.726	60.304	63.013	69.148	71.626	78.270
Guaraná (semente)	1.461	2.033	2.816	2.208	2.469	2.701	2.731	2.931	3.684	4.935	5.794
Laranja	28.705	33.355	36.930	37.753	42.748	47.566	49.979	54.222	56.754	49.470	49.062
Mamão	7.898	8.860	11.052	17.170	17.537	21.413	21.026	26.317	25.965	24.130	25.505
Manga	3.046	3.105	4.359	6.171	7.342	7.714	8.833	9.599	10.644	10.778	13.560
Maracujá	6.686	8.058	6.907	6.103	5.598	9.446	12.003	10.252	8.604	8.743	7.818
Sisal ou agave (fibra)	187.143	218.260	214.785	190.340	124.858	136.490	134.561	150.316	149.845	183.416	195.565
Uva	523	706	1.562	1.866	1.928	2.042	2.221	2.324	2.414	1.581	2.238
Sub-total	1.047.558	1.088.368	1.173.657	1.110.834	1.008.884	1.089.529	1.029.686	1.107.256	1.110.397	1.119.285	1.169.425
Culturas Temporárias											
Abacaxi	2.288	2.546	2.898	2.551	3.293	2.769	2.922	3.349	4.287	4.466	4.326
Algodão herbáceo (em caroço)	188.029	175.525	184.075	126.340	136.528	157.317	133.557	179.510	112.586	42.691	55.952
Alho	845	687	902	1.020	1.130	542	589	981	635	943	1.277
Arroz (em casca)	40.351	61.062	86.189	66.267	41.638	63.324	49.364	52.767	50.505	66.105	54.432
Cana-de-açúcar	80.302	76.078	72.330	71.677	70.342	76.880	76.154	86.339	94.906	90.648	92.060
Cebola	5.099	6.486	5.105	6.307	5.389	5.543	5.492	4.577	4.924	4.703	4.518
Feijão (em grão)	600.136	728.618	814.604	723.671	749.580	583.794	736.687	807.578	606.671	823.148	826.693
Fumo (em folha)	17.038	16.606	15.681	12.364	13.912	16.475	16.847	14.607	13.597	12.300	10.399
Mamona (baga)	205.464	165.962	131.209	130.183	89.696	60.816	118.846	143.229	130.548	106.693	178.535
Mandioca	327.801	341.794	303.638	269.759	252.598	254.944	247.414	253.239	259.941	265.020	325.501
Melancia	13.466	12.065	12.152	13.244	11.198	11.056	10.878	15.422	13.438	13.185	13.870
Melão	1.180	1.320	2.036	2.339	2.542	2.492	2.561	2.683	2.605	2.360	2.346
Milho (em grão)	418.477	578.094	514.642	544.137	744.885	502.425	619.529	691.796	522.780	667.839	674.267
Soja (em grão)	360.015	210.000	320.000	381.049	434.036	470.575	433.263	456.550	553.700	580.000	628.356
Tomate	7.722	6.637	6.630	7.298	7.506	7.176	7.882	8.979	9.147	8.045	5.145
Sub-total	2.268.213	2.383.480	2.472.091	2.358.206	2.564.273	2.216.128	2.461.985	2.721.606	2.380.270	2.688.146	2.877.677
Total	3.315.771	3.471.848	3.645.748	3.469.040	3.573.157	3.305.657	3.491.671	3.828.862	3.490.667	3.807.431	4.047.102

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Tabela 59**Área plantada em hectares das culturas selecionadas****Mesorregião Centro Norte, Bahia, 1990-2000**

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Culturas Permanentes											
Banana	3.320	3.477	4.458	5.192	6.258	6.144	4.297	5.844	6.787	6.789	6.192
Cacau (em amêndoa)	50	150	515	515	440	447	337	347	50	30	30
Café (em coco)	9.685	9.702	14.429	9.404	10.583	11.102	9.422	10.416	11.560	10.317	9.148
Coco-da-baía	495	518	633	563	465	439	561	569	576	506	768
Laranja	883	940	1.026	1.208	639	786	846	831	858	695	636
Mamão	9	13	8	9	12	96	96	300	202	215	82
Manga	332	339	391	296	337	331	620	620	782	1.066	1.293
Maracujá	-	5	85	105	64	112	208	480	628	604	146
Sisal ou agave (fibra)	81.217	103.385	86.782	83.447	58.527	60.776	55.703	75.317	74.339	87.014	97.110
Uva	56	56	56	56	56	80	88	100	100	106	103
Total	96.047	118.585	108.383	100.795	77.381	80.313	72.178	94.824	95.882	107.342	115.508
Culturas Temporárias											
Abacaxi	525	703	1.216	478	895	749	935	1.325	1.726	1.812	1.959
Algodão herbáceo (em caroço)	20.318	1.629	720	940	7.161	13.435	25.461	20.132	14.072	4.680	2.345
Alho	287	135	299	195	246	74	112	304	34	27	64
Arroz (em casca)	70	60	62	76	45	57	46	42	-	-	-
Cana-de-açúcar	3.457	2.886	2.499	2.242	1.996	2.130	1.080	1.782	1.426	1.425	1.849
Cebola	167	104	156	146	143	186	197	492	268	387	367
Feijão (em grão)	239.742	250.715	430.907	404.453	337.328	191.993	314.694	336.926	213.313	294.046	325.666
Fumo (em folha)	6.039	4.900	4.599	1.889	5.599	8.872	9.318	6.777	6.122	4.932	3.485
Mamona (baga)	172.772	134.505	101.467	98.754	69.908	45.830	105.401	130.271	116.484	93.478	151.225
Mandioca	54.513	58.552	57.442	58.259	48.709	45.568	50.904	58.466	46.369	48.229	67.576
Melancia	2.045	2.057	1.660	1.254	1.321	831	860	2.272	2.043	1.695	2.885
Melão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Milho (em grão)	106.469	152.572	221.383	268.008	383.531	121.094	169.699	195.979	127.264	162.134	153.286
Soja (em grão)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tomate	416	300	368	553	536	505	564	763	758	976	693
Total	606.820	609.118	822.778	837.247	857.418	431.324	679.271	755.531	529.879	613.821	711.400

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Tabela 60**Área plantada em hectares das culturas selecionadas****Mesorregião Centro Sul, Bahia, 1990-2000**

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Culturas Permanentes											
Banana	28.807	26.860	32.509	31.541	20.494	17.298	15.013	12.161	13.153	13.742	12.782
Cacau (em amêndoa)	67.754	56.953	70.746	67.976	67.683	64.254	61.817	64.572	64.547	66.350	66.929
Café (em coco)	119.525	117.722	119.684	85.382	73.248	91.092	77.899	80.399	80.904	84.580	96.253
Coco-da-baía	794	837	1.073	748	757	786	806	807	1.008	1.275	1.527
Guaraná (semente)	-	54	87	-	-	76	60	71	126	61	72
Laranja	2.114	1.903	1.983	1.745	1.521	1.429	1.408	1.045	1.558	1.507	1.193
Mamão	39	39	48	56	62	86	87	5	7	78	117
Manga	726	679	735	1.085	1.156	1.203	1.384	1.517	2.128	2.756	3.000
Maracujá	15	67	295	833	1.045	4.261	6.285	5.929	3.716	4.366	3.355
Sisal ou agave (fibra)	3.903	3.903	3.003	2.893	1.436	1.299	2.823	2.393	2.300	2.196	2.050
Uva	-	-	8	8	7	13	11	24	24	34	52
Total	223.677	209.017	230.171	192.267	167.409	181.797	167.593	168.923	169.471	176.945	187.330
Culturas Temporárias											
Abacaxi	777	809	827	652	700	426	467	636	794	833	383
Algodão herbáceo (em caroço)	143.177	140.427	157.978	114.612	116.962	127.579	96.187	129.897	79.380	20.531	10.994
Alho	407	382	451	648	669	237	323	445	414	719	1.011
Arroz (em casca)	7.548	6.690	7.033	9.017	7.178	7.152	6.809	7.806	6.621	4.373	2.356
Cana-de-açúcar	22.107	22.022	18.790	18.079	17.479	15.359	16.889	17.923	18.016	17.040	18.127
Cebola	632	553	464	449	464	243	223	195	179	1.351	657
Feijão (em grão)	120.183	117.610	134.244	130.172	122.164	111.530	94.085	112.348	115.439	138.240	136.061
Fumo (em folha)	1.553	1.502	1.822	1.813	1.665	997	1.096	1.176	1.137	1.099	753
Mamona (baga)	20.821	19.817	19.629	16.799	16.178	10.175	7.431	7.294	10.879	8.821	19.304
Mandioca	117.819	128.879	93.954	82.020	77.551	75.712	64.065	56.613	71.780	75.878	74.815
Melancia	6.683	3.460	3.681	3.179	3.000	2.658	2.326	2.395	2.692	3.007	2.423
Melão	10	12	10	12	15	10	9	-	-	-	-
Milho (em grão)	65.626	53.913	57.889	65.361	61.335	43.923	45.970	52.600	48.920	52.628	36.698
Soja (em grão)	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tomate	2.574	2.394	2.761	1.780	2.337	2.398	3.586	4.194	4.347	4.351	3.199
Total	509.932	498.470	499.533	444.593	427.697	398.399	339.466	393.522	360.598	328.871	306.781

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Tabela 61**Área plantada em hectares das culturas selecionadas****Mesorregião Extremo Oeste, Bahia, 1990-2000**

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Culturas Permanentes											
Banana	1.076	1.086	1.122	1.066	1.137	1.138	1.145	1.201	1.230	1.133	965
Cacau (em amêndoa)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Café (em coco)	-	-	-	-	-	-	100	455	1.665	7.215	10.003
Coco-da-baía	152	152	152	172	173	205	210	240	313	288	517
Laranja	411	417	497	515	538	466	466	461	519	518	448
Mamão	57	63	376	563	577	585	589	704	800	800	1.545
Manga	607	607	582	736	828	888	885	992	1.118	1.076	1.405
Maracujá	-	-	103	208	208	280	326	312	483	485	454
Sisal ou agave (fibra)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Uva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18
Total	2.303	2.325	2.832	3.260	3.461	3.562	3.721	4.365	6.128	11.515	15.355
Culturas Temporárias											
Abacaxi	-	-	137	250	271	316	163	150	145	160	156
Algodão herbáceo (em caroço)	1.535	5.562	5.887	2.570	2.340	4.889	3.480	8.625	12.100	14.700	40.491
Alho	150	165	144	171	200	218	141	224	181	191	195
Arroz (em casca)	26.660	48.300	72.758	51.890	31.255	54.285	40.106	42.554	42.335	60.930	50.870
Cana-de-açúcar	6.884	3.680	3.810	3.868	3.690	4.804	4.934	4.810	5.760	8.920	9.874
Cebola	15	3	2	24	11	93	135	111	136	115	118
Feijão (em grão)	25.033	35.685	46.614	59.899	45.535	35.957	32.035	38.711	37.366	39.138	38.655
Fumo (em folha)	200	200	200	200	200	81	75	99	80	95	110
Mamona (baga)	700	-	-	6.133	-	900	2.320	3.150	1.340	785	1.220
Mandioca	16.650	15.350	14.955	15.196	18.915	24.782	22.932	21.800	24.215	23.005	40.780
Melancia	495	1.903	2.150	2.032	1.988	2.075	1.850	1.716	210	228	200
Melão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Milho (em grão)	42.337	60.000	65.047	96.323	96.314	121.534	104.819	143.488	102.970	137.349	173.349
Soja (em grão)	360.000	210.000	320.000	381.049	434.036	470.575	433.263	456.550	553.700	580.000	628.356
Tomate	35	120	540	1.017	1.043	322	60	72	68	36	44
Total	480.694	380.968	532.244	620.622	635.798	720.831	646.313	722.060	780.606	865.652	984.418

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Tabela 62

Área plantada em hectares das culturas selecionadas

Mesorregião Metropolitana de Salvador, Bahia, 1990-2000

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Culturas Permanentes											
Banana	4.247	4.157	4.162	4.026	4.201	4.110	3.970	3.959	3.574	3.225	3.045
Cacau (em amêndoa)	1.917	1.948	2.577	2.436	2.911	2.718	2.606	2.973	2.404	2.372	2.235
Café (em coco)	21	13	13	10	10	13	13	13	10	13	13
Coco-da-baía	7.405	7.443	7.408	7.485	7.375	7.363	7.318	7.246	6.620	7.570	7.068
Laranja	8.012	8.268	9.172	8.959	9.125	8.818	8.705	8.535	8.480	8.145	8.118
Mamão	114	130	112	106	93	60	64	41	73	48	35
Manga	372	372	627	619	632	292	292	295	239	224	187
Maracujá	394	394	400	529	157	154	175	170	165	182	186
Sisal ou agave (fibra)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Uva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	22.482	22.725	24.471	24.170	24.504	23.528	23.143	23.232	21.565	21.779	20.887
Culturas Temporárias											
Abacaxi	17	28	28	32	23	33	60	55	87	120	117
Algodão herbáceo (em caroço)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Arroz (em casca)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cana-de-açúcar	27.569	27.977	27.897	27.422	26.509	29.272	29.049	29.287	30.123	24.423	22.295
Cebola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Feijão (em grão)	2.317	2.608	2.864	2.404	2.704	2.766	3.627	3.379	2.631	3.518	3.574
Fumo (em folha)	5.108	5.851	4.976	4.753	5.730	5.649	5.465	5.680	5.544	5.083	5.131
Mamona (baga)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mandioca	29.348	26.647	28.295	22.743	23.141	24.445	27.839	27.946	25.613	26.497	26.130
Melancia	21	21	19	17	7	-	-	-	-	-	-
Melão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Milho (em grão)	1.915	2.313	2.499	2.201	2.508	2.425	3.282	2.940	2.731	3.454	3.331
Soja (em grão)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tomate	48	46	30	21	23	23	30	36	66	60	60
Total	66.343	65.491	66.608	59.593	60.645	64.613	69.352	69.323	66.795	63.155	60.638

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Tabela 63**Área plantada em hectares das culturas selecionadas****Mesorregião Nordeste, Bahia, 1990-2000**

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Culturas Permanentes											
Banana	1.568	1.600	1.610	1.615	1.066	1.114	1.108	1.021	1.102	2.273	2.229
Cacau (em amêndoa)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Café (em coco)	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-
Coco-da-baía	30.328	30.339	31.935	31.985	34.865	34.601	35.188	37.622	38.378	38.197	38.281
Laranja	15.722	20.220	22.582	23.973	29.591	34.819	37.353	42.093	44.010	37.493	37.543
Mamão	75	80	96	39	35	50	40	-	-	80	100
Manga	255	276	298	270	512	595	591	597	628	753	579
Maracujá	5.725	6.890	5.219	3.754	3.163	3.498	3.588	2.128	1.965	1.574	1.650
Sisal ou agave (fibra)	101.563	110.730	125.000	104.000	64.745	74.355	76.035	72.606	73.206	94.206	96.405
Uva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	155.236	170.135	186.740	165.636	133.977	149.032	153.905	156.067	159.289	174.576	176.787
Culturas Temporárias											
Abacaxi	585	621	312	386	273	280	276	312	348	328	354
Algodão herbáceo (em caroço)	520	490	300	280	210	250	-	20	20	10	-
Alho	-	-	-	-	5	5	5	-	-	-	-
Arroz (em casca)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cana-de-açúcar	231	431	236	241	147	171	171	216	235	235	210
Cebola	5	5	69	14	13	3	4	2	-	-	-
Feijão (em grão)	180.941	281.181	155.059	74.746	192.584	194.304	243.074	268.024	203.545	308.425	267.420
Fumo (em folha)	4.018	4.012	3.840	3.449	556	766	811	736	623	1.017	837
Mamona (baga)	818	1.135	1.085	365	250	180	180	150	150	1.920	2.865
Mandioca	37.684	31.529	38.042	31.520	31.824	38.464	35.278	39.847	40.771	44.249	49.301
Melancia	1.225	1.358	1.022	2.924	935	887	1.252	831	205	791	432
Melão	-	-	22	15	30	25	6	3	5	4	-
Milho (em grão)	175.461	281.177	137.827	67.127	162.042	174.777	251.794	245.298	199.917	281.510	261.320
Soja (em grão)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tomate	184	114	156	37	117	92	59	60	57	50	78
Total	401.672	602.053	337.970	181.104	388.986	410.204	532.910	555.499	445.876	638.539	582.817

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Tabela 64**Área plantada em hectares das culturas selecionadas****Mesorregião Sul, Bahia, 1990-2000**

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Culturas Permanentes											
Banana	37.467	37.231	37.658	38.685	36.877	34.242	34.535	33.122	23.716	17.415	19.859
Cacau (em amêndoa)	479.714	486.768	534.652	536.562	511.541	558.069	512.138	557.977	554.024	529.037	539.105
Café (em coco)	7.597	14.023	16.066	10.981	11.415	11.467	11.701	11.445	15.712	16.959	18.741
Coco-da-baía	8.948	11.890	12.826	11.753	13.290	13.631	15.493	15.518	21.260	22.862	28.367
Guaraná (semente)	1.461	1.979	2.729	2.208	2.469	2.625	2.671	2.860	3.558	4.874	5.722
Laranja	1.466	1.500	1.579	1.249	1.273	1.185	1.120	1.148	1.215	1.049	1.045
Mamão	7.595	8.512	10.298	16.260	16.620	20.377	19.984	25.132	24.709	22.794	23.528
Manga	100	101	100	18	17	14	14	11	11	212	212
Maracujá	473	619	700	489	741	887	936	733	1.167	1.209	1.351
Sisal ou agave (fibra)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Uva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	544.821	562.623	616.608	618.205	594.243	642.497	598.592	647.946	645.372	616.411	637.930
Culturas Temporárias											
Abacaxi	380	381	375	750	1.128	965	1.021	871	1.187	1.213	1.357
Algodão herbáceo (em caroço)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Arroz (em casca)	214	210	238	144	205	102	112	105	82	55	58
Cana-de-açúcar	11.538	10.165	10.405	9.769	10.052	11.319	10.800	17.619	24.256	23.583	24.172
Cebola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Feijão (em grão)	4.232	4.490	4.899	6.108	5.681	5.289	5.323	5.439	4.688	5.858	5.915
Fumo (em folha)	9	10	14	-	25	-	16	19	16	16	15
Mamona (baga)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mandioca	46.976	51.231	52.729	41.402	36.722	25.533	29.311	30.923	33.693	32.122	33.122
Melancia	820	857	776	1.010	813	1.255	1.143	4.418	4.678	4.763	4.847
Melão	107	109	248	206	181	40	35	30	25	7	5
Milho (em grão)	2.153	3.023	3.127	2.750	2.663	2.684	2.694	2.574	3.045	2.961	3.836
Soja (em grão)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tomate	41	55	114	109	112	94	98	111	135	88	87
Total	66.470	70.531	72.925	62.248	57.582	47.281	50.553	62.109	71.805	70.666	73.414

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Tabela 65**Área plantada em hectares das culturas selecionadas****Mesorregião Vale do S. Francisco, Bahia, 1990-2000**

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Culturas Permanentes											
Banana	784	764	683	718	993	1.223	1.925	2.377	2.901	3.156	4.046
Cacau (em amêndoa)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Café (em coco)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	38
Coco-da-baía	442	358	335	408	622	701	728	1.011	993	928	1.742
Laranja	97	107	91	104	61	63	81	109	114	63	79
Mamão	9	23	114	137	138	159	166	135	174	115	98
Manga	654	731	1.626	3.147	3.860	4.391	5.047	5.567	5.738	4.691	6.884
Maracujá	79	83	105	185	220	254	485	500	480	323	676
Sisal ou agave (fibra)	460	242	-	-	150	60	-	-	-	-	-
Uva	467	650	1.498	1.802	1.865	1.949	2.122	2.200	2.290	1.441	2.065
Total	2.992	2.958	4.452	6.501	7.909	8.800	10.554	11.899	12.690	10.717	15.628
Culturas Temporárias											
Abacaxi	4	4	3	3	3	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço)	22.479	27.417	19.190	7.938	9.855	11.164	8.429	20.836	7.014	2.770	2.122
Alho	1	5	8	6	10	8	8	8	6	6	7
Arroz (em casca)	5.859	5.802	6.098	5.140	2.955	1.728	2.291	2.260	1.467	747	1.148
Cana-de-açúcar	8.516	8.917	8.693	10.056	10.469	13.825	13.231	14.702	15.090	15.022	15.533
Cebola	4.280	5.821	4.414	5.674	4.758	5.018	4.933	3.777	4.341	2.850	3.376
Feijão (em grão)	27.688	36.329	40.017	45.889	43.584	41.955	43.849	42.751	29.689	33.923	49.402
Fumo (em folha)	111	131	230	260	137	110	66	120	75	58	68
Mamona (baga)	10.353	10.505	9.028	8.132	3.360	3.731	3.514	2.364	1.695	1.689	3.921
Mandioca	24.811	29.606	18.221	18.619	15.736	20.440	17.085	17.644	17.500	15.040	33.777
Melancia	2.177	2.409	2.844	2.828	3.134	3.350	3.447	3.790	3.610	2.701	3.083
Melão	1.063	1.199	1.756	2.106	2.316	2.417	2.511	2.650	2.575	2.349	2.341
Milho (em grão)	24.516	25.096	26.870	42.367	36.492	35.988	41.271	48.917	37.933	27.803	42.447
Soja (em grão)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tomate	4.424	3.608	2.661	3.781	3.338	3.742	3.485	3.743	3.716	2.484	984
Total	136.282	156.849	140.033	152.799	136.147	143.476	144.120	163.562	124.711	107.442	158.209

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Tabela 66**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do abacaxi****Bahia, 1990, 1998**

Abacaxi	h/d por hectare		
	1990	1998	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	148,13	40,63	-73%
Plantio	52,00	28,00	-46%
Capinas	44,00	100,00	127%
Outros tratos culturais	-	31,00	-
Colheita	34,00	25,00	-26%
Pós-colheita	-	-	-

Fonte: Sudene (1990), SEI (1998). Cálculos do autor

Tabela 67**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do arroz****Bahia, 1990, 1998**

Arroz	h/d por hectare		
	1990	1998	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	15,50	24,88	61%
Plantio	6,00	4,00	-33%
Capinas	23,00	30,00	30%
Outros tratos culturais	-	-	-
Colheita	15,00	5,00	-67%
Pós-colheita	3,00	6,00	100%

Fonte: Sudene (1990), SEI (1998). Cálculos do autor

Tabela 68**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura da banana****Bahia, 1990, 1998**

Banana	h/d por hectare		
	1990	1998	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	37,88	5,50	-85%
Plantio	49,00	33,00	-33%
Capinas	6,50	12,00	85%
Outros tratos culturais	4,00	14,00	250%
Colheita	45,00	5,00	-89%
Pós-colheita	-	5,00	-

Fonte: Sudene (1990), SEI (1998). Cálculos do autor

Tabela 69**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do feijão****Bahia, 1990, 1998**

Feijão	h/d por hectare		
	1990	1998	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	0,75	0,25	-67%
Plantio	2,39	3,00	26%
Capinas	7,00	12,00	71%
Outros tratos culturais	-	3,00	-
Colheita	5,00	10,00	100%
Pós-colheita	0,43	0,13	-70%

Fonte: Sudene (1990), SEI (1998). Cálculos do autor

Tabela 70**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura da melancia****Bahia, 1990, 2000**

Melancia	h/d por hectare		
	1990	2000	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	7,25	0,79	-89%
Plantio	20,00	10,00	-50%
Capinas	20,00	6,13	-69%
Outros tratos culturais	58,00	70,00	21%
Colheita	28,00	16,00	-43%
Pós-colheita	12,00	0,00	-

Fonte: Sudene (1990), SEI (2000). Cálculos do autor

Tabela 71**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura da cebola****Bahia, 1990, 2000**

Cebola	h/d por hectare		
	1990	2000	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	37,25	6,00	-84%
Plantio	51,00	15,00	-71%
Capinas	21,00	18,50	-12%
Outros tratos culturais	57,00	55,00	-4%
Colheita	50,00	12,00	-76%
Pós-colheita	40,00	14,00	-65%

Fonte: Sudene (1990), SEI (2000). Cálculos do autor

Tabela 72**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do tomate de mesa****Bahia, 1990, 1998**

Tomate mesa	h/d por hectare		
	1990	1998	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	39,63	24,75	-38%
Plantio	245,00	47,00	-81%
Capinas	-	20,00	-
Outros tratos culturais	119,00	240,00	102%
Colheita	213,00	90,00	-58%
Pós-colheita	15,00	45,00	200%

Fonte: Sudene (1990), SEI (1998). Cálculos do autor

Tabela 73**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do coco-da-baía****Bahia, 1990, 1998**

Coco-da-baía	h/d por hectare		
	1990	1998	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	96,63	13,00	-87%
Plantio	6,00	12,00	100%
Capinas	-	6,00	-
Outros tratos culturais	-	9,00	-
Colheita	-	4,00	-
Pós-colheita	-	-	-

Fonte: Sudene (1990), SEI (1998). Cálculos do autor

Tabela 74**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura do algodão herbáceo****Bahia, 1990, 1998**

Algodão herbáceo	h/d por hectare		
	1990	1998	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	12,06	5,50	-54%
Plantio	28,25	0,13	-100%
Capinas	-	19,13	-
Outros tratos culturais	-	1,45	-
Colheita	27,75	20,00	-28%
Pós-colheita	-	1,18	-

Fonte: Sudene (1990), SEI (1998). Cálculos do autor

Tabela 75**Variação dos coeficientes técnicos de absorção de mão-de-obra por operação de cultivo da cultura da mandioca****Bahia, 1990, 1998**

Mandioca	h/d por hectare		
	1990	1998	Taxa de crescimento
Operações de cultivo			
Preparo do solo	34,69	15,94	-54%
Plantio	16,50	9,00	-45%
Capinas	-	40,00	-
Outros tratos culturais	7,50	5,00	-33%
Colheita	25,00	20,00	-20%
Pós-colheita	-	-	-

Fonte: Sudene (1990), SEI (1998). Cálculos do autor

NOTA TÉCNICA

As tabelas que se seguem apresentam coeficientes técnicos de absorção da mão-de-obra agrícola para todo o Estado da Bahia no ano de 1998 ou 2000.

Os coeficientes originais, coletados em campo, estão em negrito. Os demais, cujas áreas plantadas na Bahia são inexistentes ou insignificantes, não foram encontrados, por isso repetiram-se os valores de outros níveis tecnológicos, principalmente do nível médio.

Tabela 76**Coefficientes técnicos da cultura do abacaxi por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Abacaxi	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	40,63	40,63	50,00
Plantio	28,00	28,00	40,00
Capinas	100,00	100,00	100,00
Outros tratamentos culturais	31,00	31,00	38,00
Colheita	25,00	25,00	27,00
Pós-colheita	-	-	-

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 77**Coefficientes técnicos da cultura do alface por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Alface	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	1,25	1,25	1,25
Plantio	80,00	80,00	80,00
Capinas	20,00	20,00	20,00
Outros tratamentos culturais	120,00	120,00	120,00
Colheita	20,00	20,00	20,00
Pós-colheita	15,00	15,00	15,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 78**Coefficientes técnicos da cultura do algodão por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Algodão	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	0,50	5,50	9,50
Plantio	0,03	0,13	2,50
Capinas	0,03	19,13	28,75
Outros tratos culturais	2,52	1,45	6,00
Colheita	2,06	20,00	22,00
Pós-colheita	1,25	1,18	0,30

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 79**Coefficientes técnicos da cultura do alho por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Alho	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	62,56	62,56	29,25
Plantio	89,00	89,00	58,00
Capinas	30,00	30,00	85,00
Outros tratos culturais	85,00	85,00	35,00
Colheita	30,00	30,00	15,00
Pós-colheita	26,00	26,00	80,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 80**Coefficientes técnicos da cultura do arroz por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Arroz	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	24,88	24,88	24,88
Plantio	4,00	4,00	4,00
Capinas	30,00	30,00	30,00
Outros tratamentos culturais	-	-	-
Colheita	5,00	5,00	5,00
Pós-colheita	6,00	6,00	6,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 81**Coefficientes técnicos da cultura da banana por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Banana	h/d por hectare					
	Implantação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo						
Preparo do solo	55,00	55,00	5,50	-	-	-
Plantio	41,00	41,00	33,00	-	-	-
Capinas	45,00	30,00	8,00	15,00	12,00	8,00
Outros tratamentos culturais	15,00	37,00	40,00	21,00	14,00	7,00
Colheita	5,00	30,00	-	5,00	5,00	3,00
Pós-colheita	5,00	-	-	5,00	5,00	3,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 82

Coefficientes técnicos da cultura do cacau por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 1998

Cacau	Implantação			Formação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo									
Preparo do solo	100,00	100,00	100,00	-	-	-	-	-	-
Plantio	59,00	59,00	59,00	-	-	-	-	-	-
Capinas	12,00	12,00	12,00	18,00	10,00	8,00	18,00	10,00	8,00
Outros tratos culturais	22,00	22,00	22,00	45,00	59,00	34,00	45,00	59,00	34,00
Colheita	-	-	-	-	-	-	6,00	15,00	2,00
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-	17,00	3,00	15,00

h/d por hectare

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 83

Coefficientes técnicos da cultura do café por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 1998

Café	Implantação			Formação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo									
Preparo do solo	2,13	2,13	18,00	-	-	-	-	-	-
Plantio	89,00	53,13	44,00	-	-	-	-	-	-
Capinas	100,00	25,00	13,00	1,13	4,25	25,00	45,00	6,00	10,00
Outros tratos culturais	26,63	11,13	5,50	15,00	8,75	16,00	21,13	5,64	6,50
Colheita	-	-	-	-	-	-	100,00	40,00	30,00
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-	17,00	12,00	-

h/d por hectare

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 84

Coefficientes técnicos da cultura da cana-de-açúcar por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 1998

Cana-de-açúcar	Implantação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo						
Preparo do solo	31,00	31,00	31,00	-	-	-
Plantio	23,00	23,00	23,00	-	-	-
Capinas	30,00	30,00	30,00	16,00	15,00	15,00
Outros tratos culturais	90,00	90,00	90,00	38,00	105,00	105,00
Colheita	120,00	120,00	120,00	48,00	120,00	120,00
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 85

Coefficientes técnicos da cultura da cebola por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 2000

Cebola	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	6,00	6,00	2,25
Plantio	15,00	15,00	17,00
Capinas	18,50	18,50	4,00
Outros tratos culturais	55,00	55,00	22,00
Colheita	12,00	12,00	5,00
Pós-colheita	14,00	14,00	0,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 86

Coefficientes técnicos da cultura do coco anão por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 1998

Coco anão	Implantação			Formação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo									
Preparo do solo	13,00	13,00	1,17	-	-	-	-	-	-
Plantio	12,00	12,00	22,00	-	-	-	-	-	-
Capinas	6,00	6,00	8,00	10,00	10,00	10,00	6,00	6,00	5,00
Outros tratos culturais	8,00	8,00	2,00	6,00	6,00	4,00	9,00	9,00	4,00
Colheita	-	-	-	-	-	-	4,00	4,00	7,00
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-	-	-	-

h/d por hectare

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 87

Coefficientes técnicos da cultura do coentro por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 1998

Coentro	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	1,25	1,25	1,25
Plantio	80,00	80,00	80,00
Capinas	20,00	20,00	20,00
Outros tratos culturais	105,00	105,00	105,00
Colheita	20,00	20,00	20,00
Pós-colheita	15,00	15,00	15,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 88**Coeficientes técnicos da cultura do eucalipto por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Eucalipto	Implantação			Formação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo									
Preparo do solo	2,69	3,07	3,07	-	-	-	-	-	-
Plantio	2,75	3,23	3,23	-	-	-	-	-	-
Capinas	2,66	5,00	5,00	1,16	1,61	1,61	1,16	5,48	5,48
Outros tratos culturais	2,03	1,76	1,76	1,41	1,29	1,29	0,41	0,45	0,45
Colheita	-	-	-	-	-	-	24,36	24,46	24,46
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-	5,20	5,20	5,20

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 89**Coeficientes técnicos da cultura do feijão por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Feijão	1ª safra			2ª safra		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo						
Preparo do solo	0,25	0,25	0,65	0,25	0,25	0,65
Plantio	0,13	3,00	0,19	0,13	3,00	0,19
Capinas	0,13	12,00	0,19	0,13	12,00	0,19
Outros tratos culturais	0,37	3,00	-	0,37	3,00	-
Colheita	10,13	10,00	2,06	10,13	10,00	2,06
Pós-colheita	-	0,13	10,00	-	0,13	10,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 90**Coefficientes técnicos da cultura do fumo por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 2000**

Fumo	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	26,05	0,75	0,63
Plantio	12,00	14,00	16,00
Capinas	0,63	0,63	12,00
Outros tratos culturais	46,00	46,00	44,00
Colheita	30,00	30,00	30,00
Pós-colheita	28,00	28,00	28,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 91**Coefficientes técnicos da cultura do guaraná por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 2000**

Guaraná	h/d por hectare								
	Implantação			Formação			Produção		
Operações de cultivo	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Preparo do solo	30,00	30,00	30,00	-	-	-	-	-	-
Plantio	21,00	21,00	21,00	-	-	-	-	-	-
Capinas	10,00	10,00	10,00	10,00	6,00	8,00	20,00	14,00	12,00
Outros tratos culturais	17,00	17,00	17,00	17,00	5,00	2,00	5,00	1,5	1,00
Colheita	-	-	-	0,00	0,00	0,00	12,00	6,00	3,00
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 92**Coeficientes técnicos da cultura da laranja por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Laranja	Implantação			Formação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo									
Preparo do solo	2,38	1,94	14,75	-	-	-	-	-	-
Plantio	34,00	6,00	21,00	-	-	-	-	-	-
Capinas	0,50	0,19	5,00	1,25	10,00	4,00	1,88	12,00	10,00
Outros tratos culturais	28,00	7,50	16,00	43,00	22,75	9,63	59,50	50,38	14,00
Colheita	-	-	-	-	-	-	45,00	34,00	20,00
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 93**Coeficientes técnicos da cultura do mamão por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Mamão	Implantação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo						
Preparo do solo	2,50	3,88	3,88	-	-	-
Plantio	11,43	7,25	7,25	-	-	-
Capinas	8,13	28,25	28,25	8,13	11,00	11,00
Outros tratos culturais	12,63	21,00	21,00	12,50	48,25	48,25
Colheita	2,25	-	-	2,25	48,00	48,00
Pós-colheita	0,04	-	-	0,04	6,00	6,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 94**Coeficientes técnicos da cultura da mamona por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

h/d por hectare			
Mamona			
Operações de cultivo	Alto total	Médio total	Baixo total
Preparo do solo	0,63	3,56	7,50
Plantio	0,19	2,50	2,00
Capinas	2,13	3,25	3,00
Outros tratos culturais	0,13	2,50	1,00
Colheita	1,50	2,00	10,00
Pós-colheita	0,44	0,63	5,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 95**Coeficientes técnicos da cultura da mandioca por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

h/d por hectare			
Mandioca			
Operações de cultivo	Alto total	Médio total	Baixo total
Preparo do solo	15,94	15,94	10,75
Plantio	9,00	9,00	15,00
Capinas	40,00	40,00	40,00
Outros tratos culturais	5,00	5,00	7,00
Colheita	20,00	20,00	20,00
Pós-colheita	-	-	33,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 96

Coefficientes técnicos da cultura da manga por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 1998

Manga	Implantação			Formação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo									
Preparo do solo	1,13	7,50	7,50	-	-	-	-	-	-
Plantio	24,00	11,00	11,00	-	-	-	-	-	-
Capinas	0,50	0,38	0,38	0,50	2,25	2,25	0,50	0,31	0,31
Outros tratos culturais	53,00	30,00	30,00	47,00	39,25	39,25	40,00	44,00	44,00
Colheita	-	-	-	-	-	-	6,00	-	-
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 97

Coefficientes técnicos da cultura da maracujá por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 1998

Maracujá	Implantação			Produção		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo						
Preparo do solo	0,63	10,50	10,50	-	-	-
Plantio	40,40	24,00	24,00	-	-	-
Capinas	19,00	24,00	24,00	12,00	12,00	7,00
Outros tratos culturais	280,00	22,00	22,00	13,00	13,00	20,00
Colheita	216,56	14,00	14,00	4,00	4,00	15,00
Pós-colheita	210,00	8,00	8,00	-	-	10,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 98**Coefficientes técnicos da cultura da melancia por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 2000**

Melancia	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	0,79	0,79	0,81
Plantio	10,00	10,00	7,00
Capinas	6,13	6,13	5,13
Outros tratos culturais	70,00	70,00	65,00
Colheita	16,00	16,00	16,00
Pós-colheita	0,00	0,00	0,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 99**Coefficientes técnicos da cultura do melão por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 2000**

Melão	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	0,94	0,94	0,88
Plantio	7,00	7,00	8,25
Capinas	10,75	10,75	14,00
Outros tratos culturais	30,00	30,00	26,00
Colheita	9,00	9,00	12,00
Pós-colheita	0,00	0,00	0,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 100**Coefficientes técnicos da cultura do milho por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Milho	h/d por hectare					
	1ª safra			2ª safra		
Operações de cultivo	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Preparo do solo	0,25	0,50	0,42	0,25	0,50	0,42
Plantio	0,13	2,00	0,33	0,13	2,00	0,33
Capinas	0,13	16,00	7,31	0,13	16,00	7,31
Outros tratos culturais	0,13	9,00	-	0,13	9,00	-
Colheita	0,13	5,00	2,30	0,13	5,00	2,30
Pós-colheita	0,25	0,25	0,04	0,25	0,25	0,04

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 101**Coefficientes técnicos da cultura do sisal por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Sisal	h/d por hectare					
	Implantação			Produção		
Operações de cultivo	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Preparo do solo	1,75	1,75	55,00	-	-	-
Plantio	15,00	15,00	17,00	-	-	-
Capinas	22,00	22,00	12,00	10,00	10,00	10,00
Outros tratos culturais	42,00	42,00	39,00	46,00	46,00	38,00
Colheita	-	-	-	10,00	10,00	10,00
Pós-colheita	-	-	-	20,00	20,00	20,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 102**Coeficientes técnicos da cultura da soja por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Soja	h/d por hectare		
	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo			
Preparo do solo	0,25	0,25	0,25
Plantio	0,29	0,29	0,29
Capinas	0,06	0,06	0,06
Outros tratos culturais	0,10	0,10	0,10
Colheita	0,09	0,09	0,09
Pós-colheita	0,03	0,03	0,03

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 103**Coeficientes técnicos da cultura do tomate industrial por operação de cultivo e nível tecnológico****Bahia, 1998**

Tomate industrial	h/d por hectare					
	1ª safra			2ª safra		
	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Operações de cultivo						
Preparo do solo	0,56	1,06	1,88	0,56	1,06	1,88
Plantio	10,38	19,00	9,50	10,38	19,00	9,50
Capinas	0,50	20,00	4,00	0,50	20,00	4,00
Outros tratos culturais	21,38	39,00	53,00	21,38	39,00	53,00
Colheita	20,00	90,00	15,00	20,00	90,00	15,00
Pós-colheita	0,19	-	-	0,19	-	-

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 104

Coeficientes técnicos da cultura do tomate mesa por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 1998

Tomate Mesa	h/d por hectare					
	1ª safra			2ª safra		
Operações de cultivo	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Preparo do solo	24,75	24,75	24,75	24,75	24,75	24,75
Plantio	47,00	47,00	47,00	47,00	47,00	47,00
Capinas	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00	20,00
Outros tratos culturais	240,00	240,00	240,00	240,00	240,00	240,00
Colheita	90,00	90,00	90,00	90,00	90,00	90,00
Pós-colheita	45,00	45,00	45,00	45,00	45,00	45,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 105

Coeficientes técnicos da cultura da uva por operação de cultivo e nível tecnológico

Bahia, 2000

Uva	h/d por hectare								
	Implantação			Formação			Produção		
Operações de cultivo	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total	Alto total	Médio total	Baixo total
Preparo do solo	2,25	2,25	2,25	-	-	-	0,50	6,00	6,00
Plantio	77,75	77,75	77,75	-	-	-	-	-	-
Capinas	20,00	20,00	20,00	2,25	12,00	12,00	0,50	12,00	12,00
Outros tratos culturais	5,50	5,50	5,50	38,38	51,00	51,00	237,63	300,00	300,00
Colheita	-	-	-	-	-	-	21,25	100,25	100,25
Pós-colheita	-	-	-	-	-	-	5,00	0,00	0,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

Tabela 106**Valores de conversão (número efetivo de dias de trabalho) de HD para EHA****Bahia, 1998**

Produtos	Valores de conversão	Produtos	Valores de conversão
Abacaxi	61	Guaraná Produção	255
Alface	200	Laranja implantação	255
Algodão	105	Laranja formação	255
Alho	168	Laranja produção	255
Arroz	105	Mamão implantação	255
Banana implantação	255	Mamão produção	255
Banana produção	255	Mamona	231
Cacau implantação	255	Mandioca	255
Cacau formação	255	Manga implantação	255
Cacau produção	255	Manga formação	255
Café implantação	255	Manga produção	255
Café formação	255	Maracujá implantação	255
Café produção	255	Maracujá produção	255
Cana-de-açúcar implantação	255	Melancia	52
Cana-de-açúcar produção	255	Melão	45
Cebola	84	Milho 1ª safra	84
Coco anão implantação	255	Milho 2ª safra	84
Coco anão formação	255	Sisal implantação	255
Coco Anão produção	255	Sisal produção	255
Coentro	200	Soja	105
Eucalipto implantação	255	Tomate industrial 1ª safra	84
Eucalipto formação	255	Tomate industrial 2ª safra	84
Eucalipto produção	255	Tomate mesa 1ª safra	84
Feijão 1ª safra	63	Tomate mesa 2ª safra	84
Feijão 2ª safra	63	Uva Implantação	255
Fumo	168	Uva Formação	255
Guaraná Implantação	255	Uva Produção	255
Guaraná Formação	255		

Fonte: SEI/EBDA/SEADE